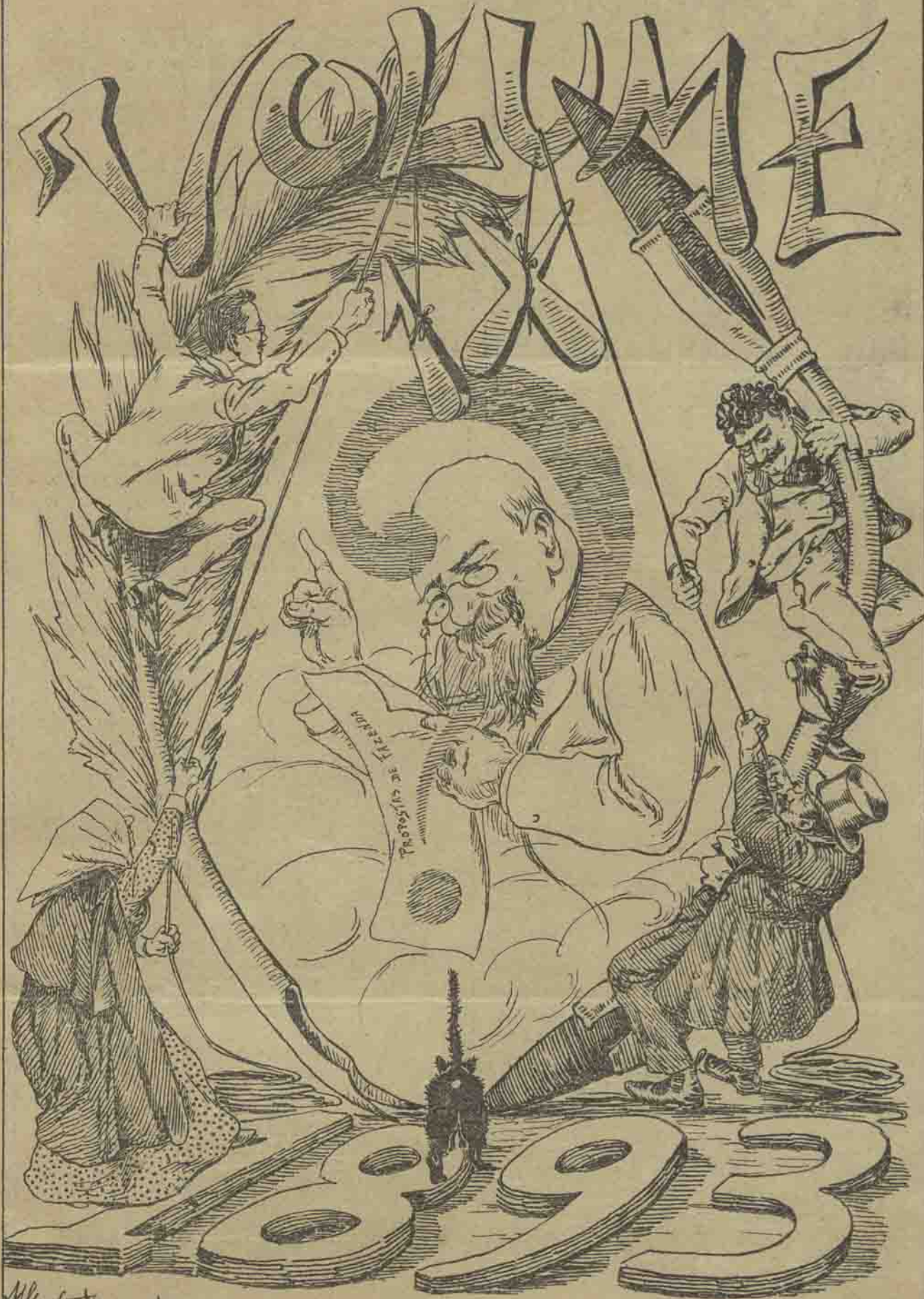




6904
M
re.

14 DE JANEIRO DE 1893

O ANTONIO MARIA



Gustavo Bordallo Pinheiro



Morto na flor da vida, não f. i. um celebre. O seu nome não ficará fortemente incrustado no espirito popular, mas na alma dos que o estimaram, que são quantos o conheceram, a lembrança da sua morte permanecerá como um espinho.

Variações

A estas horas, nos presepios de provincia, longo cortejo de barro cosido—os tres bons Reis Magos, Balthazar, Gaspar e Melchior, com seus pagens, arautos dromedarios, camelos e elephantes—desce por montes de cortiça, direito á estrebaria onde, núsiinho, sobre palhinhas d'oiro, bafejado pela vacca ruiva e pelo jumento branco, o Menino ri, as mãosinhas papudas sobre o vento rosado.

Turbantes em zimborio, gibões e capas de lhama, colmados de joias os dedos e os pescoços, os piedosos Magos, que nma sobrenatural estrella guia, levam oiros e incenso e myrrha em ambulans de metaes raros, onde insolitas pedras vertem prantos de cõr.

E, em torno do presepio, n'uma atmosphera aromatisada de loiros verdes, meninos e meninas, cabellos cortados sobre os sobrolhos e cascatao aos lados sobre os hombros, riem, cantam com boquinhas de lacre...

E nos aposentos, nas salas, nos corredores, corre o cheiro dos sonhos, das rabanadas, das orelhas de frade, das filhoses.

Passa-se isto nos agasalhados recantos de provincia, á beira d'agoas cantantes e d'arvoredos altos.

Aqui, n'esta cidade depravada industrial, onde não é dado ver o ceo senão atravez dos fios electricos, a festa passa como os dias alegres—sem se dar por isso.

Laminado o peito de desconsoladoras philosophias, perdida a sympathia pelas amaveis, velhas legendas d'outras eras, o dia dos Magos passa para nós como um dia qualquer. Temos em vez da toalha de linho fresco o marmore besta dos restaurantes; bebemos absyntho em vez de mel.

Calcando, machucando, esquecendo tudo o que a tradição tem de grande, de suggestivo e de levantado, assim vamos não para os astros mas para o seculo dos balões que antipathicamente se acerca.

*

* *

Um facto a registrar é não a admiração—que isso seria muito—mas a condescendencia com que o publico de S. Carlos tem ouvido o *Lohengrin* de Riccardo Wagner.

Wagner, pondó completamente de banda a musica italiana, accessivel a todas as comprehensões, e fazendo com incomparavel genio uma arte completamente nova, cheia de imprevisito, de solemnidade e grandeza, era tido até ha pouco como um mystificador ou um desnorteado cuja obra tinha para a maioria a mesma significação que para a maioria tem as inscripções do obelisco de Louqsor e os çlokas são-criticos.

Uma restricta minoria composta de subteis de sabios, de artistas, fugia á corrente geral, votando o mais fundo enthusiasmo ao notabilissimo Mestre.

Com a obra de Wagner está acontecendo, felizmente, o que acontece com todas as grandes obras

A massa intelligente, a minoria intellectual vae convertendo, a pouco e pouco, a grande massa desconfiada e estúpida, incapaz de qualquer grande esforço de comprehensão esthetica.

O *Lohengrin* que, ainda ha pouco, era ouvido com raiva e troça é já hoje escutado com attenção.

O *Lohengrin* é das obras de Wagner a que mais facilmente pôde aquecer os ouvidos barbaros. As suas outras operas difficilmente poderão insnuar-se, graças a sua estranha complexidade, só decifrável pelas vontades finas e esclarecidas.

A attitude do publico de S. Carlos como symptoma de regeneração artistica é, pois, um tenue symptoma.

Mas é um symptoma que todos os espiritos, esforçados em entronisar os talentos puros, devem applaudir com alegria e vehemencia.

Eu.

*

BIBLIOGRAPHIA

Manuel Barrada.—*O general Gomes Freire*. Estudo historico sobre o famoso militar.

D. João de Castro.—*O Morgadinho*. Um volume de versos frescos, d'um sympathico sabor silvestre, modelados segundo as formulas da prosodia moderna.

THEATRO DE S. CARLOS

REGINA PACCINI



Regina Paccini tem uma felicidade do tamanho do seu talento. Dizaz o leviano, e nosso publico não perde occasião de deprimir e hostilizar as notabilidades portuguezas.

Com a moça e distinctissima cantora não acontece assim. Perante o seu enorme talento, sob o prestigio da sua voz incomparavel, o entusiasmo rompe sem reticencias, franco e vibrante.

Regina Paccini é com certeza d'aquellas pessoas que no sete estrello vê:m seis es rellas e mais uma.

O ANTONIO MARIA

ABERTURA DA AUDIENCIA

O gigante defensor das liberdades patrias



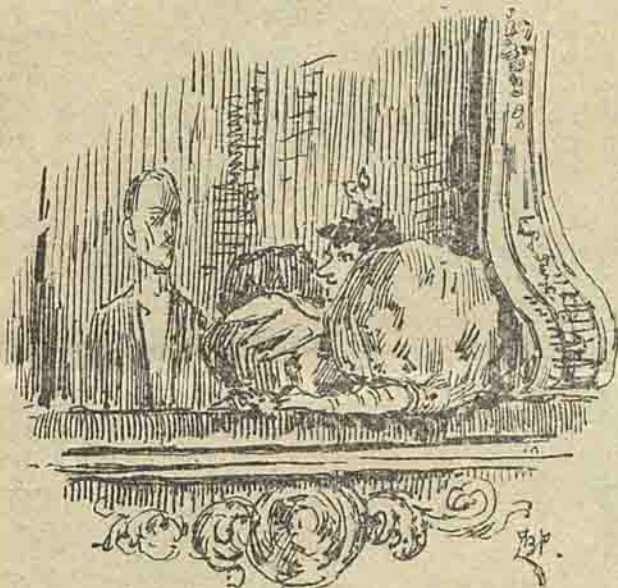
Zé Povinho: — Vão começar os debates, ó sr. dr. veja lá, não me *encrave* mais.
O gigante: — Descansa que estás nas minhas mãos. O mais que te poderá acontecer é ter de pagar as
custas . . .

THEATRO DE S. CARLOS



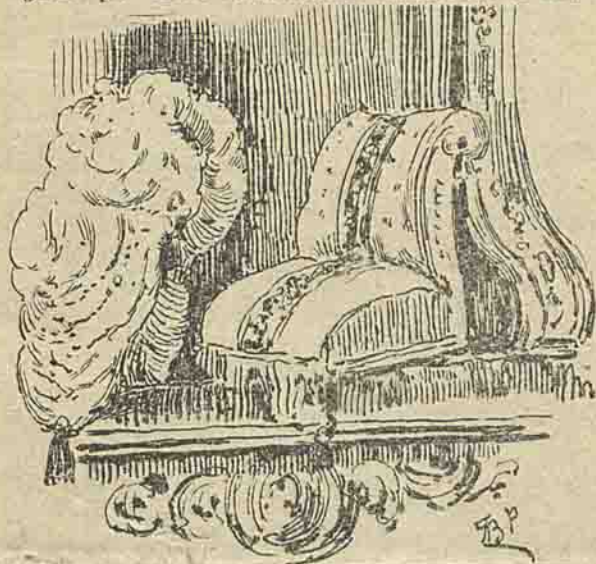
THEATRO DE S. CARLOS

O annuncio, como uma assustadora maré, vae alagando tudo: já chegou a S. Carlos. Na recita de gala via-se, á beira d'um camarote, um reclame de

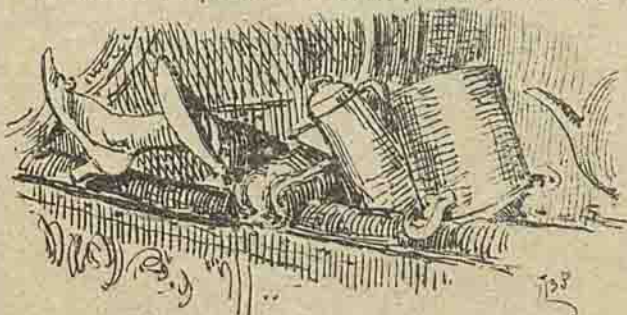


colchoeiro: do peitoril debruçavam-se um rico edredon de velludo, um colchão de molas, etc.

Em pouco, veremos o exemplo do colchoeiro seguido por todos os industriaes lisboenses. E será



para arregalar os olhos vêr a gente mobílias, botas de montar e sapatinhos de baile, panelas, chaleiras,



redes d'arame, fogões de cosinha, machinas de costura e outros muitos artefactos, engrinaldando bizarramente os camarotes do theatro lyrico.

Toilette com que os homens devem ir a S. Carlos.



O maestro é o retrato do distincto redactor do *Caldense*. Julgámos que, effeito da nova lei sobre os jornaes de provincia, o tinham obrigado a trocar a penna pela batuta.

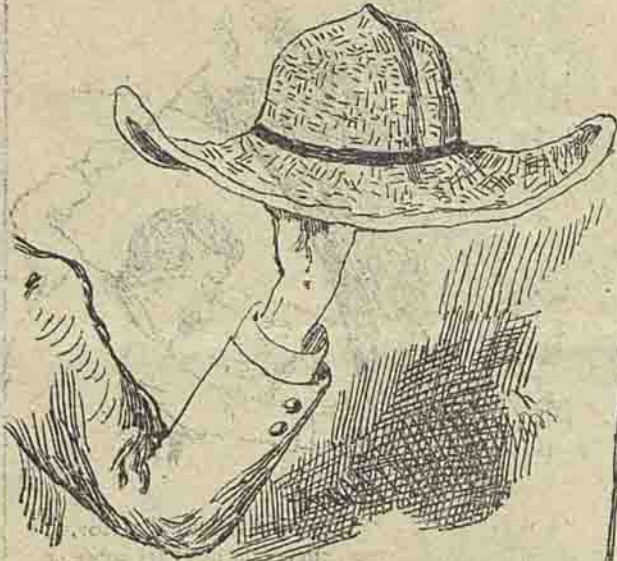
THEATRO DE D. MARIA



O *Tio Milhões*: uma espirituosissima peça allemã, deliciosa e espirituosissimamente representada pelos artistas do theatro de D. Maria, entre os quaes Rosa Damasceno prestigiosamente destaca.

O creador do **Sabão do Congo**, Victor Vaissier, fornecedor titular de S. M. o Rei dos Belgas, de S. A. o Rey de Tunis, etc, convida a sua numerosa clientella a pedir em toda a parte o *Pó Congolano*, adherente, invisivel, e o *Extracto do Congo*, perfume selectissimo para o lenço.

DEFINIÇÃO DO PANAMÁ



Antigamente era isto.



Agora é isto... e gorda.

O PROXIMO DISCURSO DO SR. MINISTRO DA GUERRA



Sua excellencia aprendendo a fallar.

JUSTIÇA DE MOIRO.

BILHETE DE DESPEJIDA DO GENERAL



PEIXE ESPADA AS CAVALGADURAS NEM OS MOIROS DE A MOIRAMA FAZERAM O QUE TU FAJESTES.

LEQUES E PERFUMARIAS



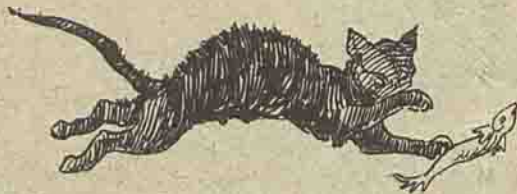
Contando com o *calor* que as medidas de fazenda vão produzir, o sr. presid: nte do conselho poz caridosamente os leques ao abrigo da sua gana tributaria. Como os leques, as perfumarias não foram feridas pela garra dos novos impostos. Excepção acertadamente aberta. Tudo isto está podre, tudo isto cheira mal; urge trazer o lenço perfumado.



O grande, o empolgante acontecimento dos ultimos dias tem sido a apresentação das propostas de fazenda, feita no palacio de S. Bento pelo sr. conselheiro José Dias Ferreira, agonisante corypheu dos nossos destinos.

Taes propostas semearam grande somma de desconsolos e indignações. Se os odios fossem flechas, o sr. presidente do conselho estaria agora como um ensaguentado S. Sebastião.

Pondo algodão nos ouvidos, indispensavel precaução contra a protesante gritaria, jardinemos um instante pelos planos fazendarios em questão, sobre os quaes o nosso conceito não é tão duro como o da maioria, brandura que se explica pelas atenções e caricias que o mallogrado salvador do erario dispensou aos gatos, nossos amigos.



N'esta era de subtis e complicadas philosophias, armadas como um abrigo para as cançadas almas d'agora, almas todas de convalescença e de sonho, o sr. José Dias apparece-nos atravez das suas propostas, como um raro philosopho, irmão collaço de Maurice Barrés, de Stéphane Mallarmé e de todos os contemporaneos creadores de ideologias.

A concepção philosophica do sr. José Dias assenta sobre este engenhoso thema: *Se os feijões fossem diamantes e se os diamantes fossem feijões, todas as tabernas venderiam caldo de diamantes e todas as rainhas se enfeitariam com feijões.*

Quer isto dizer: só é precioso, só é bom o que é raro.

As propostas de fazenda são a applicação d'este principio, e se os espiritos rudes parafustam contra ellas, os espiritos finos devem receber-as com grandolas de satisfação.

Só é bom o que é raro. Para tornar a vida boa e amavel, urge, pois afidalgar as coisas vulgares, tornando-as pouco accessiveis.

Praticando tão lucida theoria, o sr. Dias Ferreira carregou de direitos alguns generos odiosos pela sua estúpida barateza e vulgaridade, medida pela qual os mesmos generos passarão a merecer as mais escolhidas sympathias.

Uma pescada, peixe que até aqui era tido como um desprezivel peixe de burguezes, será futur mente uma comida de delicados, de exigentes.

D'esta arte o sr. Dias Ferreira nobilitou as coisas communs, augmentou o prazer, creando nova materia de prazer, serviço revelantissimo n'estes dias asperos, de desencantos.



O sr. Dias Ferreira era tido até aqui como um habil cansidico, como um argucioso deputado e como um chistoso cavaqueador, sendo-lhe negada, porém, qualquer disposição artistica.

As suas propostas fazem em poeira uma tal opinião.

O senso philosophico que presidiu á elaboração das propostas mostra chrySTALLINAMENTE que o habito não faz o monge, que a despeito dos seus inestheticos collarinhos em poltrona, da sua inesthetica pera e da sua inesthetica sobrecasaca, ha na alma do sr. Dias Ferreira ineffaveis finuras d'arte.

A protecção dispensada aos gatos nas já muitas vezes citadas propostas provam o noçso dizer.

Abrindo uma excepção para não amargar a existencia dos electricos animaes que n'este mez de friagens andam noivando com olhos de phosphoro pelos altos telbados, o sr. Dias Ferreira pôz-se ao lado de Charles Baudelaire, de Edgard Poé, de Wagner, de Alfred Ruffin e de tantos outros grandes senhores do Espirito, cuja amizade era continua pelos macios e orgulhosos bichos.

Justo é celebrar tão elevada iniciativa. E n'este sentido que os olhos poiem no projecto de monumento que a pagina central d'este numero exhibe.

Eu.



O creador do **Sabão do Congo**, Victor Vaissier, fornecedor titular de S. M. o Rei dos Belgas, de S. A. o Rey de Tunis, etc, convida a sua numerosa clientella a pedir em toda a parte o *Pó Congolano*, adherente, invisivel, e o *Extracto do Congo*, perfume selectissimo para o lenço.

AS MEDIDAS DE FAZENDA

(Variações)



Reconhecidamente, a sardinha levanta a sua debil e não auctorizada voz para significar ao sr. José Dias o seu fundo agradecimento.



Pastor dos campos da Ironia, conduzindo o seu rebanho de gatos, Fialho imita o exemplo da sardinha.



Quem fica a miar é o José Dias.



Perdi o meu mais fiel amigo. Enobreceram o bacalhau, que d'ora avante não poderá ser cosinhado no Carpinteiro.



Agora só poderá ser arranjado pelo grande Hotel Matta e só irá ás mesas dos principes.



Quem dá o unguento dá o trapinho. Quem deu o calor deu o abano.

A ESTATUA DO SR. JOSÉ DIAS

PAGINA DEDICADA À REDACÇÃO DA «TARDE»

«Os Gatos da Baixa resolveram hontem á noite mandar erigir na Ribeira Nova uma estatua ao sr. José Dias.
«A estatua representará o illustre ministro da fazenda, com uma coroa de sardinhas na cabeça e um chicharo na mão direita, montado n'um gato com um carapuza na bocca.
«Servirá de pedestal uma varina com uma canastra á cabeça, a que, de braços abertos, segurará nas duas mãos esta inscripção:

16 Janeiro—1893

AO PAE DOS GATOS

OS GATOS DE LISBOA
TARDE de 18 do corrente



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

Estatua que positivamente não será executada pelo sr. Moreira Rato por incompatibilidades faceis de perceber.

AS MEDIDAS DE FAZENDA

(Variações)



O Dom custa 15000 réis por anno. Já se não pô-de cantar a triste vida do marujo...



O actor Brazão indignado contra a imposto que cahé sobre o seu appellido.

THEATRO DE S. CARLOS

FAVORITA

MAU TEMPO

BOM TEMPO



Execução irmã do tempo: — irregular. Que o diga o Saragoçano Saraga.



Ao que elle chegou!
A disputar os alimentos dos gatos!

A REVOADA DOS IMPOSTOS



Graças ao novo imposto, passam a ser de chumbo as corôas d'oiro dos barões, viscondes, condes, marqueses e duques. Mas a mais pesada de todas, embora pareça leve, é a coroa de espinhos que o Zé tem na cabeça e que faz d'elle um Senhor da canna verde.

BURRICADA

Sessão de sabbado. — Corrida d'enganifa



Ganha perde : — Quem ganha é quem perde.

ESTALHAM AS CASTANHAS TODAS
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

ROZA ARAUJO



O enterro de Rosa Araujo foi uma das mais levantadas e sympathicas manifestações populares a que temos assistido. Atraz do caixão do honrado homem que nasceu rico e morreu pobre, que viveu a empobrecer-se e a enriquecer os mais, a cidade de Lisboa, que tão singulares serviços lhe deve, se viu magoada e agradecida, n'um longo cortejo onde os corações iam de luto como as almas. Consolador espectáculo que accendeu uma estrella no ceu carregado de injustiças.

Variações

Mais um...

Decididamente, estamos no tempo da desillusão. Cada dia novo é um traço negro sobre uma esperança velha.

Perdida a confiança em todas as collectividades politicas, cuja venalidade, desorganisação e insignificantes intuitos se constata a vista desarmada, como as manchas do sol, os poucos que ainda não tinham cahido na resignação da ruina proxima, sobscriptavam os seus sonhos para meia duzia de isolados, de independentes, cuja interferencia nos negocios publicos era reclamada nas horas de suprema angustia.

Por desgraça, porém, sempre que um d'esses isolados, accedendo ao sensibilisante rogo popular, deixa o seu amavel retiro, a macia serenidade do seu viver e começa a mecher os arames governativos, não ha mais do que aguardar decepções.

Veja-se o caso Chancelleiros.

Poucas pessoas tinham em Portugal uma tão appetivel legenda. Considerado como um inquebrantavel de fé solida, a sua ultima ascensão ao poder foi unanimemente acolhida com enthusiasmo verdadeiro. Intransigente, vendo que não devia collaborar, posto que indirectamente, n'uma obra má, a sua queda foi olhada como um triumpho, como o procedimento dignissimo d'um honrado. Sahi do ministerio de cabeça alta, como tinha entrado.

Chega a hora de liquidar as contas, de apurar as responsabilidades. Immediatamente, o sr. visconde de Chancelleiros pede a palavra na camara dos Pares.

Faz se um grande silencio.

Freme de indignação, o olhar faulhante, a juba crespa e levantada como uma labareda, voz de trovão e gesto de athleta, o ex-ministro rompe n'uma soberba catilinaria contra o governo. Parece que sahem navalhas e chicotes da sua bocca.

Diz tudo o que sente, francamente, sem uma reticencia, sem uma hesitação. Pragueja e insulta, clama, quasi que chora, quasi que ameaça. O assombro é geral. E geral a admiração por esse raro, que, pondo de banda todas as conveniencias, todas as considerações, diz chãmente a verdade, a verdade nua e crua.

A noite cortou a famosa pração do visconde de Chancelleiros que ficou com a palavra reservada para o dia seguinte. Chega o dia seguinte e para o palacio de S. Bento converge uma compacta multidão curiosa de ouvir a conclusão da escandalosa harenga. O começo fôra de polvora, o final devia se de dynamite.

Ingenuidade!

O Hercules deixára a clava e a pelle e apparecia vestido á Luiz XV. Não praguejou, não insultou, não recriminou; ped u perdão, deu o dito por não dito. Em vez d'um espinho um velludo. Parecia um caçador pondo pontos no ventre d'uma galinhola por elle ferida.



Foi pessimo o effeito produzido por uma tal mudança de tom.

No primeiro dia o sr. visconde de Chancelleiros foi um sincero, disse tudo o que sentia, captou todas as sympathias; no segundo dia appareceu como um calculista, cedeu a pedidos, ou não quiz envinagar a vida e attrahiu para si o desgosto de todos.

O visconde de Chancelleiros era um dos raros. Um raro a menos.

Eu.



Com as bolachas *carnavalescas* Eduardo Costa provou que todos *a* comem, que a dificuldade está em *a* saber ministrar.

O creador do **Sabão do Congo**, Victor Vaissier, fornecedor titular de S. M. o Rei dos Belgas, de S. A. o Rey de Tunis, etc, convida a sua numerosa clientella a pedir em toda a parte o *Pó Congolano*, adherente, invisivel, e o *Extracto do Congo*, perfume selectissimo para o lenço.

SEMANA PARLAMENTAR



Um é que está assanhado, o outro é que tem a pelle.

Depois da tormenta a bonança.

O MINISTRO DA MARINHA NO SEU «CHARUTO»



Leva bilhetes de visita nos remos. O mar está picado de mais para embarcações tão chatas e compridas. Bem sabemos que o illustre ministro já fez viagens largas em embarcações ligeiras. Mas então era o marinheiro va lente, ao passo que agora é o homem das pelles... *pelludo*.

CAMARA DOS PARES

A CABEÇA DO SR. VISCONDE DE CHANCELEIROS



Sessão do dia 30 de janeiro.

Sessão do dia 31 de janeiro.

DA MÃO DE V. EX. NÃO ACEITO
NEM A PRÓPRIA CABEÇA.

UMA BELLA CABEÇA CHEIA DE TALENTO

NÃO ESTÁ AQUI

NEM AQUI

FOI-SE

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

A cabeça estava perdida entre o applauso de muitos.

No dia seguinte aparece nas mãos do sr. José Dias entre a tristeza de todos.

Theatro de S. Carlos



O *Orpheu* de Gluk, peça para ser ouvida de casaca de seda e peruca, é muito bem cantado por Stahl, que no segundo acto quanto toca a lyra faz o gesto de quem toca realejo. Lina Cassandro, uma Euridicesinha muito parecida com o sr. Alves Correa, tanto persegue Orpheu, tanto faz, tanto canta, que afinal lá consegue que elle repare n'ella. Ao que parece Orpheu tinha mau olhado, porque a rapariga morre com a olhadella, Orpheu aproveita a occasião da morte ou antes da somneca de Euridice para nos fazer ouvir um commovente necrologio em musica em que mostra a sua atrapalhação por não saber o que hade fazer sem a sua Euridice. Tão bem canta o seu desgosto, que afinal lá apparece um providencial o assaz feio Amorsinho, que desperta Euridice, recolhendo os dois amantes a penates, muito felizes e muito reconhecidos.



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

O sr. Freitas Brito, empresario previdente e respeitador da tradição, tendo que celebrar o centenario do theatro de S. Carlos, acaba de escripturar o corpo de baile que dançou na inauguração d'este theatro, no seculo passado

As jovens bailarinas depois do centenario passarão a fazer parte do Museu Archeologico do Carmo.

Theatro de S. Carlos



A Norma... pode servir de norma á empresa para os espectaculos normaes do Theatro de S. Carlos. Definindo a recita d'hontem, só um dito tão espirituozamente besta como este, mendonçacostamente fallando.

O CRIME DO COVÃO

ANTES DO COVÃO

DEPOIS DO COVÃO

CONCLUSÃO



SAPATOS, AMBOS DO PE ESQUERDO

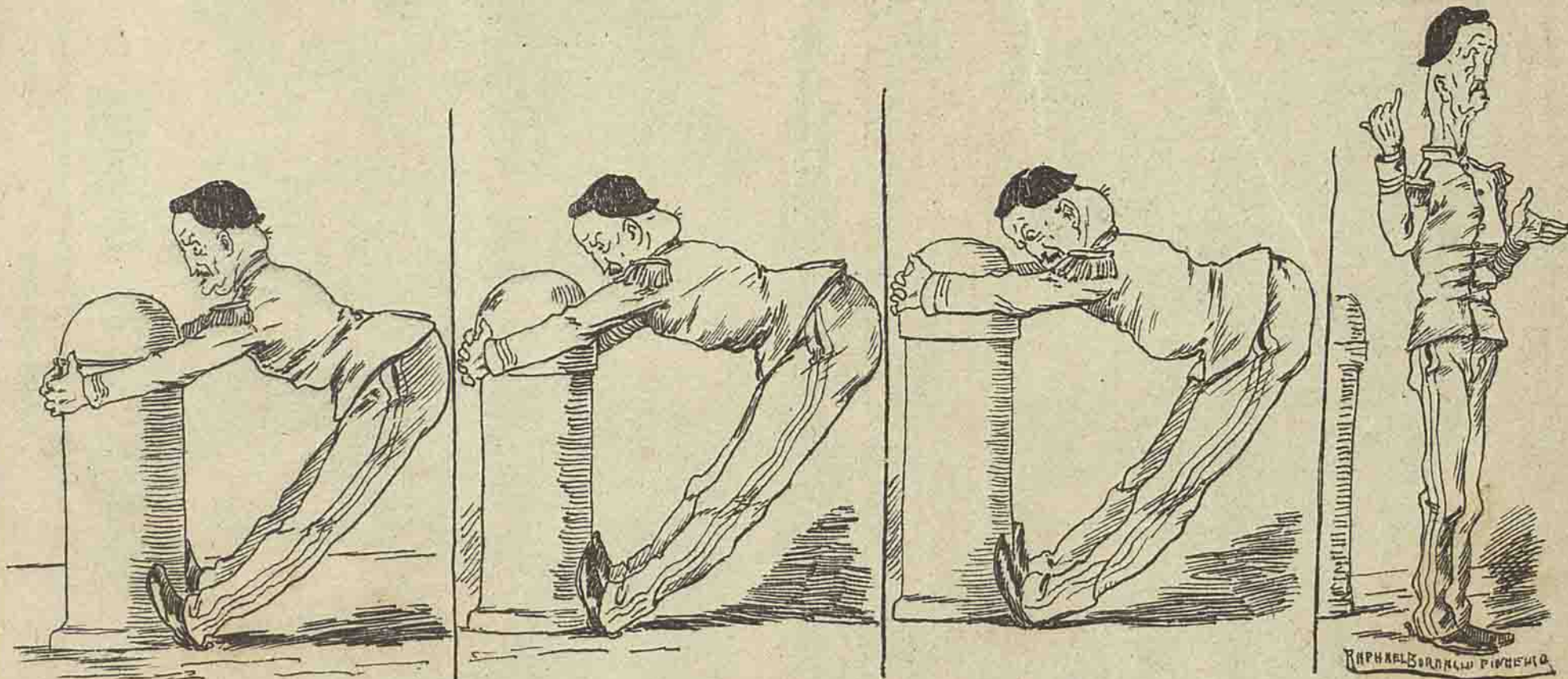
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

As sopeiras tujo caldos e doçuras com os municipaes.

Cruzes canhoto homem do covão e do terçado que pagam cariuhos com o terçado no covão.

Os fadistas vão ter o premio de virtude. São muito mais doces na maneira de pôr as tripas ao sol.

O CELEBRE DISCURSO DO SR. MINISTRO DA GUERRA



Hade sair!

Hade sair!!

Hade sair!!!

Afinal não valeu a pena tanto esforço!

NOTA.— Parece que o notavel discurso será na proxima semana do carnaval. A demora fez com que já apparecessem algumas phrases soltas em... bolachas. Encontram-se nas caixas de biscoitos carnavalescos de Eduardo Costa, á Pampulha.

A EXTREMA-UNÇÃO



Quando o conego Alves Matheus prestou juramento na camara era acompanhado por dois ecclesiasticos.
Foi a extrema-unção. Minutos depois o ministerio dava a alma ao Creador

RESOLUÇÃO DA CRISE



Por distracção, o sr. Serpa pôz na cabeça o chapeo do sr. Hintze, e logo o sr. Hintze se cobriu com o chapeo do sr. Serpa. O sr. José Luciano ficou com o seu chapeo e o sr. José Dias retirou com a careca á mostra.



AFINAL VOLTA COM ELLE PARA O QUARTEL - ORA QUE PENA!

EM ALCOOL



Dizem que são estes abortos a causa da nossa desgraça.



Nada tão curioso, tão de geito para encher os vagues d'um psychologo como o entrudo, se este fosse o que devera ser, uma libertação momentanea de todos os preconceitos e convenções.

Postos á vontade, sem o açaimo da conveniencia, os espiritos appareceriam nús, exhibindo sem hypocrisia os seus instinctos, as suas predisposições e feitiços, ainda os mais damnados e singulares.

Ainda se toleraria o entrudo, se o entrudo fosse não o que fica dito mas ao menos um periodo de sincera alegria encravado no meio d'um anno de melancholias e desapontamentos.

O que, porém, não devia tolerar-se e se toléra apenas por passividade e indolencia é o entrudo como elle se tem realisado, como ainda este anno se realisou, um entrudo de brutalidade e tristeza.

Assim, nada me parece tão natural e sensato como o proceder de certas raras pessoas que, desejando manter o lustro dos seus chapéus e das suas botas, a limpeza das suas sobrecasacas e o descanso dos seus callos, viram as costas ao carnaval e partem a passar os tres dias de doídice em qualquer sereno arredor de Lisboa, em Cascaes, em Cintra, em Bemfica ou em Queluz.

O entrudo d'este anno foi o que sabeis:

Uma folia de selvagens brancos. Chapéus amolgados, vidros partidos, casacos rasgados e exhibição de trapos relles: eis tudo.

Nem uma faúlha de espirito rompendo a bocca rubra d'uma mascara, nem um *costume* comico alegrando os olhos dos que tiveram a doce ingenuidade de sahir para vêr a festança.

E no entanto quanto dinheiro gasto, mal gasto, tolamentemente atirado á rua, n'um frenesi de loucos!

Em face das enormes sommas dispensadas á tóa e das boas vontades que as disseminaram sem nexo, o appetite vem de canalisar intelligentemente essas sommas e de aproveitar, educando-as, essas boas vontades, preparando, para os annos futuros, carnavaes pittorescos que alegrem os olhos e os espiritos.

Mandada para o exilio a brutalidade do costume, nada tão facil como a preparação d'um entrudo di-

vertido, cheio de imprevisito, de movimento e de cõr, composto de cortejos comicos sabiamente organisados e de bailados que não fossem as insensatas, ordinarias pagodeiras d'agora, mas concebidos e detalhados pela imaginação d'um pintor ou d'um poeta.

Dada a absoluta incompetência da maioria, a organização de taes festas deveria ser confiada a artistas, proprietarios de sentimentos artisticos fóra de discussão.

Isso feito, conviria restringir, delimitar a area dos divertimentos publicos, fornecendo socego aos que o appetecessem, deixando aos tristes, aos doentes e aos macambusios ruas bastantes para socegado passeio das suas enfermidades e melancholias, pois que nada ha tão injusto e inclemente como collocar um desconsolado na contingencia de apanhar com trez kilos de tremoço ou com litro e meio de agua suja e de ser varado com a suja dicacidade de qualquergaroto petulante ou de qualquer carvoeiro brutamontes.



As festas recempassadas foram singularmente tristes. As chufas dir-se-iam tiradas a ferros, as gargalhadas soavam como coches d'enterro aos trambulhões por um caminho de cascalho.

Um dia d'annos n'uma enfermaria.

Em breve, a procissão dos Passos subirá lenta, pelo Chiado.

Pois n'esse dia, excluido o tremoço e as *cocottes* de papel, calladas as côres berrantes dos mascarados, o Chiado será tão triste como a terça feira gorda, se não fôr mais alegre.

Eu.

O creador do **Sabão do Congo**, Victor Vaissier, fornecedor titular de S. M. o Rei dos Belgas, de S. A. o Rey de Tunis, etc, convida a sua numerosa clientella a pedir em toda a parte o *Pó Congolano*, adherente, invisivel, e o *Extracto do Congo*, perfume selectissimo para o lenço.

QUARTA FEIRA DE CINZAS

COISAS PERDIDAS



Um policia perdeu a paciencia. Um cocheiro perdeu o chapéo Um cosinheiro perdeu o palladar. Um crealo perdeu o tacto



Um musico perdeu a embocadura. Uma senhora perdeu os sentidos.

Um bebado perdeu o equilibrio.



Um homem serio perdeu a cabeça.



Um poeta perdeu as illusões.

Nós perdemos o tempo

CARNAVAL

Entrudo



SEGUNDA FEIRA GORDA - CARRO DO SENHOR BARRAL

DOMINGO GORDO - CARRUAGEM DOS SENHORES COLLARES E BARRAL - ENFEITADA COM FITAS ENCARNADAS E PRETAS



TERÇA FEIRA GORDA - CARRUAGEM DOS SENHORES COLLARES E BARRAL ENFEITADA COM FITAS AZUES E BRANCAS



ALCYDES DA MOURARIA.

BORTALLO VITHELL

No meio de todas as mascaradas, de todos os cortejos, as carruagens dos srs. Collares e Barral, muito bem ornamentadas, apresentaram-se garbosamente. Foram as duas unicas coisas lindas do entrudo. Oxalá o exemplo d'quel'es srs. fosse imitado por quem está em condições de os imitar, que teriamos tido um entrudo fino e agradável em vez do entrudo reles que tivemos.

Durante o recempassado carnaval o espirito foi representado pelo... popular José Augusto e pelo rei da Madureza.

ESTRORDINARIO DISCURSO DO REI DA MADUREZA

VARRANDA DE PILATOS

TRISTE RECONHECIMENTO

TROUPE FREITAS GAZUL



Terça-feira d'cntrudo, fomos cumprimentados pela *troupe* Freitas Gazul, um bando de rapazes novos, todos musicos habilissimos. Soube-nos bem ouvi-os tocar. Os nossos regalados ouvidos agradecem do fundo do tympano a delicada attenção da *troupe*.

BIBLIOGRAPHIA



Tristia, por Anthero de Figueiredo.
Mais um na ala dos novos.

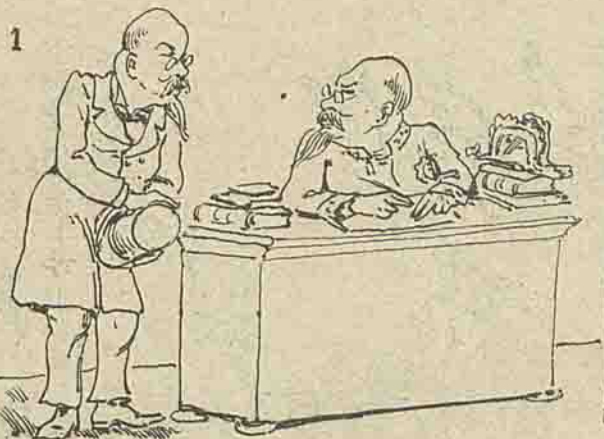
Tristia é, como os livros do agudo e subtil Francis Poictevin, um notação leve de estados d'alma. Não se destina ao grande publico, que á nuança doce prefere sempre a cõr estridente.



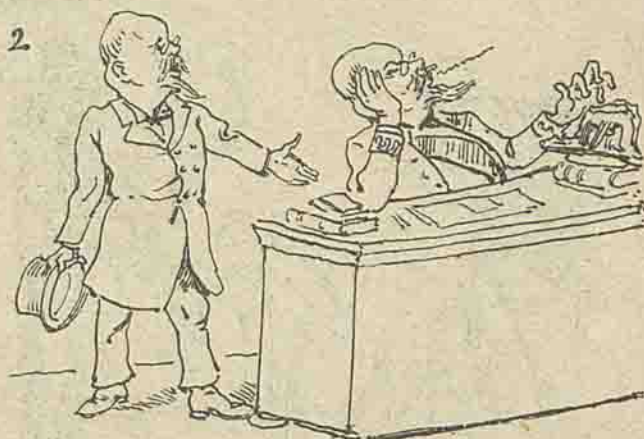
A *brasserie* do *Chat Noir* é agora servida por tres novas francezas, mesdemoiselles Alice, Marguerite e Lina, recémchegadas do torrão gaulez.

Dada a estufiante alegria, sempre viçosa e communicativa, d'essas tres raparigas, tão de geito para quebrar a nossa natural melancholia, e dadas as sempre attenciosas maneiras de Vuetelet, proprietario da *brasserie* não é para extranhezas que este se torne em breve o ponto de reunião de todos os rapazes finos de Lisboa.

OS DOIS ZÉS



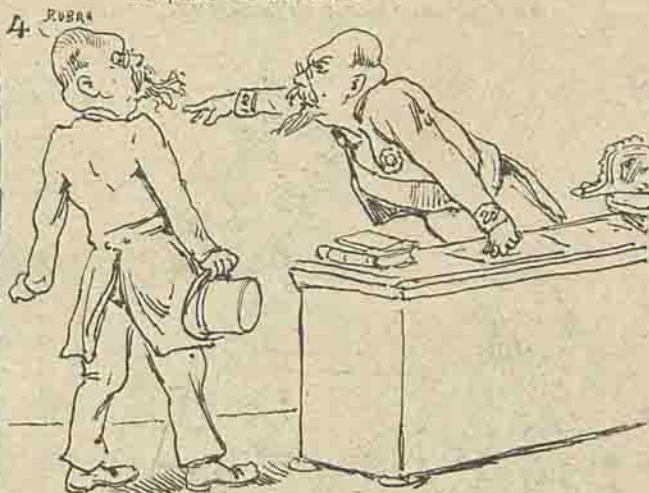
—Sr. conselheiro...
—Que quer?



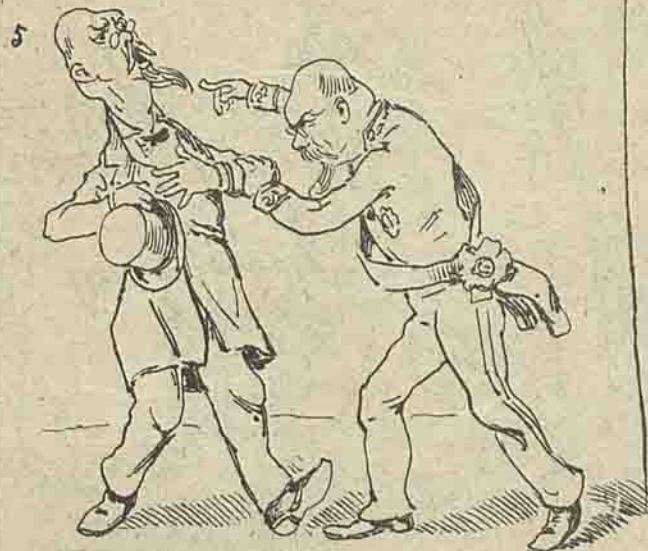
—Venho lembrar-lhe que ha vinte annos...
—Ora, não me masse!...



—Quem é você?
—Sou o Zé Dias.



—Ponha-se lá fóra!



—Mas, sr. conselheiro, sou o Zé Dias..

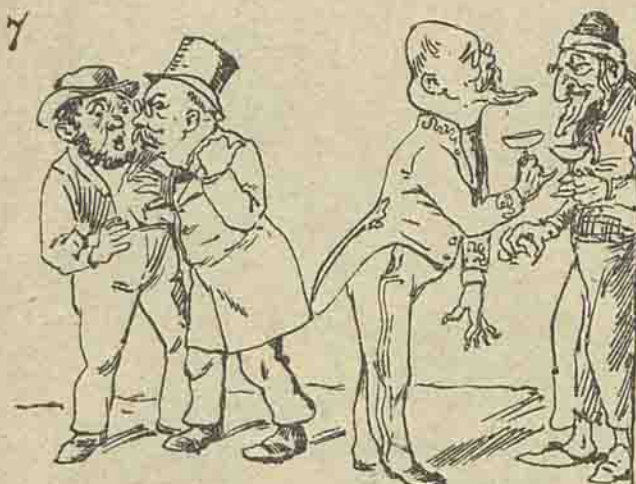


—Ora governe-se! Bem Zé Dias é cada um em sua casa com sua mulher e seus filhos.
—Ah! sim, elle é isso, pois espera...

(Continua)

OS DOIS ZÉS

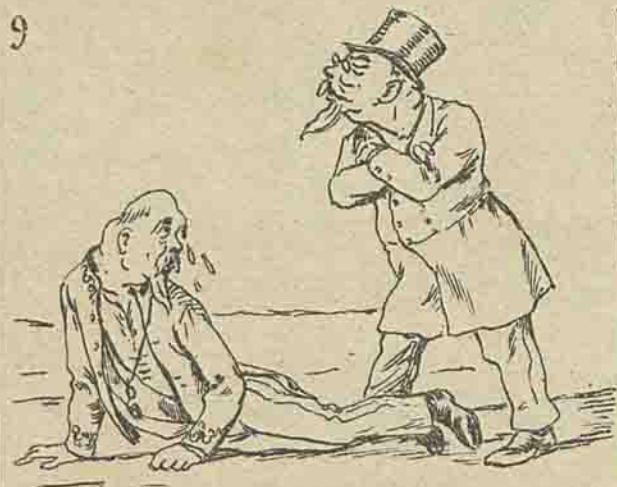
Continuação)



Zé Dias tanto intriga o conselheiro,



que, zás pás, prega com o conselheiro em terra.



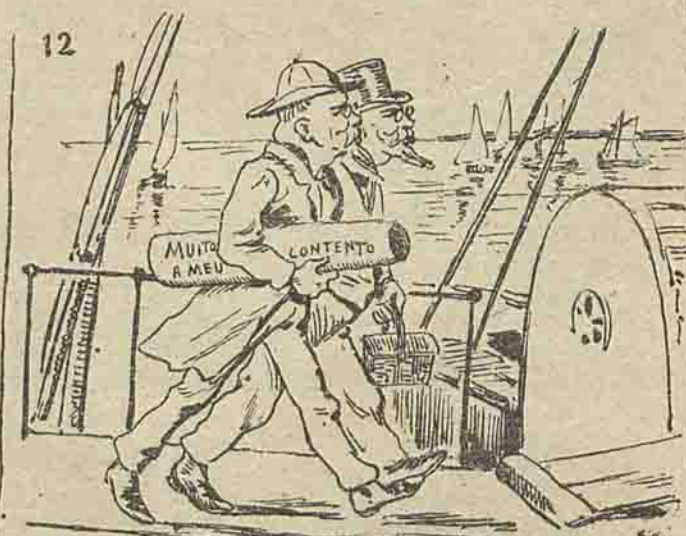
—Então agora?



—Adeus, Pires!... Como a fortuna é varia!



—Zé, só tu és meu amigo. vem a meus braços!
Amicus certus in re incerta cernitur.



—D'hoje em diante somos um! vamos para Caçilhas. Que os Bichos nos sejam propícios n'este momento solemne.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

DR. PINTO COELHO



A morte do dr. Pinto Coelho conseguiu esta coisa rara: congregou de volta do ataúde do velho e honrado cidadão—*sans peur et sans reproche*—Clero, Nobreza e Povo. N'essa derradeira hora, a mais affectuosa comunhão de sentimentos consagrou a lembrança das suas virtudes, e demonstrou, do modo mais formal, que fôra um sementeiro excellente aquelle que uma tão grande seara de bênçãos, de respeitos e de affeições conseguira faazer brotar do mais difficil terreno: o coração... Provado ficou tambem que os mais diversos intuitos—espirituaes, temporaes, de sciencia e de economia publica—podem, quando governados por um caracter coexistir sem contradição no mesmo cerebro, e fructificar, com lesão propria talvez, mas não com lesão alheia, ao calor da mesma vontade...

Variações

D'esta vez, isto não é nada fácil: fazer uma chronica de espirito. A custa dos acontecimentos politicos da semana, encheram-se de graça os mais graves e macambusios conselheiros do jornalismo, e é ver como a foa chalaça portugueza teve êntim na primeira semana de quaresma a sua verdadeira Paschoa!

Como somos exagerados em tudo, desde o feitto das calças, até ao feitto das opiniões, esgotámos em meia duzia de dias uma provisão de laracha, que poderia, bem governada, chegar para o resto do anno; e talvez, administrada pelo sr. Fuschini, com saldo para o anno que vem...—Sempre seria uma gloria para o novo zelador da fazenda, e o que quer que fosse de inesperado por banda um ministerio presidido pelo sr. Hintze—o bem conhecido *homem que não ri...*

Diz o refrain gaulez que

Les portugals
Sont toujours jais

Nem sempre. D'esta vez, por exemplo, creio que extravasaram para a quaresma os sobejos da alegria do carnaval...—se é que não foi uma excentricidade do sr. José Dias, que de algum modo quiz deixar nome, esta bizarra lembrança de atirar com uma garrafa de Champagne—para cima de um costal de bacalhau...



Depois, nós parecemo nos muito com as creanças; e está averiguado que o que o paiz quer, como os Bébés, são bonecos novos. Bonecos novos que façam partes novas, que é como quem diz:—ministros novos e programmas novos... Para brincar, para rir, para ter o prazer de os escangalhar, como os Bébés!...

E d'esta vez foi felicissimo Zé Bébé. Deu-lhe Papá cinco ministros novos, novinhos em folha...—que mais quer o petiz? Dois com farda, dois; um com capello, tres; um com a sua capa-d'honras, quatro; e então o quinto, que faz coisas engraçadissimas com um chapéu na ponta de um nariz... Os outros dois veem envernizados: aquelle que estava sempre assim... carrancudo! .. e que se tinha rido uma vez

para John Bull, motivo por que teve tres annos de castigo; e então esse demonio feito de pau da Beira, que gyra e vira e tira e pira—e que não está quieto um segundo! Sete. Para os Lucianos de Boticas poderem tambem chamar ao bando, sem grande chalaça, valha a verdade—os sete peccados mortaes...



Mas mal chegaram, foi um regalo! Viram-se para os paesinhos e dizem-lhe assim:—Rual! Queremos a casa para os ensaios! E viram-se para os emigrados e fazem-lhe assim: «Psch! Entrem! Quem não tem cabeça não paga nada!»

Ricá gente, palavra; que até vae tirar a rolha da bocca da gente!

Fóra o mais! fóra o mais!

Fóra o mais que eu não quero contar.

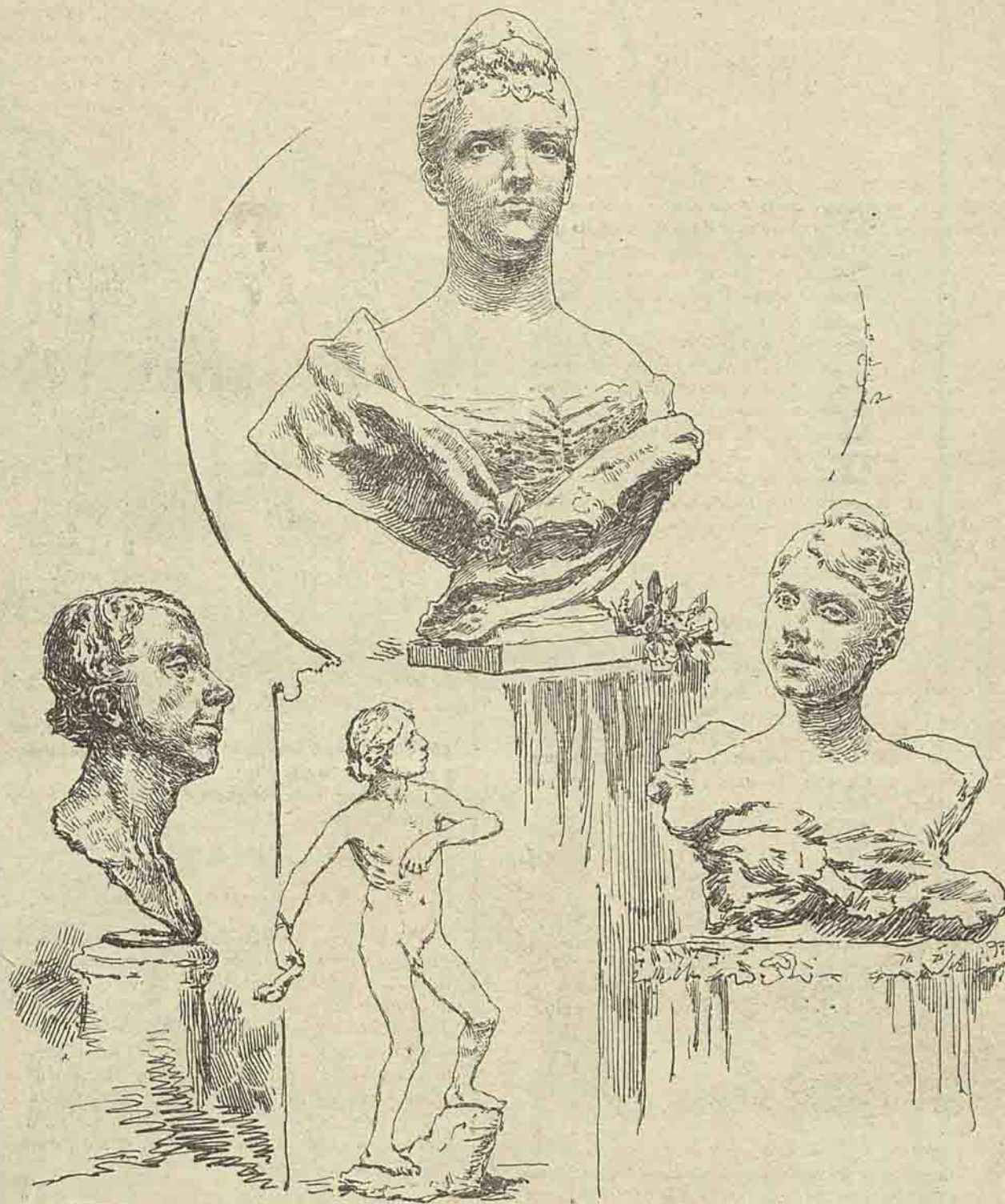
Por isso vae um gaudío em Paio Pires, com fuetada; por isso andam as creadas em carroça; por isso fazem sortes, nos arames, os sapos e as andorinhas; por isso estão constipados, em Freixo de Espada á Cinta, seis clarinetes; por isso na Camara dos Pares, com o sr. marquez de Vallada a todo o pau, Casal atrá busca-pés que não buscam senão cabeças: por isso não perde pitada, em S. Carlos, o sr. Fuschini—por ser ministro, decerto, por ser ministro... acabado em *ini*; por isso, n'uma palavra, illuminaram as parteiras...

... Que está de esperanças o paiz! Verde é a esperança—da côr da cevada... verde!

Aza.

O creador do **Sabão do Congo**, Victor Vaissier, fornecedor titular de S. M. o Rei dos Belgas, de S. A. o Rey de Tunis, etc, convida a sua numerosa clientella a pedir em toda a parte o **Pó Congolano**, adherente, invisivel, e o **Extracto do Congo**, perfume selectissimo para o lenço.

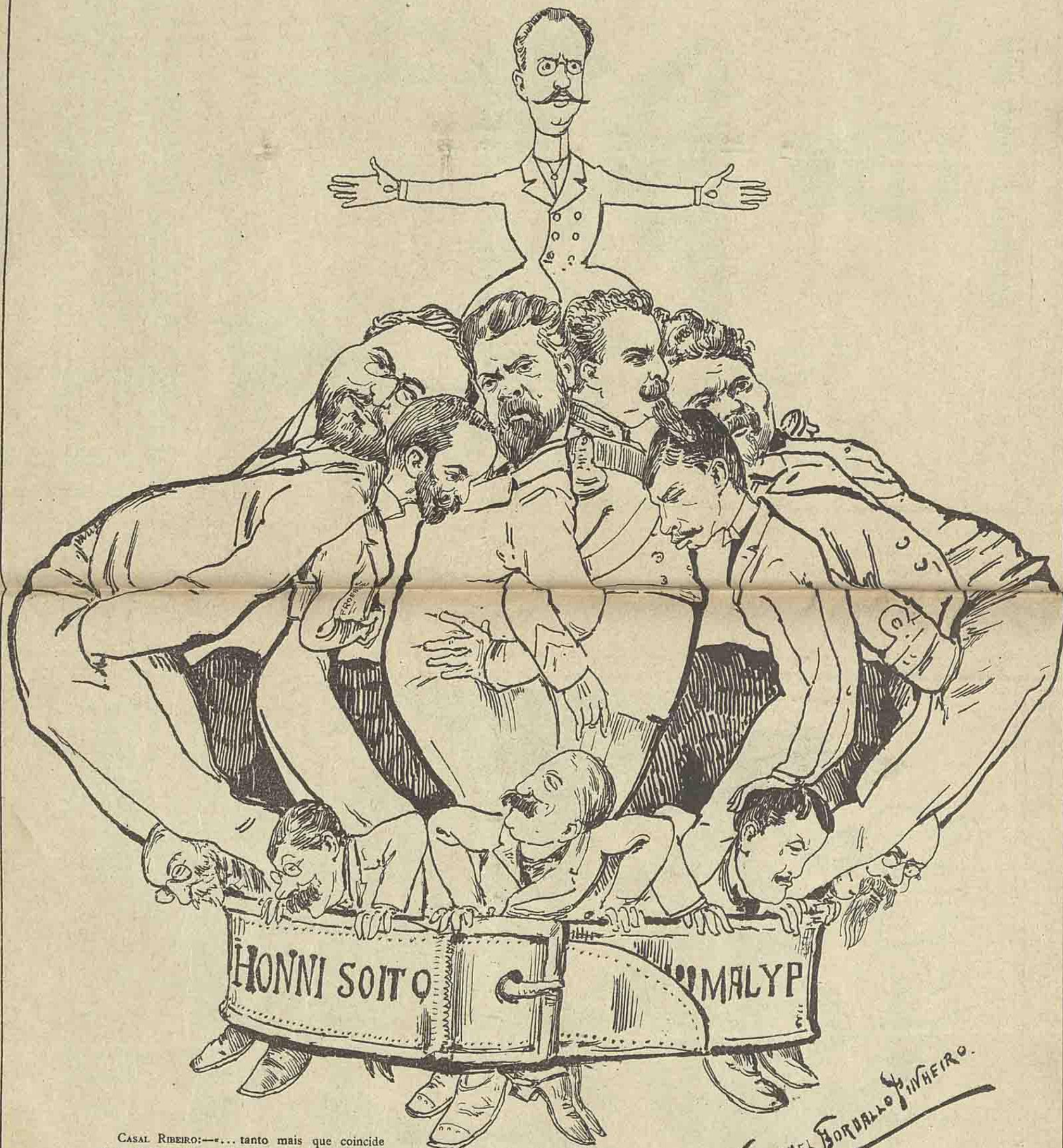
ESCUPTURAS DE THOMAZ COSTA



Com uma concorrência *very selected* e um cordealissimo successo, ha dias que na livraria Gomes se exhibe á mais levantada e mais pura deleitação espirital dos lisboetas uma exposição de esculturas de Thomaz Costa, —aquelle dos nossos artistas que sob o exterior mais macio, mais sem arestas, mais vellutineo e mais manso, encerra talvez a vontade mais duramente batida, e a mais confiada e lucida perseverança na intemerata prosecução do seu thema de ideal e de trabalho.

Puro *parnasiano* da linha, filigranado temperamento artistico, talento longo e doloridamente filtrado por toda a dantesca série de subtilisações da moderna arte, Thomaz Costa allia por uma fórmula ineluctavelmente bella, perfeita e duravel, á extrema delicadeza do *toque* e insuflamento vital da inspiração, á dedada bem visionada e larga, a sciencia subtil do acabamento; por fórmula que as suas obras principaes,—como o busto de Antonio Nobre e aquelle paradisiaco estudo de mulher em marmore,—conseguem ser, ao mesmo tempo, uma etherisação e uma verdade, uma concreção plastica de sonho e um retalho flagrante de ideal.

FOI O QUE SE POUDE ARRANJAR



CASAL RIBEIRO:—... tanto mais que coincide (a amnistia) com o advento do governo ao poder, governo de puro metal monarchico, posto que n'elle haja .. alguma liga. (risos).

PRESIDENTE DO CONSELHO (Hintze Ribeiro) — ... todos os elementos do ministerio teem por bandeira servir a causa do paiz e a causa do rei,— e a moeda, para ser resistente, precisa ter liga, o que não impede que tenha corôa.

(Camara dos dignos pares, sessão de 24 de fevereiro, acabadinho de passar.)

RAPHAEL BORRALHO PINHEIRO.



Femininamente considerados, como diria o Carvelhas, dos dois circos o melhor, n'este momento, é o da Palma. Em quantidade e em qualidade. Lá floresce a Geraldine, que se não canta... encanta; lá floresce a não menos bella Emma Gauthier, neta da bem conhecida Margarida, a qual, comquanto ande por arames, com certeza não morre tísica; lá cavalga, enfim, a famosa baroneza de Rahden—mulher, oh! rapazes! mulher para todo o galope... —Emquanto no circo dos Recreios, o amator tem de contentar-se (e vamos lá que está com sorte!) com a bella Chiquita, a qual bella Chiquita, *chanteuse* de coisas frescas, tem um admiravel talento... de ventre. Queira Deus que lhe não doa...

PEREIS MINISTERIAES
(OBRAS PUBLICAS)



Caníço por fóra...

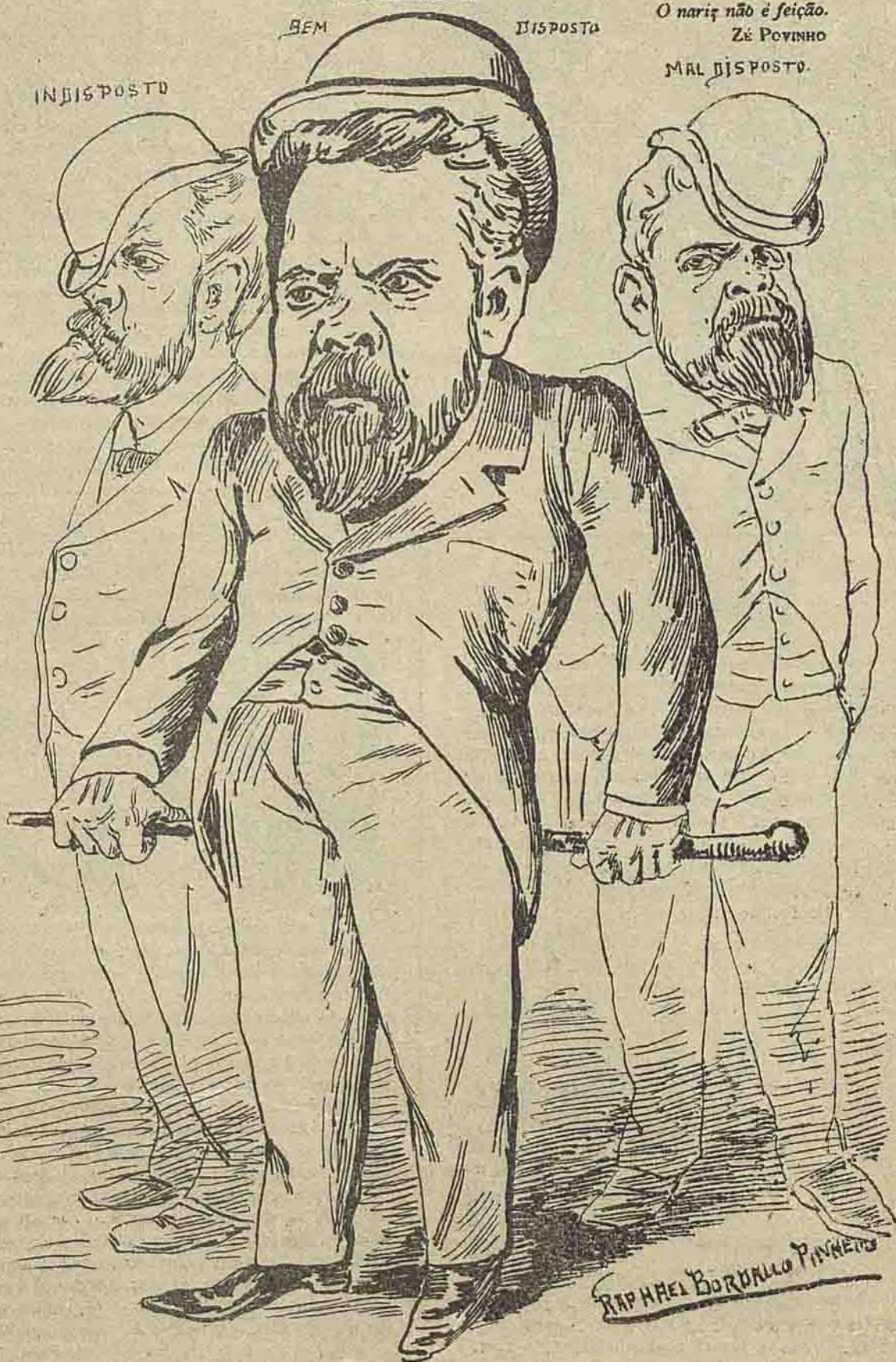
...aço por dentro...

ENVIADO... DE DEMOSTHENES



Casal pequeno, Ribeiro caudaloso

PERFIS MINISTERIAES (FAZENDA)



O nariz não é feição.
Zé Povinho

MAL DISPOSTO.

BEM

DISPOSTO

INDISPOSTO

Pouco nariz, mas muito faro.

TRINDADE COELHO



Trindade Coelho, que já na semana passada escreveu para o *Antonio Maria*, tem d'hoje em deante um lugar fixo á nossa meza de trabalho.

Vendo sempre as pessoas e as coisas por um desopilante prisma de alegria e de pittoresco, a indole da sua prosa saltante e faúlhante, casa-se admiravelmente com a indole do nosso jornal.

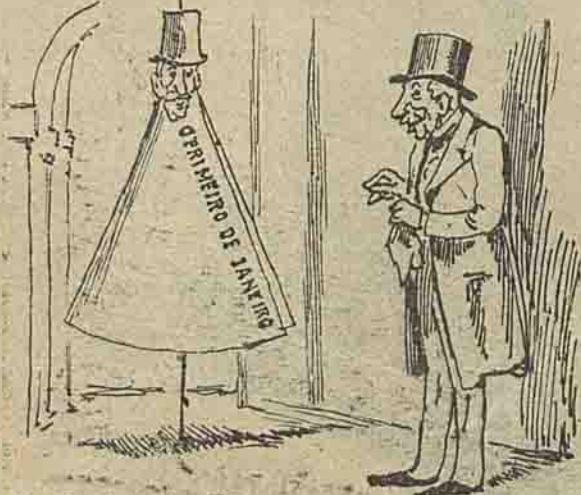
Pomos bandeiras e balões venezianos na alma, em signal de regosijo pela entrada de Trindade Coelho, certos de que identicas manifestações de jubilo serão feitas pelos nossos leitores...

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO - E. M. Augusto.

Variações

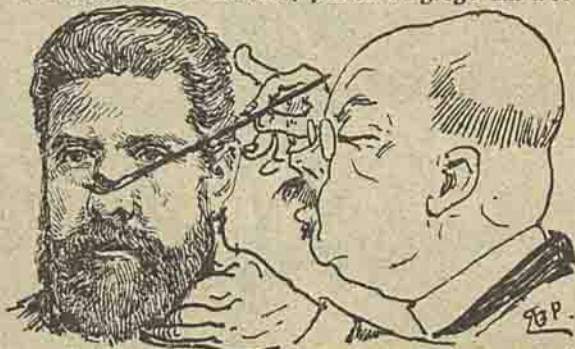
Ignoro que surpresas agradaveis nos trará no capitulo *economias* o consulado que ha poucos dias foi iniciado—sob os auspícios, diga-se a verdade, do mais lindo sol... Continuam doidos de contentes, no ar azul, os passarocos indigenas—o pardal, o melro, o tentilhão—e já para a contradaça da primavera cada um escolheu par nas princesas de arribação—as andorinhas...

Por isso mesmo, não sei que diabo faz ainda ahí esse camaroeiro do mau tempo que o sr. Baltar, do Porto, içou debaixo da Arcada—fabricado de um ve-



lho Janeiro, e juncto do qual se postou de sentinella elle mesmo, tirando o sol e a vista do Tejo ao mais graduado porteiro do mais graduado ministerio d'este reino...

Entretanto, a verdade é esta: como uma hypotese pode estar deante de uma realidade, o nariz do sr. Fuschini—que o *Diario Illustrado*, ministerial... até ás pontas dos cabellos, pintou de grego um d'es-



tes dias, assoando-o com mao usongeira—o proprio nariz do sr. Fuschini conservou-se deante do nariz do sr. Baltar, durante a semana, meio tristonho, meio abatido,—como á porta de um judeu refêce um frade mendicante...

...O que se por um lado concorreu para o pittoresco d'essa *feira da ladra* de esperanças, de illusões, de fardas de ministros e de deputados sem trabalho, que se chama a Arcada—por outro deixou ver aos suspicazes que Porto *continúa velando*—velando e medindo os novos ministros, lá de longe, e ao mesmo tempo correspondendo-se com o sr. Baltar por processos de telepathia ainda ineditos...

De resto, a captivante humildade com que os srs. ministros se dignam de apear-se... de si mesmos, todos os dias, á porta dos seus respectivos ministerios, dando dois dedos de cavaco aos que por ali demoram a tomar o sol, e comprando phosphoros á mulher gorda,—tres caixas por um vintem é symptoma—assáz eloquente de que a hora das *economias* chegou definitivamente aos relógios de suas ex.^{as}, pelos quaes, bem ou mal, teremos todos de acertar os nossos relógios...—inclusivè o sr. Baltar.

Por dar o exemplo, o sr. Fuschini prescindiu de alugar trem ac mez, como no tempo das vacas gordas faziam os seus antecessores. A um signal, acorre da fila dos trens, fronteira ao seu ministerio, a tipoiã do *Chinça* ou do *Pintéos*...

—Prompto, meu patrão!

... e ao mesmo tempo que o correio se installa na boleia, sotopondo á sua pessoa a pasta ministerial, o sr. ministro faz acertar pelo seu relógio a cebola do cocheiro, e diz-lhe, marcando a hora, que bata para as Necessidades...

Quan o a farda, consta que nem de aluguer—e que nem sequer feita de briche, da fabrica de Arrentella, o sr. Fuschini a deseja, ou pintada...

Por este camiho, já o sr. Baracho desconfia—que viremos todos a andar de tanga, mais hoje, mais amanhã...—inclusivê o sr. Baltar... Motivo porque



meia Lisboa anda já convertida ás doutrinas ultimamente prégadas por frei Thomaz, do pulpito do *Popular*, que nos permitirão, se pegarem, vistir como os mandarins de sedas luciolantes...—inclusivê, já se deixa vêr, o sr. Baltar...

Preferível será, porém, o *travesti* oriental, que já prelux, constellido de gemmas, ao olho cúpido do lisboeta, a esse refugio extremo da farda, cujas imunidades o sr. ministro da guerra se dignou pôr em relevo quando arengou um d'estes dias á guarnição, representada, em toilette de visita, pelos officiaes que o foram ver—de terra e mar... Porque após esse discurso, communicado na integra ao *high-lif* pelo phonographo do *Diario Illustrado*, tudo quanto nós tinhamos a fazer—nós todos!—era assentar praça em caçadores—inclusivê, está claro, o sr. Baltar...

Ora entre a espada e o rabicho, entre a fardeta e a cabaia—nós optamos, sem hesitar, pelo rabicho e pela cabaia—por amor do pittoresco...

Fica muito melhor assim o sr. Baltar



do que assim...



Mesmo porque a questão de nacionalidade já hoje, no conceito dos supremos juizes, não faz ao caso.

Ahi teem no parlamento o sr. Burnay que as *Novidades*, juram que é belga,—e ahi teem no olho da rua, como participio passado que é, de um verbo portuguez que vae pela primeira, o sr. Amado...

... Que o proprio sr. Baltar se benzeu com a mão canhota, assim



quando viu considerado eleito quem se não sabe... se é elegivel!

COLYSEUS POLITICOS

Dansa serpentina e dansa do ventre

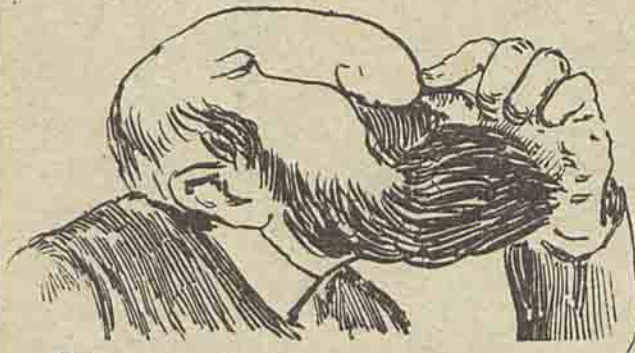


ZÉ — «Barriga leve, dança ligeira! E' vêr este gagé!»

ERNESTINA — «Ohi! ohi! Escorreguei, mas não cahi!»

Gustavo Bordallo Filho

Entretanto, como diria o sr. Mendonça e Costa, ou como diria S. Ex.^a, parabens ao sr. Burnay—por tomar (Thomar).



Pesames ao sr. Fuschini—por estar de pé na cova (Penacova).



E saudações as mais affectuosas ao sr. José Dias, porque emfim sempre vae ao parlamento—a pau e corda...



Custou, mas foi!

Aza.

O creador do **Sabão do Congo**, Victor Vaissier, fornecedor titular de S. M. o Rei dos Belgas, de S. A. o Rey de Tunis, etc, convida a sua numerosa clientella a pedir em toda a parte o *Pó Congolano*, adherente, invisivel, e o *Extracto do Congo*, perfume selectissimo para o lenço.

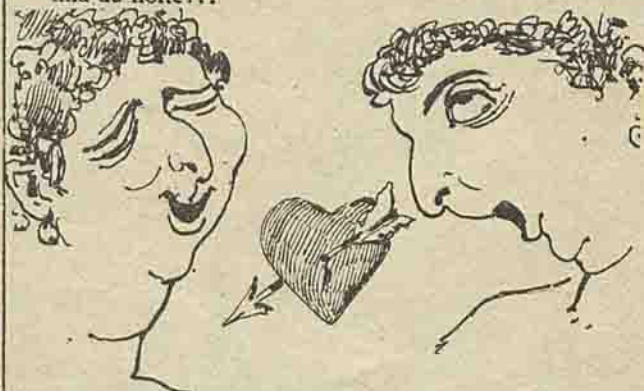
LYRISMOS



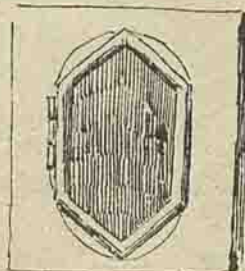
Quando canta, a sr.^a Arckel faz assim... e faz assado... e faz d'esta maneira... e faz d'est'outra...



Bocças de todos os feit os possiveis e imaginarios:—bocça de forno... bocça de peça... bocça de cofre... bocça de scena... bocça de rua... boqui-nha da noite...



Só não faz, a sr.^a Arckel, *bocça de incendio*. Fazemol-a nós e offerecemos-lh'a—e não lhe levamos na da por isso...



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

BIBLIOGRAPHIA

Vida Ironica, por Fialho de Almeida.



Como livro, o livro de Fialho é do tamanho de um armazem. Como armazem, nunca vimos outro mais cheio. Cheio de razão, cheio de talento, cheio de graça, cheio... de escandalo. Desopila e moralisa. Entre potes cheios de basofia—um Sileno a rir, de gabinardo...

Versos de Mizaldo—Uma pequena amostra, para provarem do sonico:



OPERAÇÃO QUIMICA

Toma pois, do ocaljento, um volume,
De idrojenio acrescenta-lhe igual,
Faze agora 'l brotar vivo lume;
Apar'por não vês de água sinal?

Critica:

Estava luda ignea posta em secego
De teus ANUS colhendo o dore fructo...

Que lhe preste, a quem o provar.

S. CARLOS

NAVIO PHANTASMA



Debaixo de um céu formidavel de barrotes, um phantasma de navio passa ao largo, armado dos seus tres mastros.

Dá-lhe para se chegar, e o navio minga, e os mastros reduzem-se a um.

Oh, phantasma... da optica!

AFRICANA



Muito bem, na Africana, a sr.^a Arkel, uma fria allemã que por vezes aqueceu devéras; e o maestro Urrutia, que conseguiu aguentar no balanço os demais artistas.

Marianno e o americano



Numa Pompilio, recebendo da sua nympha Egeria o conselho da salvação. Se não foi no Latum e no bosque de Aricia, entre a Etruria e a Campania, foi lá cima, em Paris, no bosque de Bolonha, entre o almoço e o jantar...

BURNAY E AMADO



—«Para serem *anados*, os do Supremo já estão velhos...»

(Palavras do sr. Burnay, enquanto raspa um erro... de cifra).

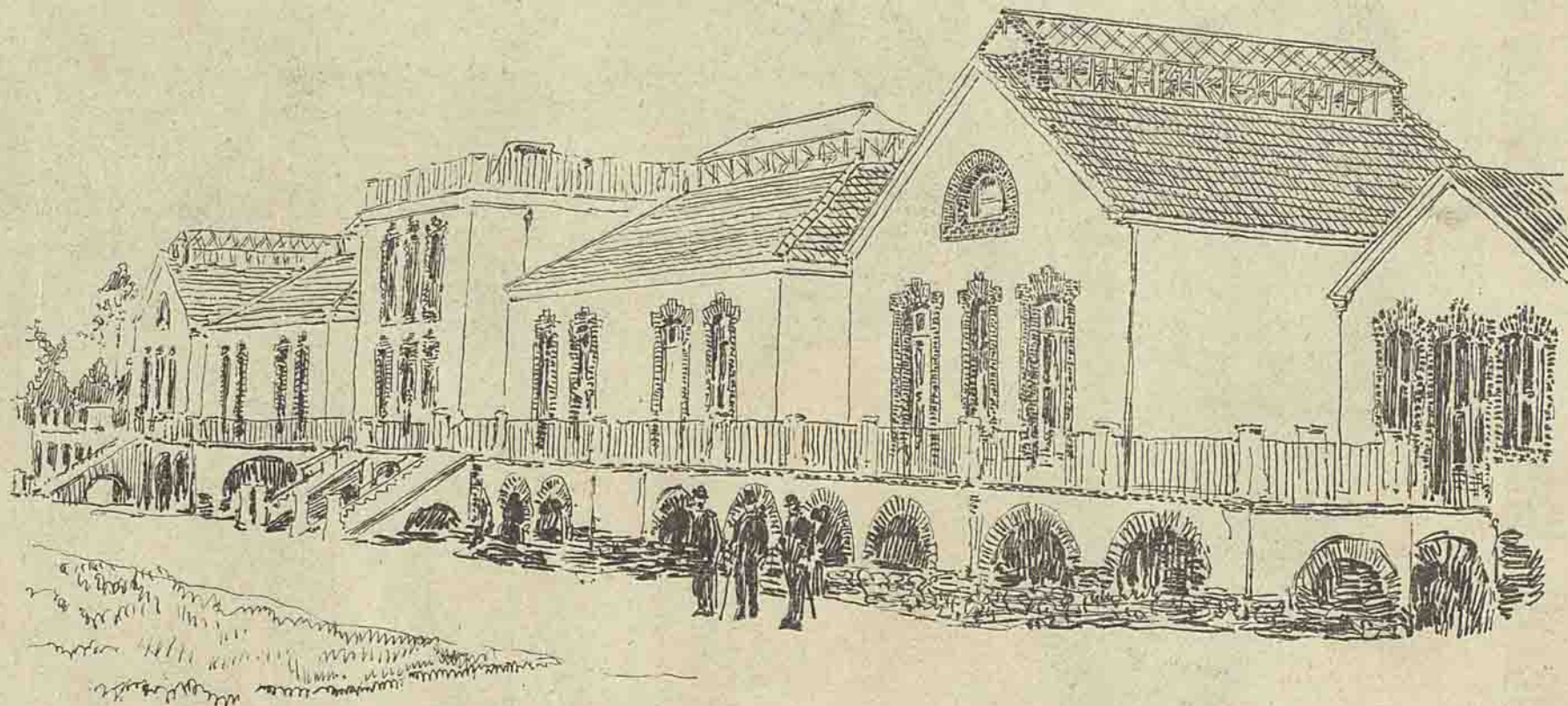
Homens da Semana — RODRIGO BERQUÓ

CALDAS DA RAINHA



Emendamos a mão: o Estraga-Tudo das Caldas saiu-nos afinal o Reforma-Tudo e Bem.

HOSPITAL DE SANTO IZIDORO CALDAS DA RAINHA

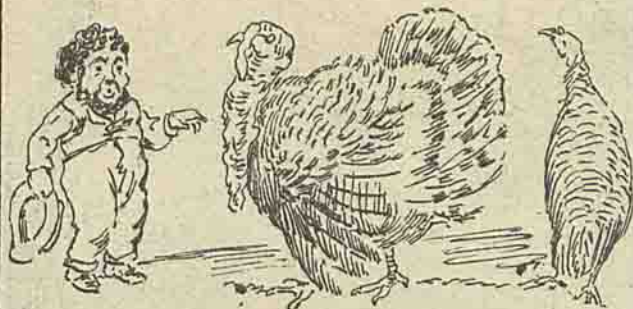


Berquó, que foi um bohemio e um elegante, e é hoje um dominador e um reformador, fez esse hospital que é uma belleza—por dentro e por fóra. Nada lhe falta, em elegancia e confortos; e chega a dar á gente vontade de adoecer para estar alli—melhor que em sua casa, com saude. Deve ser no domingo inaugurado com a assistencia de Suas Magestades.

A titulo de homenagem a Berquó e á sua obra, publicamos o croquis exterior do hospital, e antecipamo-nos nas felicitações que sobre elle choverão esse dia até lhe romperem o seu valente chapéu de paninho e o seu fetço de aba larga.

Variações

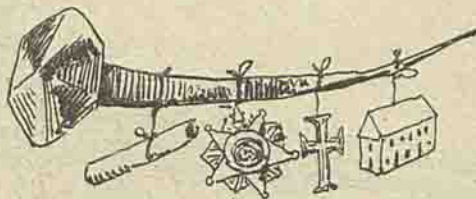
As honras da semana ministerial couberam, inegavelmente, é firma Antonio & Augusto, ou seja, Castello Bruno & Fuschini, *Justiça & Fazenda*, pelas providencias com que desalmadamente investiram, logo no primeiro arranco, e sem as «hesitações de uma estreia» contra o Calote Nacional—representado quer pelos que teem passado a rir pela *porta inferi* do recebedor, e identicos agarrantes, quer pelos que nas procissões, sasifrés, jantares de gala e mais kermesses mirabolantes da Vaidade, se dão ares de *piruns velhos*—enfundados pelo assobio dos lorpas...



São de prever, agora, os pittorcos incidentes que vão dar-se. Vae a Justiça, enfim, rastejar de ricas mobílias a praça dos seus leilões; e em vez do banco de cortiça, do miserevel escabéllo, da malha de barro e das certãs enferrujadas, do catre onde Zé Povinho dormia com a sua Maria Luiza, do berço onde Zé Povinho e Maria Luiza deitavam os seus pequenitos, do quinchoso onde creavam as couves para o larégo, e da horta, n'um retalho do prado, onde no verão iam aos melões—em vez de tudo isso, o preção dos beleguins passará a cair, como um anathema, sobre as coisas mais raras e mais sumptuosas: leitos doirados, acolchoados a pello de pecego, baixellas brazonadas, corôas heráldicas marchetadas de pedras caras, mobílias de estylos raros, trens, orças, palacios, estancias de boa-vida e cãesinhos de regalo, fraldiqueiros...



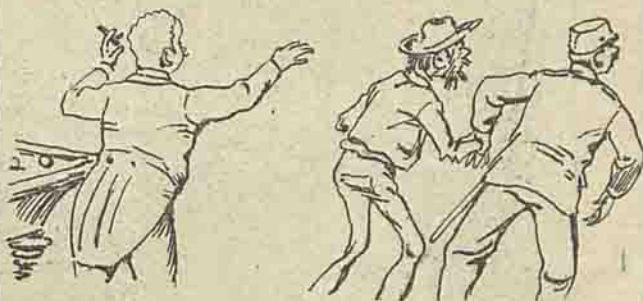
...Caso é, meus amigos, que se não metta de permeio a empunhoca—e enfim que não deduza embargos de terceiro este credor previligiado:



Porque se assim fôr, mal empregadas pestanas que o sr. Fuschini tem queimado, e continúa a queimar, ao petroleo das suas vigílias consecutivas, e mal empregada a generosidade do sr. Antonio de Azevedo, dando que fazer e dando emolumentos—a dois mil magistrados sem trabalho, que o sr. Telles de Vasconcellos, que foi Pachá,—ou alguém por elle—pôz a dormir e a roncar—em lençoes de papel selado...



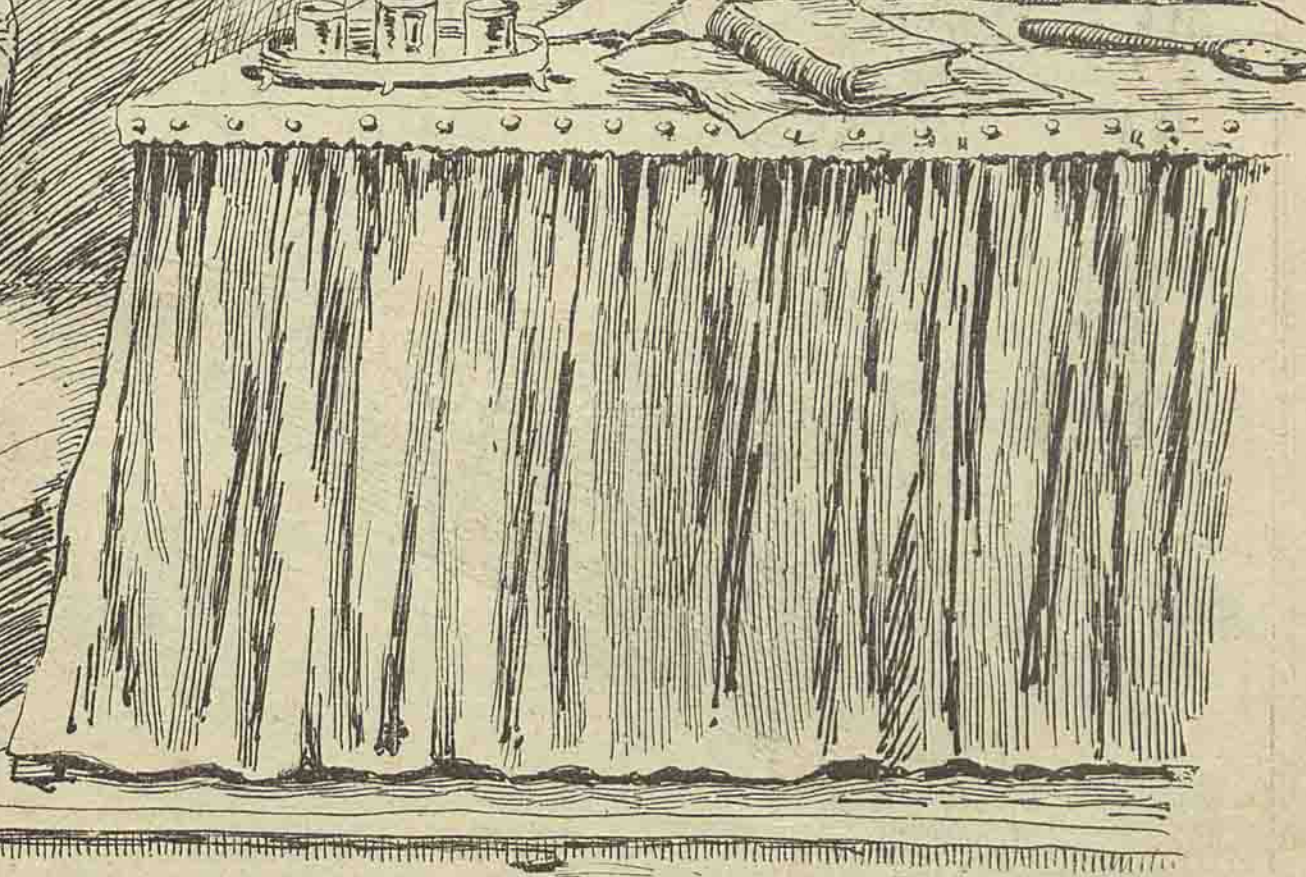
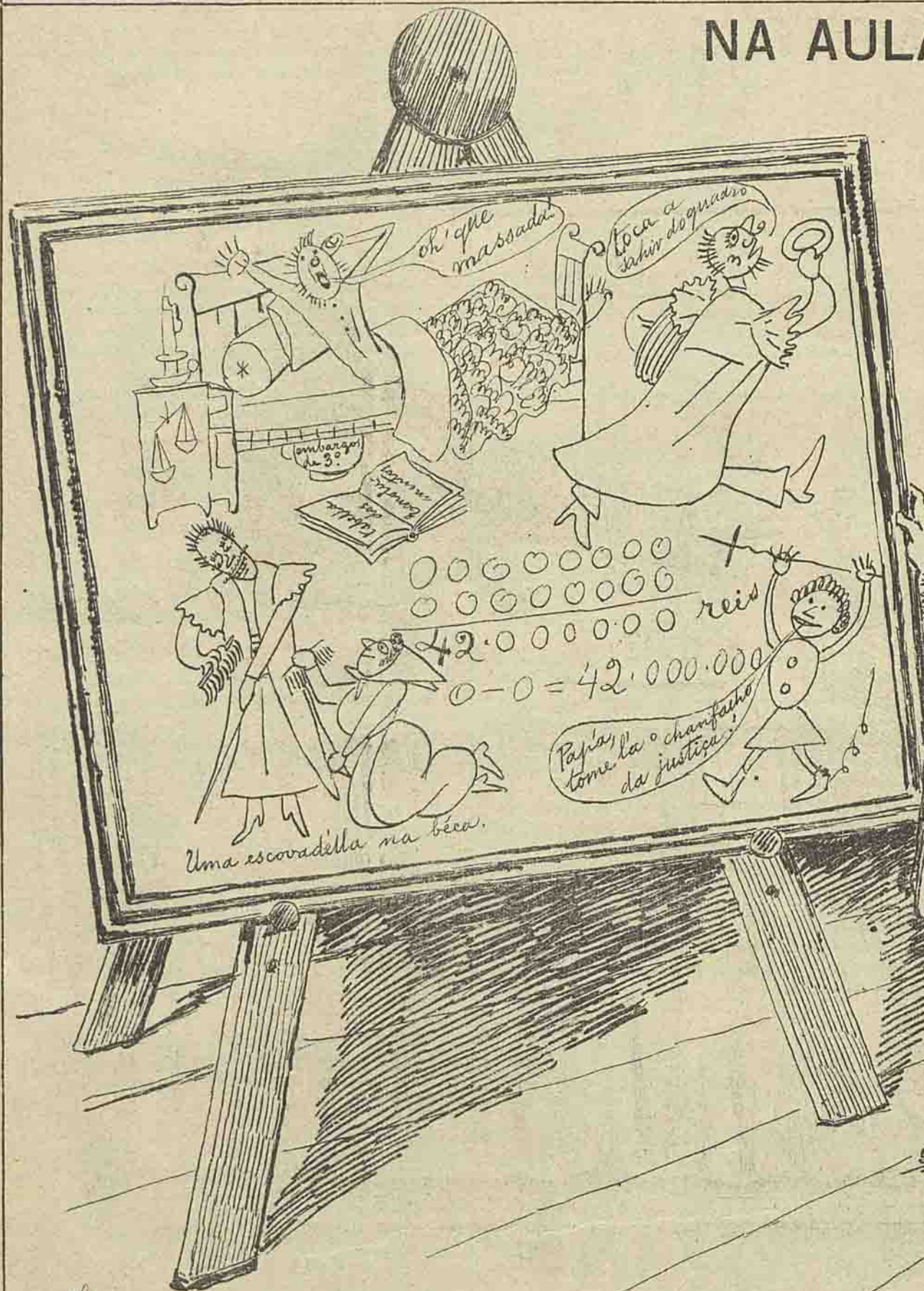
E foi tambem por não terem que fazer, que o titular das Obras Publicas enviou para o parlamento das *Bolsas de trabalho*, para que ao menos destrambelhem a lingua e deixem em paz o Rei que os manda ao sr. Segurado, o sr. Segurado que os manda



ao sr. Ministro das Obras Publicas, o sr. Ministro das Obras Publicas que os manda ao sr. Segurado, e o sr. Segurado que os manda... para as suas terras, os operarios...



NA AULA DE RUDIMENTOS



M. Gustavo Bardallo F. 1915

Apague lá isso, menino, que temos que multiplicar.

Ahi vamos nós ter, por conseguinte, nova feira de rhetorica—e a vêr vamos em papos de aranha o sr. Gucco, para ter mão que não desande em pancadaria grossa a *réprise*, em novo palco, da farça dos *Operarios e patrões*

Queira Deus que não seja assim, e que os operarios continuem a dar-se com as bolsas do trabalho, agora creadas, tão bem como costumavam dar-se—com as que já tinham.

O resto da semana parece ter sido governada pelo sr. Justino Soares.—contradanças em toda a linha! Jornalistas contradançando o *chassé croisé* do raio



da vida, a trinta mil réis por mez; generaes contradançando; ajudantes de campo contradançando; go-

vernadores civis; administradores; regedores de parochia...—túdo contradançando!

Firme no seu posto, apenas o sr. Alves da Veiga que mandou dizer que não queria vir...sem guarda de official; e firmissimos, á meza da jantarcia festiva, os exilados que regressaram...—cheios de fome.



«—Lá vae á nossa, p'ra que Deus nos livre d'outra coça!»

AZA.

O creador do **Sabão do Congo**, Victor Vaissier, fornecedor titular de S. M. o Rei dos Belgas, de S. A. o Rey de Tunis, etc, convida a sua numerosa clientella a pedir em toda a parte o *Pó Congolano*, adherente, invisivel, e o *Extracto do Congo*, perfume selectissimo para o lenço.

Theatro de D. Maria

OS VELHOS



A peça *Os Velhos*, infinitamente inferior aos comprovadissimos talentos do sr. D. João da Camara, é a urdidura banal de um caso ultra-banal de namorico, falho de todo o interesse, e, como está, pessimamente explorado —Pessimamente explorado, á custa de typos de farça, falsissimos no seu desenho, refalsissimos no seu dialogo onde não ha seis phrases arrancadas á verdade; falsos, refalsos, refalsissimos no seu desempenho, por banda dos actores, com excepção de João Rosa que faz bem um personagem . . que não existe; de Ferreira da Silva, cujo vivo talento não consegue supprir no personagem as lacunas, e disfarçar-lhe os aleijões; e o mesmo por banda das actrices, excepção aberta para Emilia Candiã, que é a unica que viu povo—ou o adivinha... Ah, pobre Povo! pobre Povo! Quando te q'ierem sondar a alma, fazem de Ti uma caricatura! Quando te querem mostrar alegre, ou te mostram bebado ou idiota!

Se alguma coisa podessemos pedir ao sr. D. João da Camara, cujo talento é de primeira ordem, pedir-lhe-hiamos isto; que riscasse immediatamente da sua bibliographia tão distincta, e as esquecesse para todo o sempre, as paginas consagradas aos *Velhos*.

PERFIS MINISTERIAES (REINO)



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO.

Alcaide-Mór d'estes reinos, Senhor da Coragem, Rico-homem da Vontade, Morgado da Va'entia, natura de Espirra Canivetes, Concelho de Vae Tudo Razo, districto de Trepá Depressa, beirão dos quatro costados, João.

EXPOSIÇÃO DO GREMIO ARTISTICO



Malhõa (J.) —



Porto (A. C. da Silva) — Ceifeiras (Lumiar)



Ramalho Junior (Antonio Monteiro) — O serão



SAMEIRO.

Inaugurou-se hontem a Exposição do Gremio Artistico. Em homenagem aos artistas, extrahimos hoje do catalogo alguns desenhos de trabalhos expostos, e na proxima semana, segundo o nosso louvavel costume, que é já praxe cá da casa, inauguraremos o *Salão comico*.

Bom será que os senhores artistas nos achem graça, porque antecipadamente lhes affirmamos que o preceito de os não offender será para nós, catholicos, apostolicos, romanos,—um novo preceito da quaresma.

A NOVA OPERA DE ALFREDO KEIL

IRENE



Keil, o afamado compositor portuguez, acaba de obter mais um triumpho, com a Irene na Italia. D'aqui, as nossas palmas ao notavel artista, e os nossos votos para que Lisboa de S. Carlos regale os ouvidos com o novo producto da sua inspiração — antes que os realejos o estafem...

Variações

Primavera:

Azul candido, verdes macios, velludos de luz, cantos d'agoa, crepusculos que parecem manhãs...

Delicia de tempo, alegria dos olhos, colchão de plumas para as almas finas.

E tudo isto, toda esta luminosidade, toda esta doçura de côr e de aroma, para regalo d'uma cidade pôdre, onde saguões, latrinas, pias de despejo e escarradores passam pomposamente vestidos de sobrecasaca e chapeo alto...

Como um fructo d'oiro, succulento e doce, mordido por uma bocca cancerada.

A uma porta do Chiado:

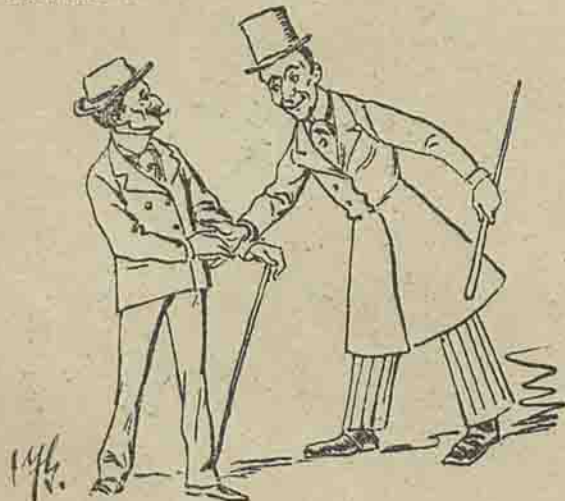
Vejam que desfilar de bestas vestidas d'homem! Umás estupidas como ostras, outras perversas como lobos.

E com flores nas botteiras! Com lyrios, amores perfeitos, jasmims do Cabo e cyclamens!

Cloacas armadas em altar!

Mesureiras bestas, com risos de côrte, e pedrarias nas patas deanteiras, munificentes de salamaleques e galanterias.

E á vista de taes passeantes, nos espiritos exilados, nos espiritos de crystal e lua, é então uma agitada affluencia de desejos claros: fugir d'esta luminosa Babylonia, reclamando á paz affagante d'um retiro provincial, horas de sã voluptuosidade, colloquios com almas quietas, leite puro, mel d'oiro, e agoa viva, agoa onde se espelhassem lilazes e que dos lilazes houvesse tomado o virtuoso perfume.



—Meu querido poeta!

—Meu querido poeta!

E como as bestas se acercassem muito de nossas celebres pessoas, deixámos o Chiado e fomos para uma isolada rua, onde não vibravam pianos e onde, como um exicial memento, um canteiro arrancava gemidos á pedra d'um mausoleu.

—Demora-se em Lisboa?

—Parto amanhã. Não posso continuar aqui. Uma hora de Lisboa basta para me dar a consciencia de que sou o peor dos criminosos. Ainda agora cumprimentei o F. Diga-me você se esta acção não é mil vezes mais condemnável do que um roubo ou uma morte.

Estou cheio de remorsos. Sou um grande criminoso. Vou para a provincia, devendo ir para a Penitenciaria.

E dissémos versos.

E ao correr da poetica dicção eramos olhados pelos raros transeuntes, com olhos de espanto e desconfiança, como dois doidos.

Ao cabo da rua, passaram cordealmente junctos, como um rancho d'irmãos, seis politicos evidentes.

Dois a dois, namoradamente.

Com cada um dos seis tenho fallado em tom de confidencia e cada um dos seis me tem dito dos cinco restantes as mais torpes monstruosidades.

Sem ironia, amargamente, commentámos a passagem dos politicos.

—Faça o que eu vou fazer. Saia immediatamente de Lisboa.

Arranje uma duzia de lençoes, cobertores para o inverno, sete tostões para as despesas de cada dia e cuide da sua alma n'um canto puro de provincia.

Eu.

BIBLIOGRAPHIA

O sr. Antonio Maria Pereira devia ter o privilegio exclusivo do adjectivo *infatigavel* que se antepõe sempre ao substantivo editor... Agora, por exemplo, acabam de sair das suas officinas tres livros notaveis: — a 2.^a edição dos *Simplex*, de Guerra Junqueiro, muito mais galante que a 1.^a, o interessantissimo livro de Oliveira Martins, *Inglaterra d'hoje*; e o romance do sr. Carlos Faria, *O piano*.

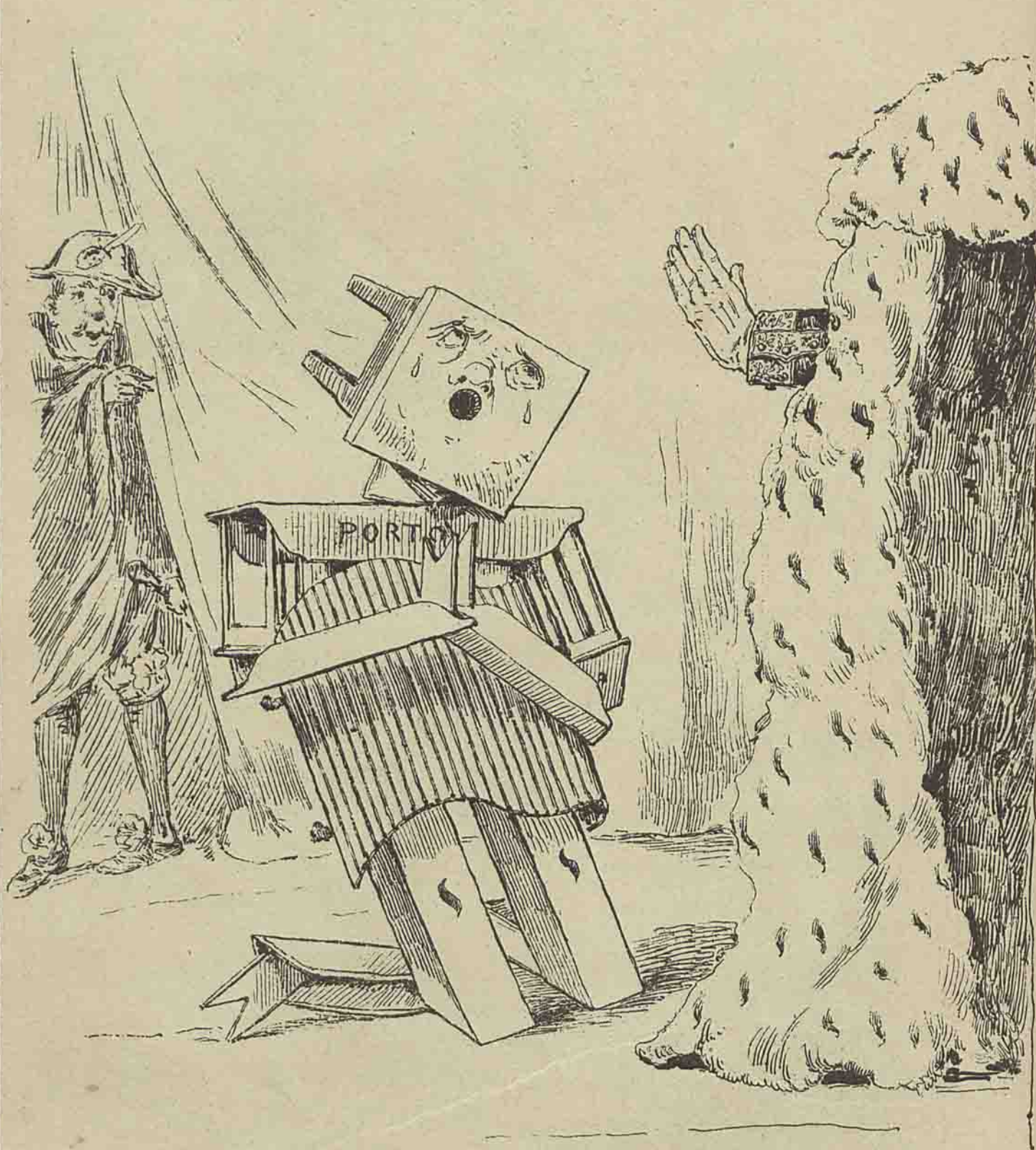
Além d'aquelles livros, que recommendamos a quem nos lê, recebemos tambem da acreditada Empresa das Aguas de Vidago, o livrinho do sr. Alfredo Luiz Lopes, *As Aguas Mineraes de Vidago em Portugal*, que recommendamos aos dispepticos.

O creador do **Sabão do Congo**, Victor Vaissier, fornecedor titular de S. M. o Rei dos Belgas, de S. A. o Rey de Tunis, etc. convida a sua numerosa clientella a pedir em toda a parte o *Pó Congolano*, adherente, invisivel, e o *Extracto do Congo*, perfume selectissimo para o lenço.

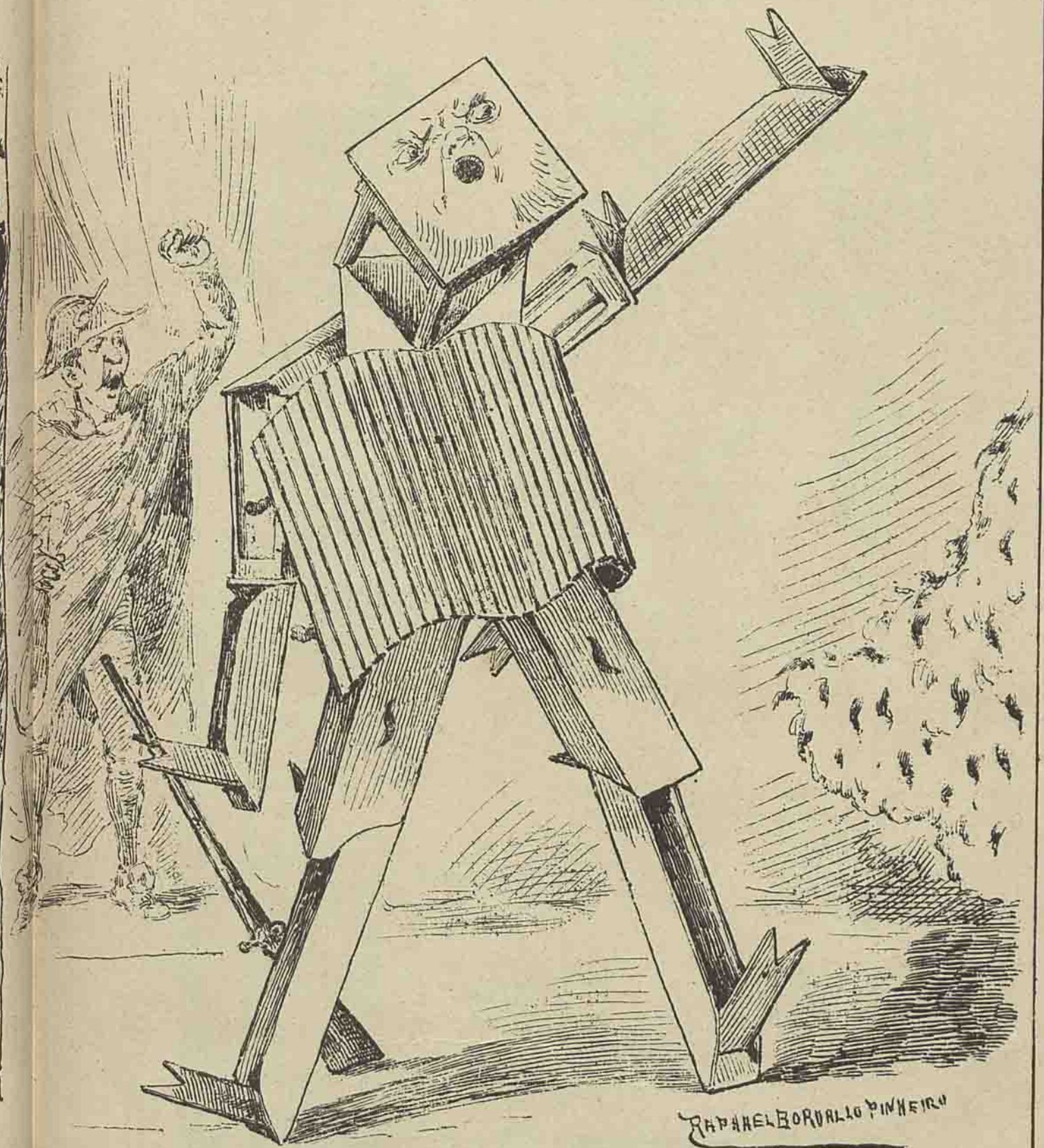


No *Tannhäuser*, vão soberbamente Arkel, cantora wagnereana pelo temperamento e pela educação, Kaschmann, cujo maior elogio consiste em dizer que é um barytono a stura de Arkel, e finalmente Metellio, um bom tenor de escola franceza, e um excellente *diseur*.
 O nosso bravo, tambem, a Manini, pelas duas soberbas vistas scenographicas no 1.º e 2.º acto.

OS BANCOS DO PORTO



Te rogamos, audi nós!...
(DA LADAINHA.)



Cautella, Senhor, com os reaes fundilhos!
(DAS CORTES DE LAMEGO.)

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Salão Comico



232—Não haverá por ahí quem merque—(Gritava um homem na feira)—Vassouras da bigodeira—Do Bernardo d'Albuquerque?



38—Ou bem que te cachimbas, ou bem que te pintas, ou bem que te vês ao espelho. Vá lá no que ficas, lindo Condeixa!

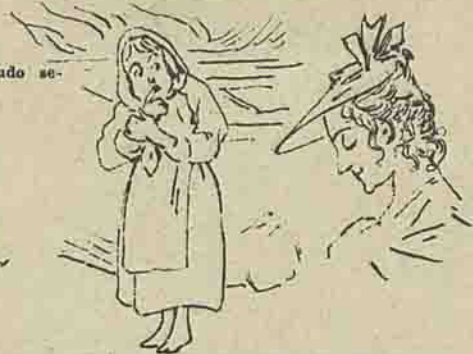


5—Foge, rato, que te como!

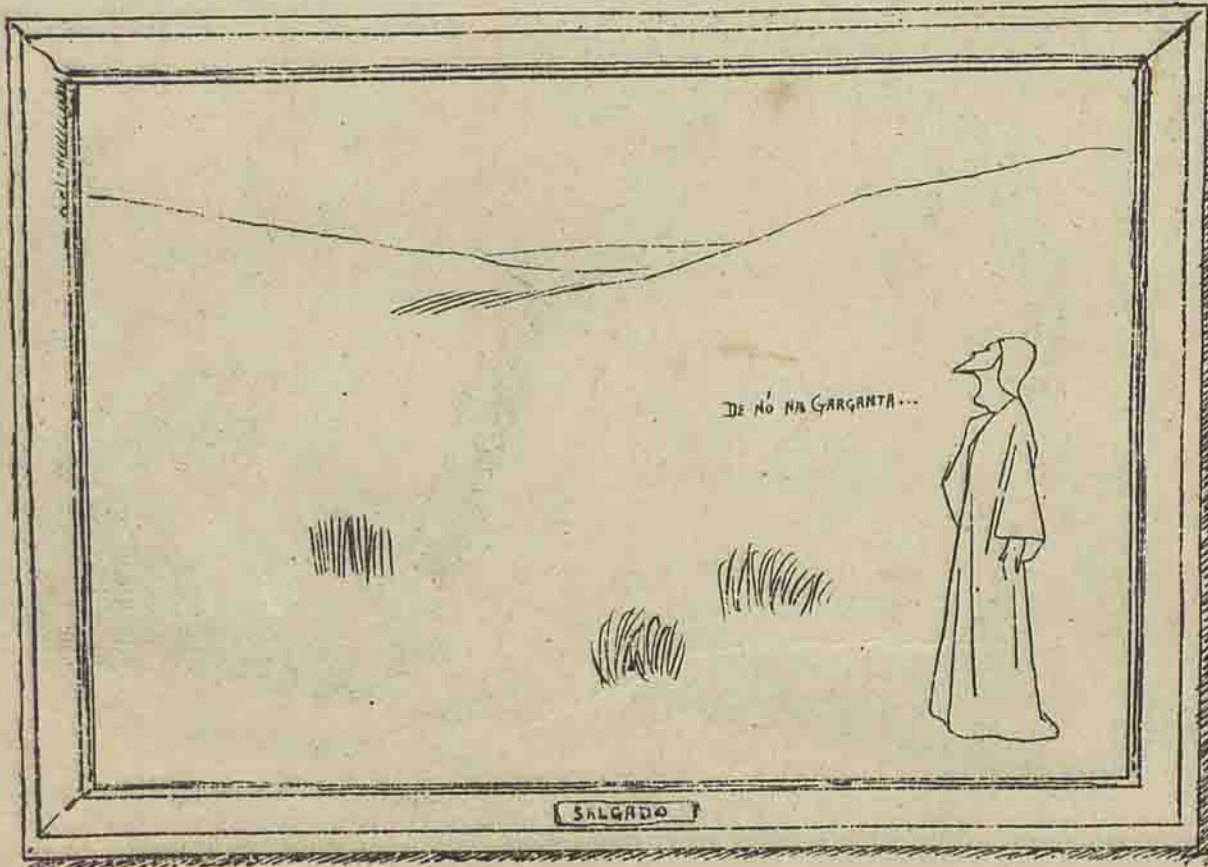
14—Por dentro setim, por fora setim, tudo setim, enfim!



101—Boa ideia, seu Soares!

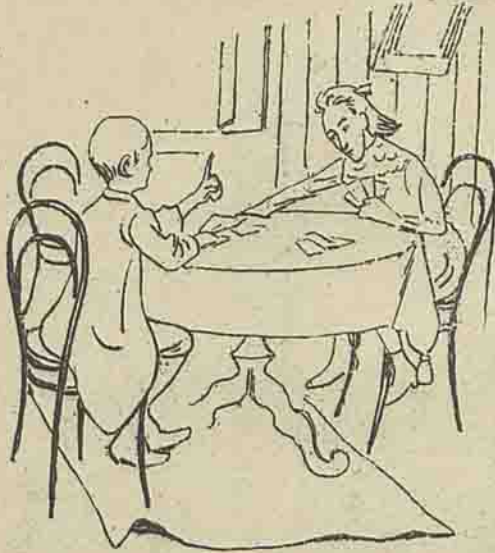


185—Queimaste-te? Foi bem feito! Quem te mandou a ti bulir no chapéu da visluga?



182—E Joes pergunta ao Pao: Que horas são?

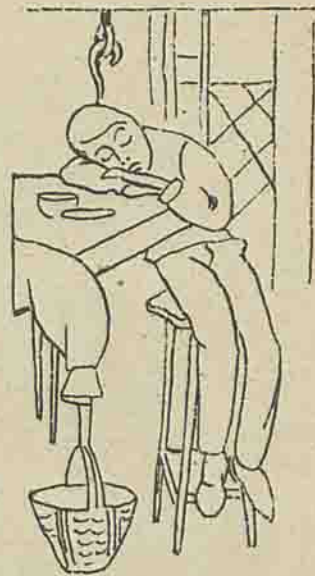
Salão Comico



41—Precocidade no vicio: O' mana, trunfo é co-pas!



83—Cardeal Lavigerie... axa de mosca.



106—Suspensão decorativa.



192—Que tal está hein? E' de borla e ainda lhe faz cara!...



223—Ainda não percebeu, o parvo, que toda a casa tem trazelras! Olha que elle já se safou.



235—Cangado de esperar, aqui me sento!



85—Risadinbo.



96—Esmola p'r'a alojadinha!



94—Fonha aqui, ponha aqui e seu péisbo..

PERFIS MINISTERIAES (JUSTIÇA)



Um grande homem de bem
Vulgo «Turris honoris.»

SALEROS E HURRAHS



N'uma porta se põe o ramo, n'outra vende-se o vinho. Celebramos um tratado de commercio com a Hespanha, e é a Inglaterra, nem mais nem menos, que paga o *alberoque*, dando ao Soveral uma jantaroca. Não é fácil intender Jonh Bull, quando, como d'esta vez, confunde com a sua generosidade duas nações...

Variações

Se o Nuncio de Sua Santidade em Lisboa visitou a pé as igrejas, na passada semana santa, Sua Eminencia decerto mandou dizer para Roma que Portugal é, sem contestação, um paiz essencialmente religioso—tanto quanto pôde julgar-se, ao menos, pelas apparencias... As igrejas trasbordavam, e algumas havia em que era mais difficil obter um logar, do que á meza do orçamento, na calamitosa hora que atravessamos!

Nas Trinas, onde se deu *rendez-vous* levoto a aristocracia, nos Inglezinhos onde os nossos *fieis aliados* folheavam os seus ripansos, em S. Roque, na Encarnação, nos Martyres, no Sacramento, em S. Domingos, em S. Nicolau e na Sé, a concorrência era tal, que os secretarios particulares que acolytam o sr. ministro das Obras Publicas, e cujos cotovelos e joanetes se acham á prova dos maximos apertões, não poderem entrar—comquanto levassem escorridos de memoriaes os bolsos da sobrecasaca, e parecessem, assim depennados, dois arenques.



Pelas ruas, a concorrência era igualmente fóra das marcas, e pôde calcular-se que igualava, se é que não excedia, a que é de uzo quando regressa do estrangeiro, ou simplesmente de Grandola, um republicano de nomeada; quando o rei vem de Queluz; quando morre um legitimista; quando o sr. Antonio de Serpa chega de Paris; quando chega d'Africa o sr. Marianno; quando vem d'Anadia o sr. Luciano de Castro, ou da outra-banda, com botas de cortiça, o sr. Joaé Dias—sommadas...

... Signal que a opinião do paiz, expressa na opinião da sua capital, é polychroma, e pôde representar-se n'esta fórmula—nem deixa de ser monarchica, nem deixa de ser republicana; pelo facto de parecer constitucional, não deixa de parecer miguelista; não é nem deixa de ser pelos regeneradores, pelo sr. Marianno ou pelos progressistas; não é nem parece que não seja pelo homem das botas; nem deixa de ser, embora pareça que não, pelo sr. José Dias—antes pelo contrario... Adora Deus sobre todas as coisas, mas parecem-lhe uma grande massada os mandamentos da sua lei; crê que Jesus Christo ha-de

de vir remir-nos e D. Sebastião governar-nos—e acredita emfim no inferno, porque ha fogos, e nos santos, porque ha... bombeiros... Mas é catholica apostolica romana, sem querer saber dos mandamentos da madre igreja, e tem a mobilia no seguro—por tres vezes o seu valor...

Ante a curiosidade do lisboeta na presença dos symbolos da gloriosa tragedia christã, e ante a curiosidade do mesmissimo lisboeta na presença dos bonecos e cartonagens que os confeiteiros expunham nas monstras, ficamo-nos perplexos. Mas cálculo, sem grave receio de errar, que mastigou mais amendoas que padrenossos, o lisboeta,—e que se a semana foi santa para os christãos, pela ephemeride que representava, foi tres vezes santa para os confeiteiros—pelas amendoas e mais lambarices que impingiram... E analysando, de proposito, a cara com que junto de um balcão de confeitaria que um caixeiro pozera em gala, uma donzella regateava um kilo de amendoas, não me pareceu muito menos faqueira do que a ostentada no templo de Deus, que um armador posera em trevas—quando a mesma donzella regateava ao namorado um terno olhar...

Pareceu-me até que o desconto de cinco réis em kilo enchia as almas de maior alegria do que todo o mysterio da ressurreição, e que se emfim alguma coisa vale a pena ser, em Lisboa, na semana santa, não é padre, nem cantor, nem prégador, nem mesmo Christo, com a certesa anticipada da alleluia, mas unica e simplesmente...—confeiteiro!

De resto, fizeram tambem as modistas o seu negocio, e manda a verdade que se diga que vae a matar ás portuguezas o traje preto, quando, como na semana santa, um ar de felicidade e alegria as estica—desde o sapatinho ao penante...

N'uma palavra, foi a mais alegre de todas as semanas a triste semana que se passou; e além da ordem de divisão do sr. general Chaby aos corpos d'entre Douro e Minho e Traz-os-Montes, que um jornal catholico deu sexta-feira santa em artigo de fundo, á laia de sermão do enterro...—a conpuncção dos rostos, consentanea com a tristeza da quadra, foi toda dos srs. ministros, tresnoitados por conselhos que atiraram, noites a fio, para muito mais tarde que os officios.

Não consta, porém, que alfim podessem os sete, como na igreja, celebrar a *Alleluia*, motivo por que reservamos para melhor oportunidade as boas-festas a Zé Povinho...

AZA.

O creador do **Sabão do Congo**, Victor Vaissier, fornecedor titular de S. M. o Rei dos Belgas, de S. A. o Rey de Tunis, etc, convida a sua rumerosa clientella a pedir em toda a parte o *Pó Congolano*, adherente, invisivel, e o *Extracto do Congo*, perlu-me selectissimo para o lenço.



Kaschmann, o celebre barytono, honrará com a sua voz o concerto que brevemente será dado pela Real Academia dos Amadores de Musica. Nos registos da Academia ficará memoranda essa noite, porque o extraordinario barytono do *Tannhäuser* é hoje, no mundo lyrico, uma verdadeira e incontestada celebridade, sem rival, cremos, na interpretação da alma de Wagner.

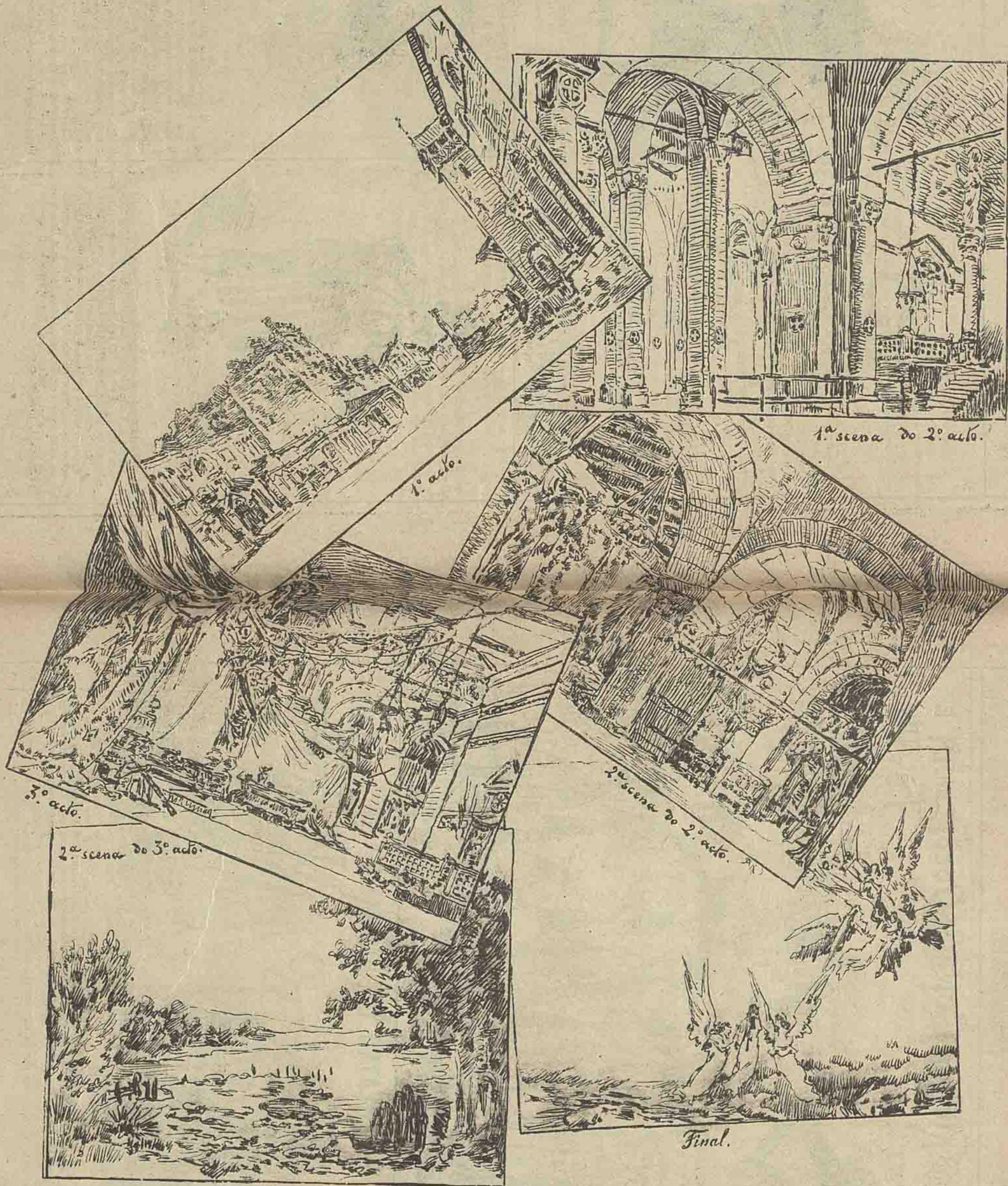


Não obstante o enguiço do numero, será no dia 13, em S. Carlos, a festa do mais galhofeiro dos nossos actores: o Valle. O programma será variadissimo. Que o não fosse, porém, bastava a cara do festejado, mesmo n'uma simples mimica, para tornar alegre o serão, e bastava qu'ntar os seus admiradores e amigos para vêr cheia, de lés a lés, a vasta sala. Sem frisar pormenores, dêmos, porém, a boa-noiva de que será preenchido por Kaschmann um dos numeros do programma...



Merece a mais affectuosa protecção por parte do publico portuguez um artista incipiente, José Rego, que a uma excellente voz de barytono e a uma bella figura de peninsular, alia a mais viva paixão pela arte e a mais dedicada vontade de aprender. Tendo interrompido, por falta de meios, a sua laureada carreira de estudante, José Rego, cuja voz é admirada por mestres italianos de renome, abandonaria decerto a vida artistica, se um grupo d'amigos se não houvera constituido no dever d'arte de o auxiliar—contando, por sua vez, com o auxilio do publico. Ser-lhe-ha dedicada, dentro de poucos dias, uma festa, e para ella pedimos o interesse dos que nos lêem, certos de que auxiliam alguém que pelas suas qualidades de a tista pôde retribuir-nos em gloria, um dia, o bem que lhe fizermos.

O SCENARIO DA IRENE



Sentimos muito prazer e muito orgulho dedicando o primeiro lugar d'este semanario do Antonio Maria á reproducção das admiraveis aguarellas de Manini, pelas quaes foi feito em Turim o scenario da nova opera de Alfredo Keill, a Irene. Já agora, morreremos com este fraco, que é o nosso forte: dar ás coisas d'arte o melhor e o mais arreigado da nossa devoção, e dedicar aos nossos irmãos, quando são, como Alfredo Keill, uma alta gloria nacional e uma honra viva do nosso paiz, lá fóra, os éstos mais ferreiros do nosso entusiasmo. Honra-se o Antonio Maria juntando a sua voz, n'esse côro unisono de louvores, á voz da imprensa italiana—glorificadora de Keill e da sua obra.

THEATRO DA RUA DOS CONDES: COCÓ, REINETA E FACADA



2º ACTO.
TODOS APANHAM A
PENHA EM CIMA
DA PINHA.



THEATRO DO GYMNASIO



Com muita barretina e bastantes ditos engraçados subiu á scena no Gymnasio, em beneficio do actor Cardoso, o *Filho do Major*, peça militar do sr. Campos Junior, um comediographo de valor. A peça é talvez mais propria para ser desempenhada n'um quartel por sargentos amadores, que decerto aguentariam com mais garbo as moxillas do que os artistas do Gymnasio.

Apesar d'isso é ouvida com agrado por paisanos e vivandeiras.

Salão Comico

(Conclusão)



176—Duas pescadinhas marmotas.



12—O título é *A voga das aboboras*. Nós acrescentaremos... que arroz é água. E sempre de costas p'ra gente, o grosseirão!



65—Um «deita gatos» damnado com uma dor de dentes. Coitadinho!



212 A «Sedução de Margarida»... por um camião costido. Barata feira!



183—Um espirro... suspenso. Vá lá. Uma, duas e... tres Fugiu!!



187—Oh! João Sincero, volta a folha! Essa já está sabida.



150—Uma vaga... d'amantense, no ministerio da marinha.



44—O menino do chicotinho. P'ra quem? Para os criticos? Ou para expulsar os vendilhões do templo?...

PERFIS MINISTERIAES (GUERRA)



DISCIPLINA (dis-si-pli-na)— s. f. pl. cordas ou correias com que os frades, os penitentes e os devotos se flagellam a si mesmos.

(Dicionario contemporaneo, pag. 53g.)

VIANNA DA MOTTA



Dos brancos, espirituaes neveiros da Germania, Vianna da Motta regressa ás terras do sol, com uma germanica figura de sabio alchimista, grandes oculos d'oiro, gaforina longa. Sem attritos, o seu nome rapidamente se impoz. Vianna da Motta consegue transformar o mais inexpressivo, insu,gestivo, duro, desamoravel instrumento musical, o piano, n'um derramador de incomparaveis caricias acusticas, sublinhando todas as nuances do sentimento, desde os velludos do sonho até á purpura dos triumphos.

Agilidade digital sem irmã. Domador d'eleição, que d'uma bruta lera d'alvos dentes, faz um intelligente animal, cheio de alma, ora queixoso ora energetico, impondo de gloria.

Variações

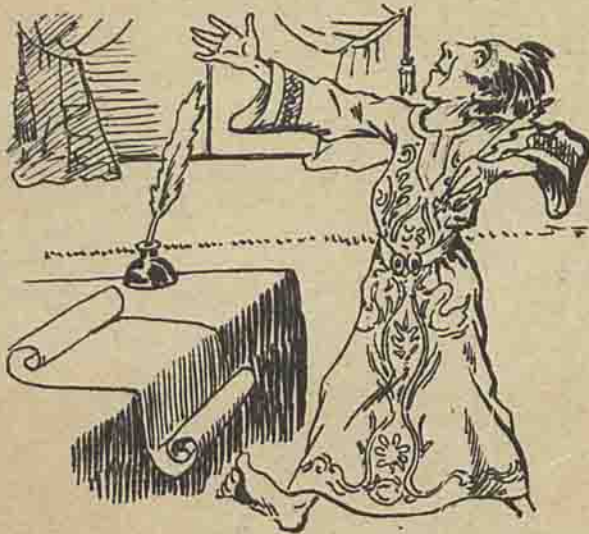
Tempo d'oiro: magnificencias de luz e côr, veludôs d'atmosfera. As arvôres exhalam melodias verdes. Negro como um corvo, sujo como um cano, magro como um prego, barbado como uma escova, o beleguim anda pelas portas na faina de recolher decimas em atrazo.

A sua testa súa como um cirio de semana santa.



Sebastião, o bizarro, o mosaista do verso, passeia no largo, sombrio aposento, arrastando uma longa simarra, rubra como uma labareda, bordada a oiro como um ceo de junho.

Descalço, os seus pés correm com voluptuosidade sobre as pelles do chão.



Na meza, uma alva folha de papel, lamina fragil de marfim, offerece a sua virgindade á singular, byzantina calligraphia de Sebastião. Perante essa puçellagem que se offerece, o extravagante Gii Vicente da rima, maravilhoso ourives cujas estancias são ciborios, custodias, patenas, carregadas de labores raros, evoca as roseas, lascivas nymphas que hão-de povoar a sua ecloga, atravessando-a em maviosos compassos, flores nas tranças...

Riso ironico da campainha.

Negro como um corvo, sujo como um cano, magro como um prego, barbado como uma escova, um papellino na mão, o beleguim assoma.

As nymphas abalam n'uma algararra de pavôr.



—Beija-me os olhos, joia.

E cerrando os olhos para receber os beijos solicitados, Matheus enlaça o corpo nubil de Catharina, cuja nudez se escapa d'uma camizinha de seda que um manogamma e uma corôa heraldica decóram.

—Ficas?

—Fico.

—Todo o dia?

—Todo o dia,

Cerradas as janellas, deitam-se no vasto leito, sollemne, cheio de bilros e de esculpturas, como um altar.



—Ah! minha tulipa! como é doce passar o dia longe do mundo profano e aspero, longe dos negocios e dos homens, nos braços d'uma amiguinha como tu, meu moranguinho de carne.

Riso ironico da campainha.

Negro como um corvo, sujo como um cano, magro como um prego, barbado como uma escova, um papellino na mão, o beleguim assoma.



As caricias, os beijos, os enlaçamentos abalam n'uma algazarra de pavor .. A carne fresca de Catharina desaparece sob linhos, flannels e rendas. Matheus enfia as ceroulas,

Angelo, o mystico, ardente mystico como Ruysbroeck, o Admiravel, passeia os olhos sobre um velho eucologio cujas folhas passaram sob os lucidos dedos d'uma Infanta que se fez monja.



Entre os caracteres gothicos impressos a negro e vermelho, succedem-se illuminuras d'um lindo tom de tapeçaria edade-media, floridas vinhetas, cús-de-lampada...

A alma de Angelo nada n'uma espiritual atmospha, entre anjos gothicos, frageis como flores, entre gemidos de violas, burcelins e nubelias, que vibram sob os dictames de Santa Cecilia, a sobrenatural harpista.

O extasi!... Estrellas, nuvens de incenso, man-

tos de santas, rutilando como firmamentos, palmas, baculos, thiaras, mitras, dalmatias, ciborios...

Riso ironico da campainha.

Negro como um corvo, sujo como um cano, ma-



gro como um prégio, barbado como uma escova, um papellino na mão, o beleguim assoma.

Os anjos gothicos abalam n'uma algazarra de pavor...

As violas, os burcelins e as nubelias calam-se... Santa Cecilia foge. Mantos, palmas, baculos, thiaras, mitras, dalmaticas, ciborios, tudo se apaga.

Angelo desce da sua nuvem d'incenso para a sua cadeira de palhinha.

Eu.

PRAÇA DO CAMPO PEQUENO

Domingo, 16 de abril



Provou-se que os toiros de Robertos tinham capello, que estavam aptos para abrir um curso, cuja frequencia muito aproveitaria aos artistas e amadores tauromachicos.

VIGILIAS MINISTERIAES

(A's 5 horas da manhã)



«...Porque enfim, parece á primeira vista que, trabalhando uma pessoa mais que lhe permitem as coisas, não pôde sair coisa boa.»

Diario Popular de 24 do corrente.

PERFIS MINISTERIAES

(MARINHA)



PR'A AMIGOS MAÕS ROTAS.

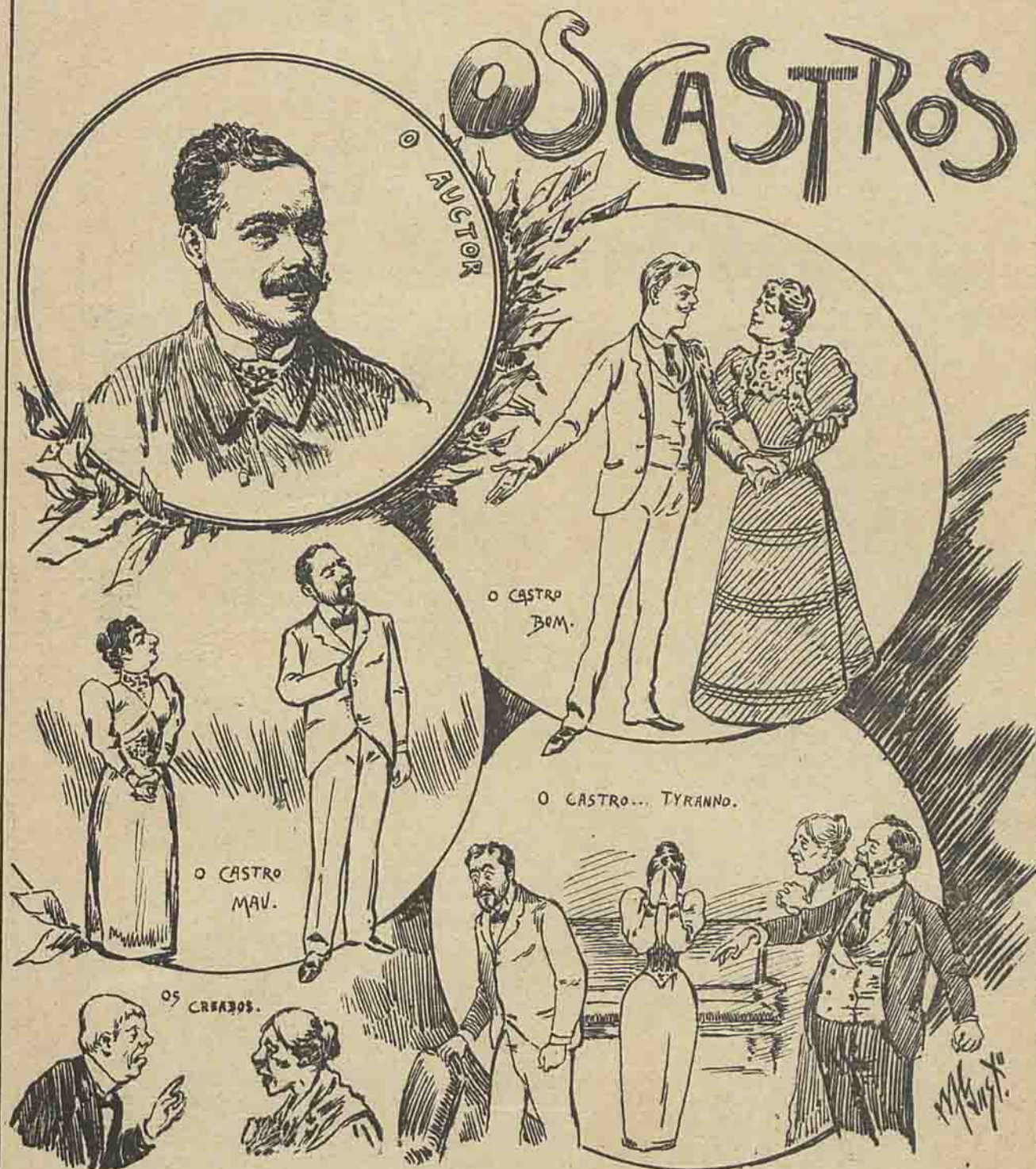
AINDA A «IRENE»

IRENE



Mais uma pagina em honra da victoriada opera de Alfredo Keil. Mais uma e, se Deus quizer, não será a ultima, tanta fé temos na vida duradoira e brilhante da «Irene». Hoje, com os croquis dos principaes *dramatis personae* da «Irene» damos a reprodução de dois dos mais importantes jornaes italianos, do *Trovatore* de Milão, e os *Pasquins* de Turim, jornaes que munificentemente dirigiram enthusiasmadas saudações ao nosso illustre compatriota, reprodução com que buscamos pulverisar certos capciosos boatos, mediante os quaes alguns sycophantas pretendem que o successo da «Irene» não foi tão grande como se espalhou.

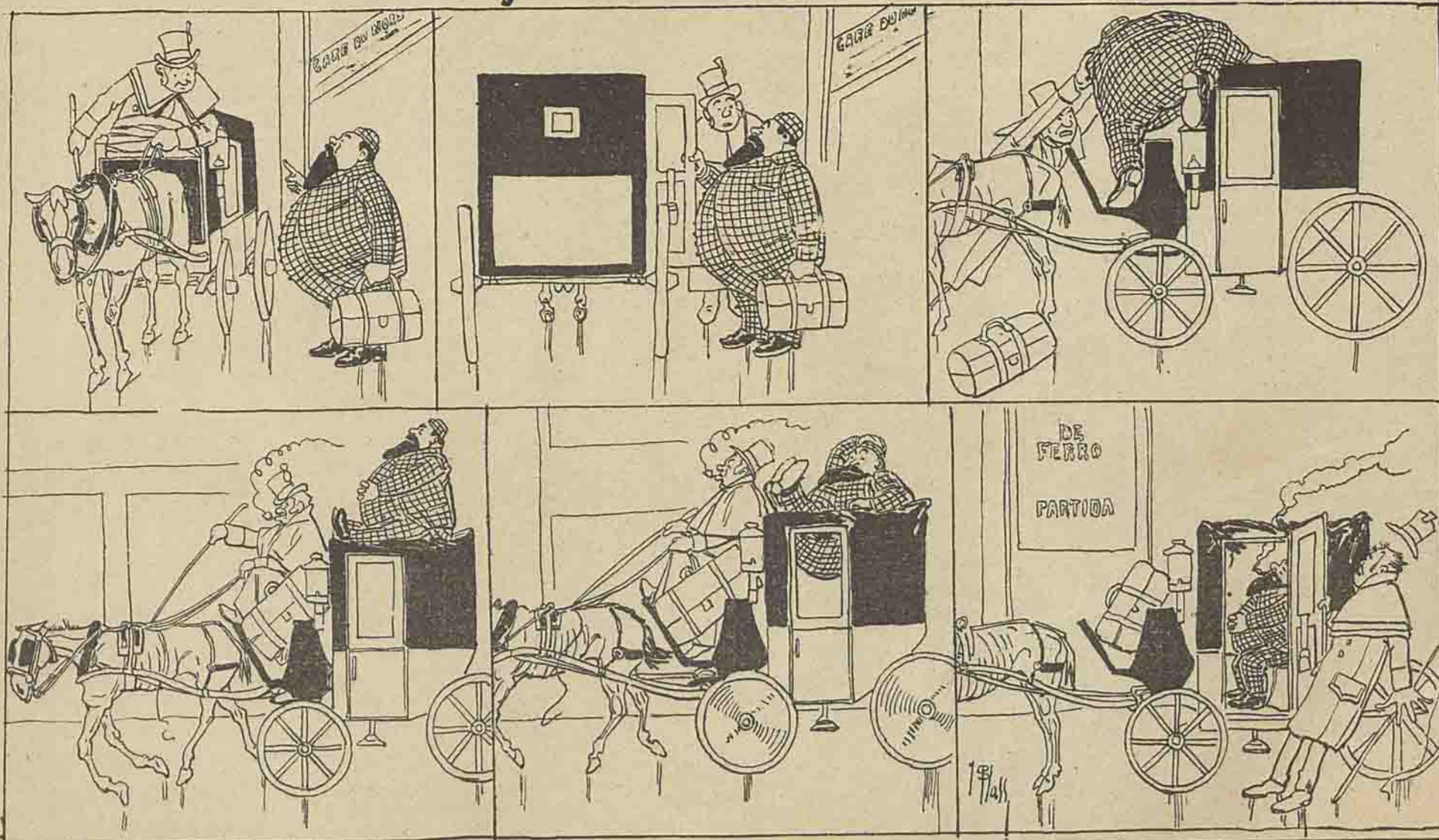
THEATRO DE D. MARIA II



A nova peça de Marcellino Mesquita, inequivelmente representada pelos actores de D. Maria, alcançou um largo prestigio perante o nosso publico, amante de scenas violentas. Um feixe de situaçoes dramaticas, cuja impressão empolgante encobre o fio incoherente da obra. Marcellino Mesquita não buscou sublinhar um grande sentimento, uma verdade philosophica, ou um caso singular de psychologia. O seu intuito foi simplesmente emocionar rijamente os espectadores. Conseguiu o que desejou.

Seja como fôr!

CONTO DE BLASS



Editor: J. GARCIA DE LIMA.—Séde da Administração: LARGO DO CALHARIZ 12, 1.º
LITHOGRAPHIA LUSITANA, Rua do Ferregial de Baixo, 36 a 40.
IMPRESA MINERVA, Travessa da Espera 12 a 14.

JOSÉ JULIO RODRIGUES



D'uma intelligencia e d'uma actividade pasmosas, este notavel homem logrou fugir á epidemica mandriice que nos subjuga, tornando-se uma notavel excepção, um grande exemplo para os que se deixam ir na inercia geral. Jornalista, parlamentar, professor, propagandista e industrial, ninguem como elle ainda soube aproveitar o talento e o tempo. Singularmente infeliz, a sua prematura morte enche de dôr os que o estimaram e conheceram, e dá infelizmente razão aos que, depois d'uma punçente observação, cruzam os braços e esperam ociosamente os impulsos da fatalidade, consciô de que só esta impéra.

Variações

Adormentados pelo calor das tres horas, nostalgicos de mansas *villas* de villegiatura, onde, cerradas as persiannas, se ouvisse o cantar dos repuxos, Marcos, o estheta, e Gabriel, o aqua fortista, resolveram largar os respectivos trabalhos e consumir o verso do dia vagabundeando, á cata de impressões novas, por sitios ermos, por discretos bairros da cidade.

Jardim da Escola, rua da Escola, largo do Rato, rua do Visconde de Santo Ambrosio...

Chegados a Santa Izabel, respiraram. Largo tranquillo como um pantano.

—Esta sim...

E Marcos que ia referindo ao companheiro os seus desejos d'um domicilio artistico, a sua ancia de morar n'uma casa cujas paredes fallassem, casa sem telha marselhesa, sem estuques d'alcorce e sem campainhas electricas, apontou para um predio antigo, d'ar todo heraldico, com um pateo cheio de herva, com um carinhoso alpendre sobre o portão lateral, e uma varanda em ferro forjado tão vasta que se diria feita para mulheres gravidas.

—Aqui gostava eu de morar. Compara tu este palacete com aquella odiave edificação odiavelmente pintada d'azul... Vê como as teias d'aranha são mais bellas do que as cortinas de *crochet*, como esta velhinha é cheia d'encanto, adoravel e appetecivel, e como aquella moça repugna á vista, cheia de arrebiques baratos, de falso luxo, de mentiras... O que esta vella marquiza deve soffrer com a constante presença d'aquella saloia, saloia de janella de taboinhas, com flores de papel nos cabellos pintados e pó d'arroz no carão sardento...

Caminhando, caminhando, os dois fallavam do calamitoso triumpho da industria sobre a arte, do burguez sobre o fidalgo, do brasileiro sobre o artista.

Gabriel, o intransigente, insistia no proposito já parcialmente realisado de quebrar com todas as convenções, com todos os tyranos da sociedade moderna, buscando exclusivamente na cultura artistica o fructo loiro que os dentes do desejo desejam morde-

—Todas as outras coisas passam. Ministerios e ministros, honrarias nobliarchicas, o dinheiro, tudo... D'aqui a cincoenta annos ninguem se lembrará do Fuschini, nem do Seixas do Rocio e todos se lembrarão do João de Deus, que hoje vive ignorado a um canto como uma inutilidade.

—O famoso verso de Musset *Je suis venu trop tard dans un monde trop vieux* deve ser a legenda de todos os puros artistas, de todos que, á custa de mil sacrificios, fogem da deprimente conquista do americano, o absoluto dominador do nosso tempo.

—Apezar de tudo, murmurou Gabriel, ageitando o monoculo, ainda podiamos ser mais infelizes. Imagina tu o que será o mundo d'aqui a um, a dois, ou a tres seculos... Um verdadeiro inferno de rodas dentadas e de fios electricos.

Não haverá uma paisagem sem caminho de ferro, ou rua sem ascensor, um campo sem machinas agricolas, uma aldeia sem chaminés de fabrica. Tudo se industrialisa, tudo perde a graça.

Tristes, ora em silencio, ora em pragas contra as abominaveis architecturas que iam defrontando, os dois acharam se ao entardecer no largo da Esperança.

Cem homens andavam a demoiir umas dependencias do velho convento, cujos claustros d'um tão lindo ar, cujas torres arredondadas e com um mamillo no topo, como seios de virgem, cujos retabulos d'azulejo, cujas floridas abobadas cahiam sob as picaretas. Deitavam abaixo velhas coisas cheias d'arte e de recordações: indagando, os dois vagabundos, vieram a saber que a demolição fora ordenada por um brasileiro que ali ia construir precios para alugar.

E a parte do convento que ainda está de pé, com a sua igreja em ruinas, com as paredes rasgadas, com os telhados a cahir, parecia mostrar as suas chagas e queixar-se dos maus que dia a dia a martyrisavam, sem piedade, sem alma.

Apontando o convento, Gabriel teve estas palavras:

—Aquil o é o nosso retrato.

E foram tomar absyntho.

Eu.

BIBLIOGRAPHIA

A capella de S. João Baptista. Alindada com um justo desenho chromolythographado, esta excellente monographia fornece aos que se interessam por coisas d'arte as mais curiosas informações ácerca da famosa capella de S. Roque e collabora eloquentemente no sentido de rehabilitar o nome de João V, o faustoso rei que tão bellas coisas fez e que os myopes d'espírito consideram apenas como um lascivo senhor que levou a vida sujando os bofes de renda com polvilhações de rapé e entregando-se sadicamente aos mais profanos amores.

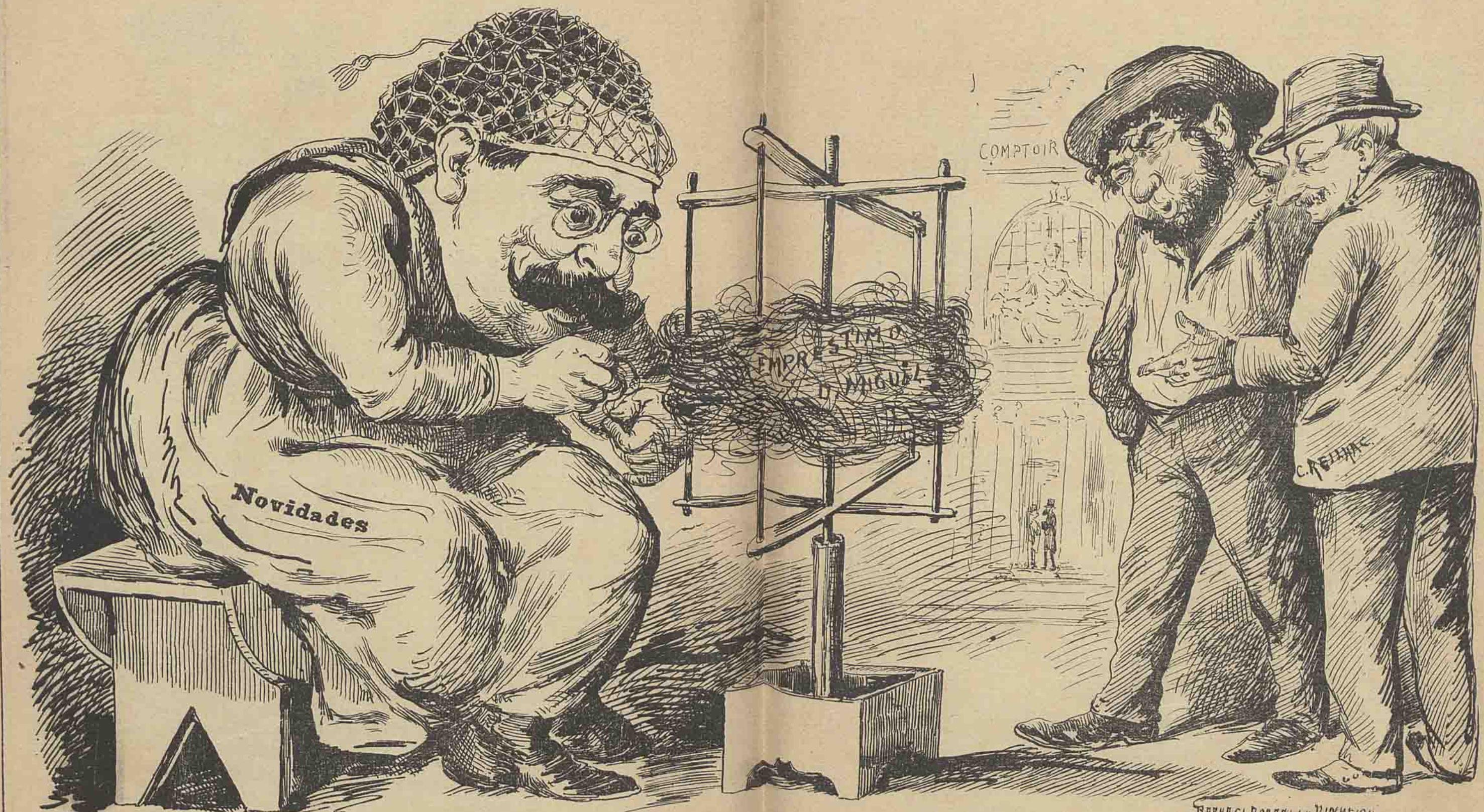
PRAÇA DO CAMPO PEQUENO

Domingo, 30 de abril



N.º 1—o matador Cara Ancho. N.º 2—o seu discipulo Fuetes. N.º 3 e 4—Jorge Cadete e Theodoro Gonçalves: Dois novos e lions. N.º 5—Os toiros de Emilio Infante: comboyos com paus do ar. N.º 6—Um cavalleiro mergulhador. N.º 7—Unica maneira de bandarilhar os toiros de Emilio Infante. N.º 8—Valente grupo de forcados: sociedade do *come e dorme*.

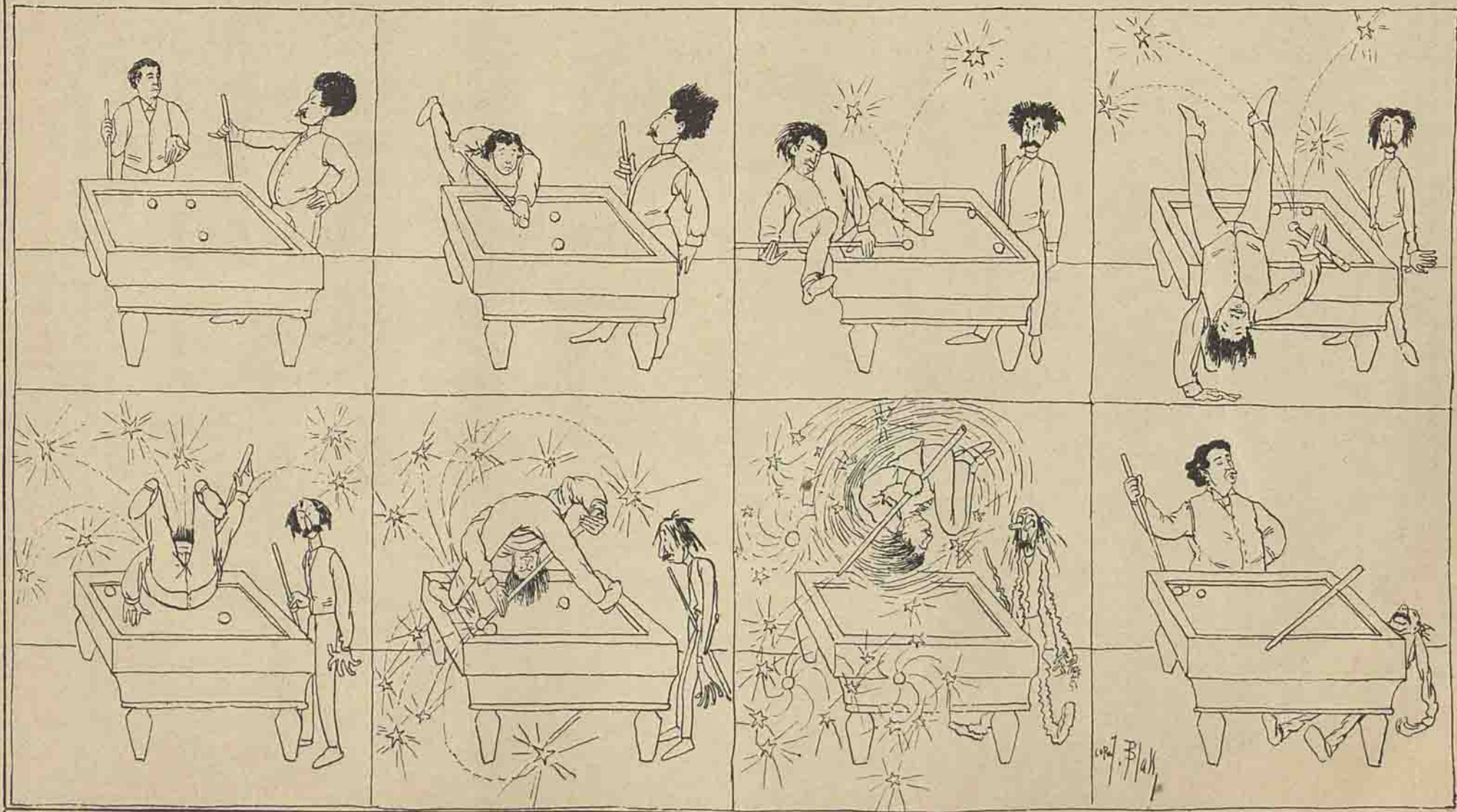
O EMPRESTIMO DE D. MIGUEL



Desfiando a meada.
O carrasco e a victima: ambos encravados.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

UMA PARTIDA A'S 3:000 CARAMBOLLAS



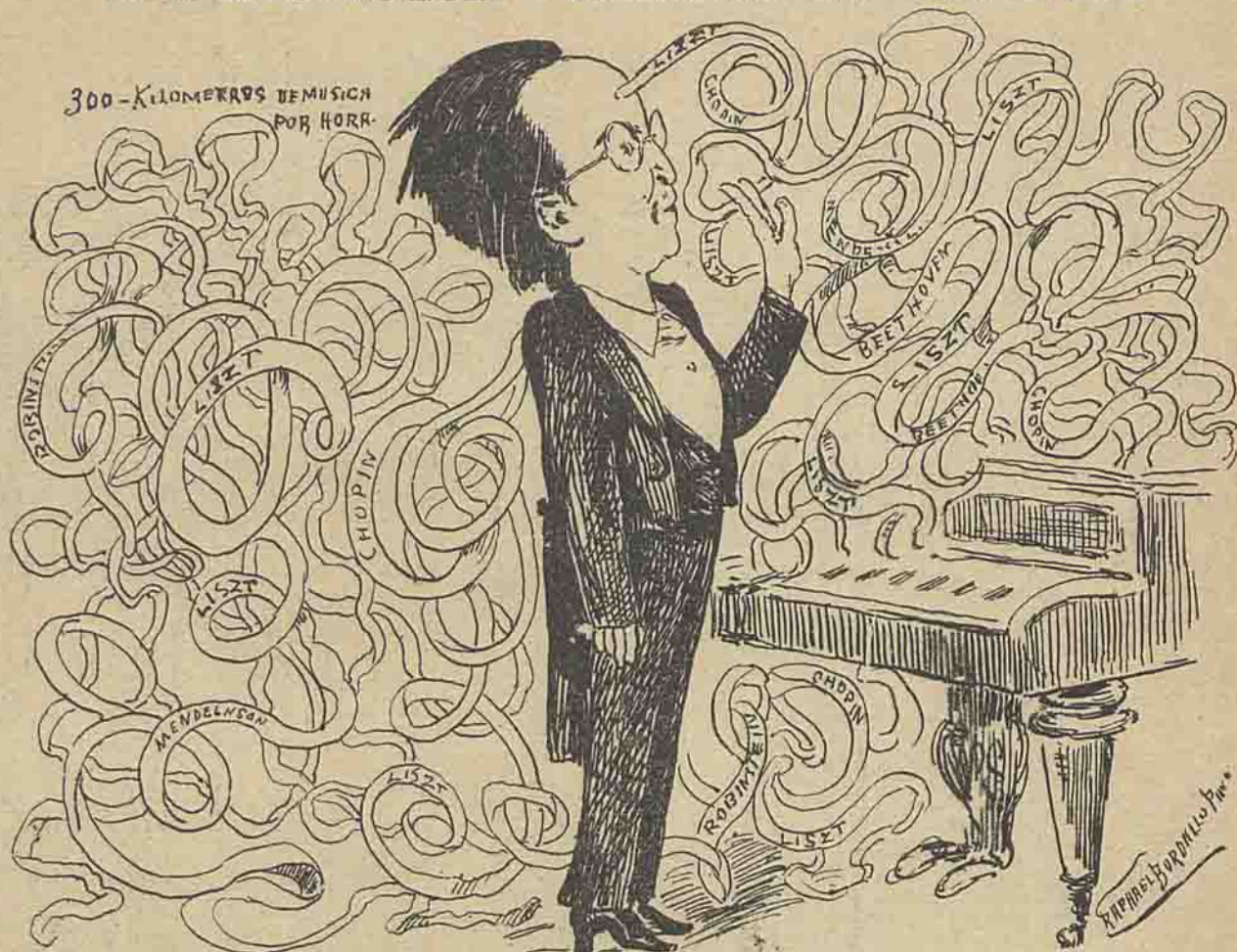
THEATRO DO GYMNASIO

ANASTACIA & C.^a



A nova peça de Eduardo Schwalbach tem sido n'estes ultimos dias e ha-de ser nos que se lhe succedem muito applaudida pelo publico do Gymnasio. Tem graça e é muito bem representada, salientando-se Valle e Jesuina, cujo sentimento do ridiculo merecidamente capta as maiores admirações.

O PIANISTA VIANNA DA MOTTA



Tira da cabeça músicas classicas como os prestidigitadores tiram fitas dos chapéos. Preciso como um relógio. Não ha mais que dar-lhe corda... e elle ahí vae.

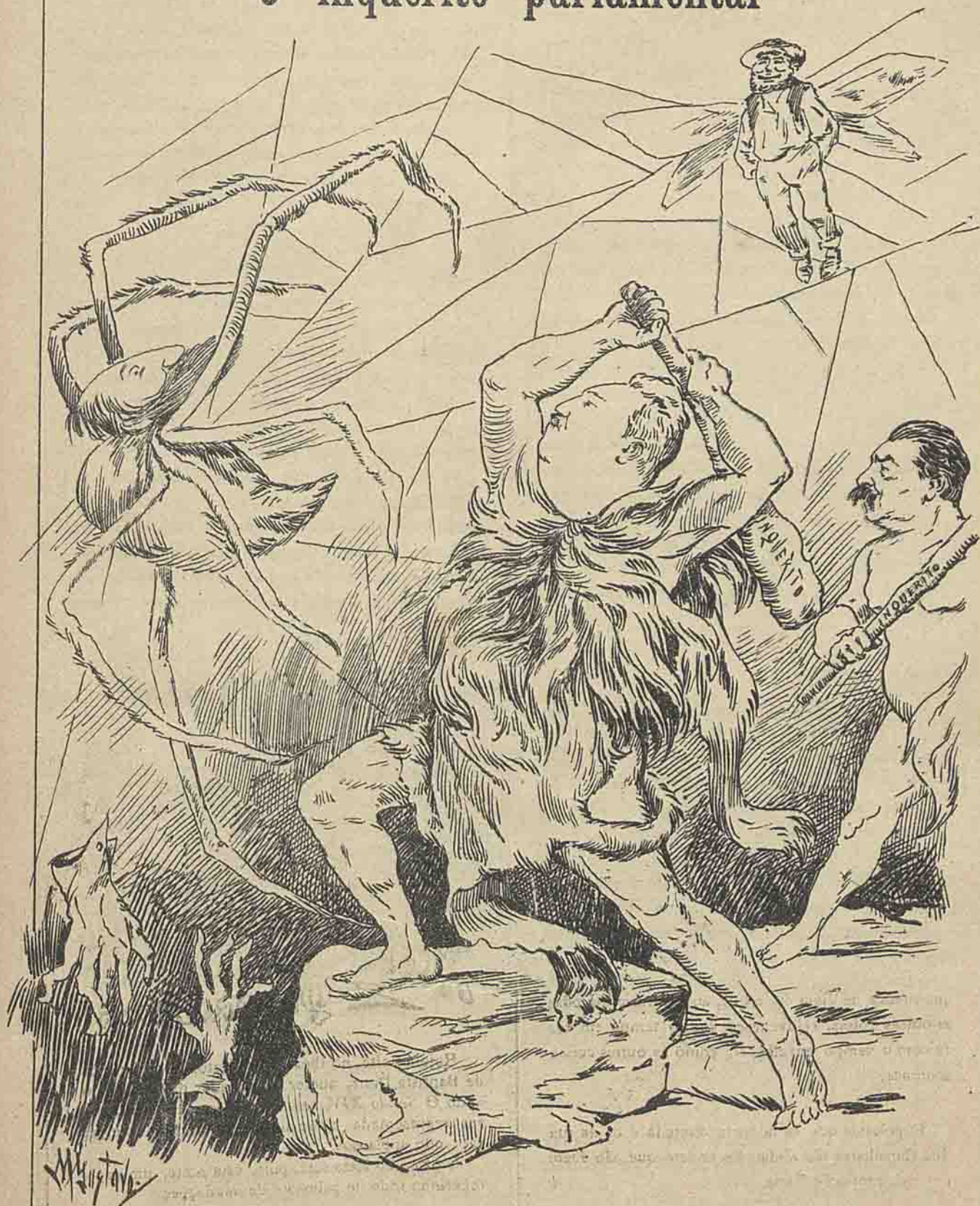
THEATRO DE S. CARLOS

COMPANHIA FRANCEZA



Esta companhia deu nos ultimamente um agradável *Fausto* que, franqueza, franqueza, não merecia a excessiva indiferença com que foi ouvido pelo publico. O genero d'esta companhia affasta-se um pouco das exigencias da plateia de S. Carlos: urge: no, entanto, acentuar que é bem formada, correcta, possuindo alguns artistas de incontestavel valor.

O inquerito parlamentar



Maça dura em aranha molle tanto dá até que fura.
Um tem a maça que insiste, outro a massa que resiste.

Variações

Posto que um melindre bem comprehensivel, comparando o appellido de quem dirige este semanario com o da pessoa a quem se deve o maior acontecimento artistico da semana e dos ultimos tempos, nos torne um pouco hesitantes, toda a hesitação fica molle e sem prestigio perante os dictames da justiça que nos manda louvar quem merece louvores, rir de quem merece risos e castigar quem merece condemnação, pondo de banda todas as conveniencias estabelecidas, todas as convenções e todos os estribilhos de conducta social.

O valor da obra que nos deu mote para esta curiosa prosa é sufficientemente grande para nos libertar de qualquer maliciosa suspeita. A opinião francamente exposta por pessoas de intelligencia penetrante dá-nos enorme força, divorciando-nos de toda a idéa de favoritismo que nos pudesse ser attribuida, idéia proveniente da maledicencia geral que, sem aquelle precedente, veria no que escrevemos não a photographia do que sentimos mas o condicional elogio d'uma artista que nos é particularmente chegado.

Queremos fallar da exposição de *rendas portuguezas* promovida pela sr.^a D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro.

No meio de todas as relles, de todas as ridiculas questões que vão prendendo a attenção publica, da questão do conde de Burnay, da questão da divida externa e de tantas outras, esta exposição logrou levantar os espiritos eleitos, altamente insinuante e triumphantemente demonstrando que, acima de pequeninas miserias politicas, das liliputianas questiunculadas diplomaticas e das venalidades financeiras, alguma coisa existe que não morre, alguma coisa que medra de dia a dia e que, ao contrario de todas as outras coisas, rejuvenesce com o tempo em vez de com o tempo envelhecer, como ás outras coisas acontece.

E' possível que os homens d'estado e os da rua dos Capellistas tão afadigados andem que não dêem por esta exhibição d'arte.

Mas, como disse o velho solitario de Valle de Lobos, «*Deus e os vindouros não de julgar-nos a todos*» e graças a Deus e aos vindouros, d'aqui a annos, d'aqui a seculos, as rendas, essas frageis filigranas de linha, hão-de ser arrecadadas com avareza e devoção, ao passo que as obras dos estadistas e dos banqueiros modernos serão o que hoje é para nós o nome de qualquer escudeiro da rainha Semiramis, isto é, uma coisa apagada, uma coisa morta, uma coisa sem valor.

*

* *

A exposição de *rendas portuguezas* poe n'uma larga evidencia o talento singular e a singular actividade da sr.^a D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, ao mesmo tempo que abre uma porta d'ouro na muralha fechada da industria nacional.

Todos os louvores devem ser rendidos a quem com tão alto criterio e tão rara tenacidade conseguiu exumar e dar nova vida á industria das rendas lusitanas, como todos os app'ausos devem ser postos aos pés de sua magestade a Rainha, que tão generosa e intelligentemente tem coadjuvado este trabalho, conseguindo que elle triumphe das hostilidades que lhe movem e da indiferença que o cerca.

Eu.

THEATRO DO RATO



Hoje á noite, no theatro do Rato, festa artistica de Baptista Diniz, auctor e ensaiador da revista do anno *O Seculo XIV*, uma farça alegre, cincoenta vezes representada n'aquelle palco popular, sempre captivando applausos.

O palco do Rato será, pois, esta noite, um capitulosinho todo de palmas e de saudações.

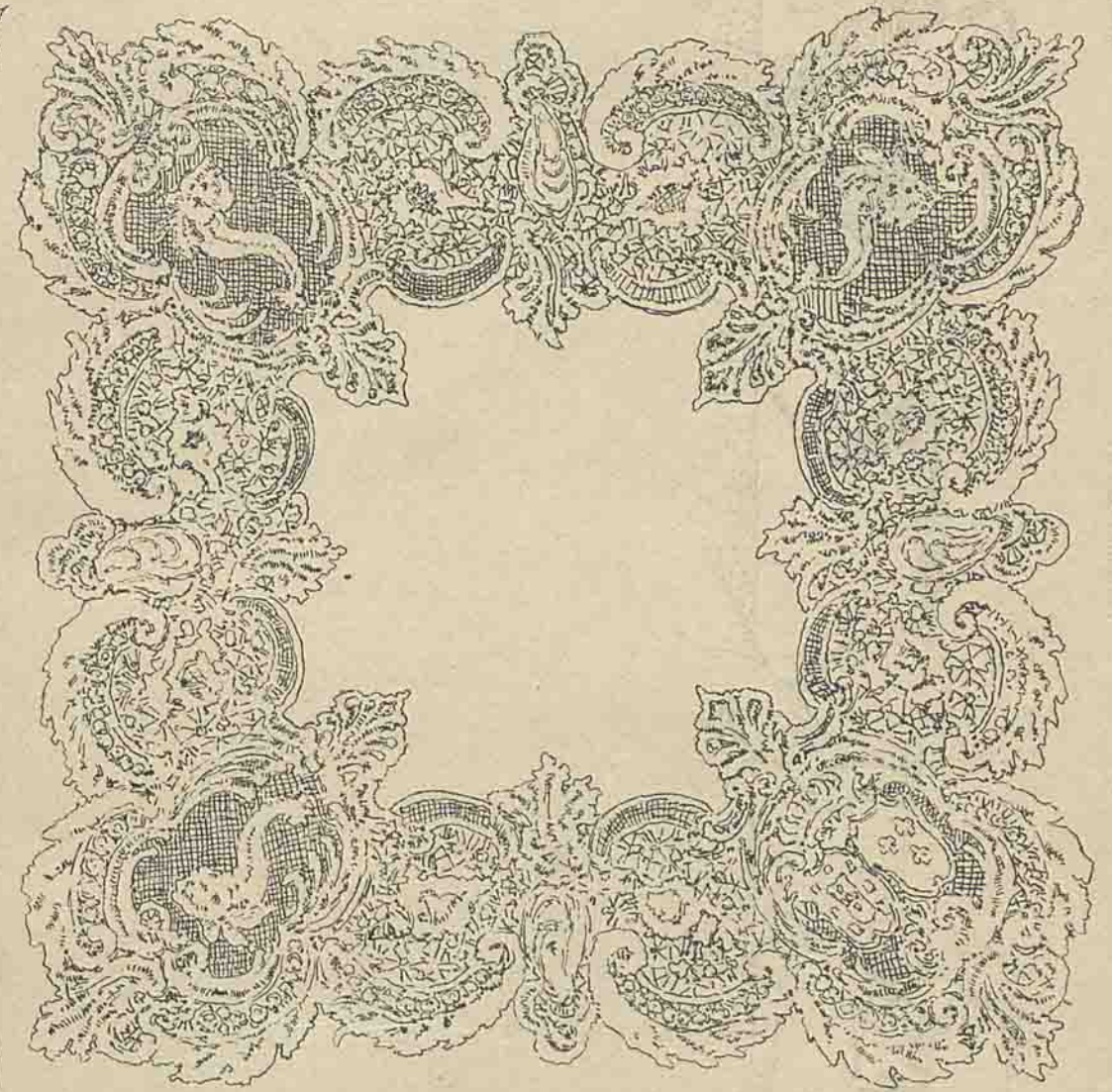
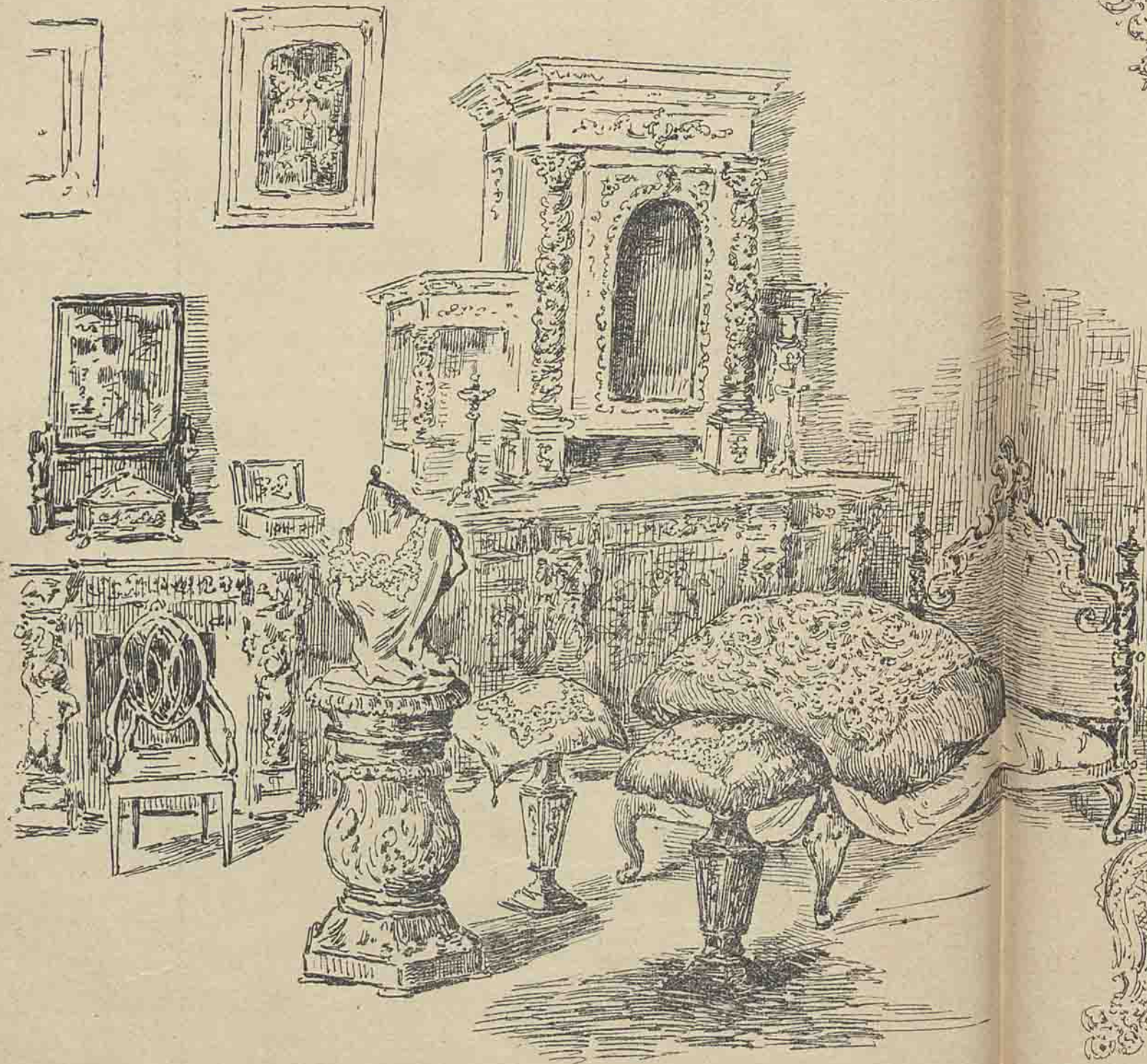
THEATRO DE S. CARLOS

CARMEN



Carmen franceza, muito bem cantada. Sublinhando o caracter da protagonista, a parte de D. José não tem sido repetida pelo mesmo tenor. Um tenor para cada noite. E é de ver a phantasia de todos elles quando se vestem á hespanhola: collarinhos á mamã, polainas de soldado argelino, gravatinha encarnada á Lavalliere.

EXPOSIÇÃO DE RENDAS



Дарнакъ Бодрилъ Финкеиъ.

Aspecto d'um trecho da exposição: croquis d'um lenço oferecido pela expositora a sua magestade a Rainha.

OS CRÉDORES EXTERNOS



FUSCHINI (dando a mão aos estrangeiros):

Viva a folia,
Dançar, dançar...

OS ESTRANGEIROS:

Fuschini é bom, Fuschini é grande!

ZÉ POVINHO:

Só Deus é grande!

A TOURADA DO CLUB TAUROMACHICO

Domingo, 14 de maio

CAMPO PEQUENO



A velha porta falsa dos jornalistas, a falta de espaço, não é hoje uma mentira proferida por nós e pregada aos nossos leitores. Essa falta nos inibe de dar os retratos de quantos tomarem parte na tourada do dia 14. N'um espacinho, muito apertado, apresentamos para que a falta não seja completa, um representante de cada especieidade: o luvrador, o cavalleiro, um bandarilheiro e um moço de forcado. Bois puros dando-se arcs de corridos.

A QUESTÃO DO DIA

Nacionalisação do deputado por Thomar.

Não tem patria Israel.



«Onde nasceste, onde mamáste, oh! bello?»

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

ALI

OU

AQUI?

DE BEJA

(Telegramma illustrado do nosso correspondente)



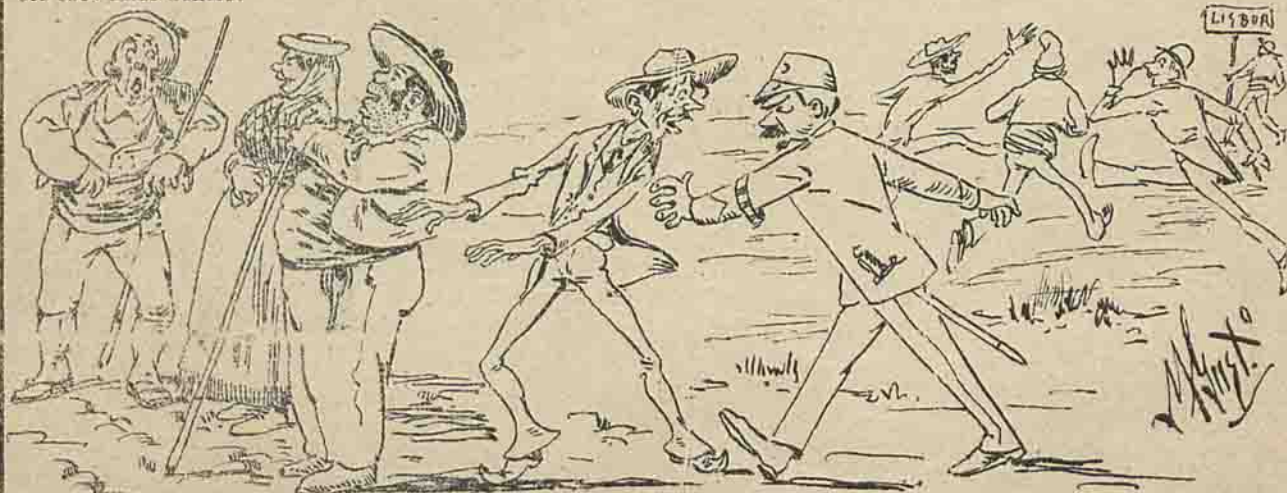
Uma parte do original cortejo.



S. M. acariciou boisinhos. Entusiasmo bejenses toca raias delirio.



Os presos de Beja. Felizardos.



Policia espanta elles.



Variações

Sexta-feira á noite, alastrou-se a noticia de ter fallecido o pintor Silva Porto.

Corremos a casa do defuncto.

Banhado o rosto de mansidão e tranquillidade, o corpo do famoso paysagista estava estendido, tragicamente immovel, sobre um caixão cujos oiros ardião á espreguiçada luz dos cirios.

Em torno, toda a decoração das camaras ardentes: paredes vestidas de preto, um cheiro intenso a phenol derramado, um crucifixo entre vellas, figuras andando nos bicos dos pés, vozes ciciadas...

E na concha do nosso ouvido cahiu então a narrativa, por um intimo feita, da agonia de Silva Porto, que, á hora da morte via paysagens em todo o aposento, nos cortinados da janella, nos moveis, no sobrado, no tecto, e seguia com a vista fraca a mão pallida que no ar traçava quadros feitos de febre e delirio.

Doce e quasi invejavel agonia a d'esse puro artista que, na suprema hora, não teve um remorso a apertar-lhe a alma, uma vergonha a agitar-lhe o coração, que fechou os olhos com os olhos postos na Arte, sua querida amiga, sua leal amada.

*

* * *

No dia seguinte, sob um sol argelino, fomos acompanhá-lo ao Alto de S. João.

Um modesto cortejo, exclusivamente formado pelos amigos intimos, collegas e discipulos de Porto. Homens de letras, viam-se dois ou tres; musicos, nenhum por lá topámos.

Ditas as rezas do ritual, lidosos discursos de tres senhores, mettido o caixão no pequeno jazigo, cada um abalou para a egoista faina da vida, de regresso á triste contemplação da morte.

Veiu a noite. Os jornaes de am na 3.ª pagina a noticia do enterro, inserta entre a noticia d'uma toirada e um reclame; n'um ou n'outro café pronunciaram-se breves palavras de justiça e saudade pelo morto.

E foi tudo.

Hoje—Já lá vão quatro dias!—ninguem ou quasi ninguem falla do notavel pintor, cuja morte parece distante como a de Anunciação ou a de Lupi.

Sic itur ad astra... entre indifferença e ferozes egoismos.

Não fosse a platonica fé do futuro, este espectáculo—tantas vezes repetido!—bastaria para quebrar as energias mais fortes, para enfraquecer as aspirações mais legitimas.

—Deixem-me dormir, deixem-me sonhar, deixem-me morrer! seria o grito de todos os eleitos d'espírito.

A fé viva na posteridade anesthesia lhes o desamento.

Como se a posteridade valesse alguma coisa, como se a popularidade d'amanhã purificasse e elevatasse a admiração popular!...

* * *

Silva Porto foi um homem honesto e um notabilissimo artista, notabilissimo pela obra que deixou e pela influencia que exerceu sobre a moderna pintura portugueza.

Regressando a Portugal n'uma epocha em que a Escola de Bellas-Artes, mantida por uma sucia de velhas carcassas, amamentava a arte nacional com o leite morno da convenção e da rotina, Silva Porto transpoz a muralha chineza dentro da qual se acoravam as sobreditas carcassas, e, subindo ás musgosas ameias, desfraldou em pleno azul um grande pavilhão rubro, de revolta.

Apparecia couraçado de talento e de honestidade artistica, resistente a todos os ataques, por mais violentos que fossem.

Não harengava, não gastava o dia em palavras propagandas. Mas atraz do seu ideal e da sua obra marchavam phalanges de incipientes artistas, que viam nascer o sol á meia noite.

Muitos dos que teem nome na pintura lusitana d'hoje devem-lhe quasi por completo o que actualmente são.

Na Academia era uma torre entre casinholos esboroados. No Museu das Janellas Verdes quando a sua obra lá estiver resplandecente—se lá chegar—terá logar entre os grandes.

Foi perante o fallecimento d'um homem como este que a imprensa de Lisboa ficou cega e surda dispensando-lhe meia duzia de linhas quando contemplava com longas columnas e até com paginas inteiras a questão do conde de Bumay.

Injustiça que foi talvez uma felicidade para a memoria de Silva Porto, porque a livrou de ser enleada por muitos adjectivos tolos.

Eu.



BIBLIOGRAPHIA

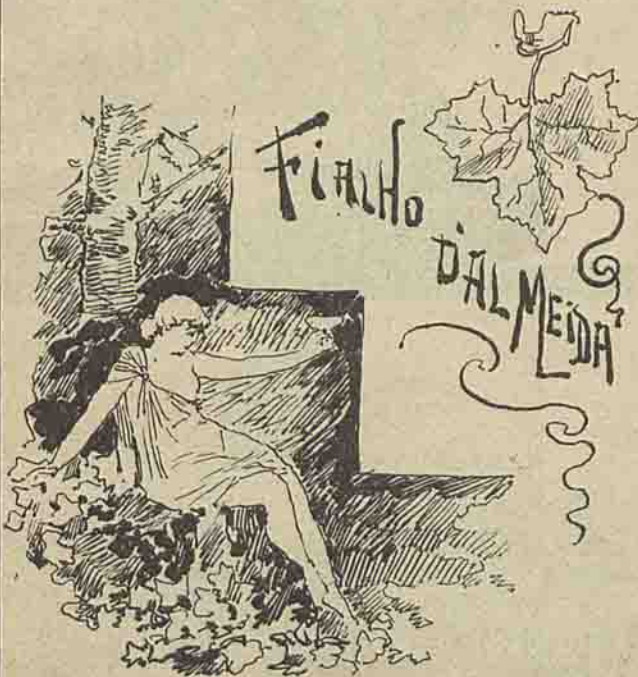
HISTORIA DE PORTUGAL

TRAD. DE SILVA BASTOS



Historia de Portugal, por Morse Stephens.
Traducção de Silva Bastos, prefacio de Oliveira Martins.

Publicada em 1891 na *Story of the nations*, esta obra encerra uma cursiva descripção dos factos prominentes da historia portugueza, cursiva mas feita com escrupulo e honestidade.



O Paiz das Uvas, por Fialho d'Almeida. Illustrações de Julião Machado.

Toda a poesia, toda a tranquillidade, todo o pitoresco de Lusitania rustica: azinhagas apertadas por florescencias de pilriteiro, sinos cantando em distantes torres, recantos de villorias quietas o luar, o sol, as estrellas, a agoa.

E a prosa, uma prosa estrepitante e viva, como um polychrome damasco novo, com relampagos de acerada ironia interrompendo, de instante a instante, as paisagens e os dialogos.



Lino d'Assumpção

Grades e Freiras



Grades e Freiras, por Lino d'Assumpção.

Voluse elaborado com uma paciencia de monge, todo elle a respeito de velhas, de fanadas coisas.

Um pacifico e carinhoso asylo para os que preferem deitar os olhos nostalgicos para o passado a lançal-os prescientemente para o futuro, para esse monstruoso futuro todo de electricidade, de locomotivas, de claminés de tijolo, de carvão de pedra, de gazómetros.

THEATRO DA TRINDADE



Hoje á noite, beneficio do actor Augusto.

Sóe á scena a opereta *D'Artagnan*, que os lisboets já ouviram com agrado, representada em hespanhol.

Graças ao beneficiado e á peça, a Trindade será hoje concorrida como uma kermesse flamenga.

SILVA PORTO



Emquanto se erguem arcos de triumpho e se desfraldam estandartes de reclame á passagem de insignificantissimos paspalhões politicos, a noticia da morte de Silva Porto foi, quasi unanimemente, dada pelos jornaes como um facto vulgar, secundario, sem importancia, desterrada nos arrabaldes das secções d'annuncios, besuntada com vãs lamurias de cliché.

N'este lindo paiz de sol, de côr e de barbaros, a indifferença dos contemporaneos é a moeda com que se alcança a fama vindoura.

A injustiça é flagrante mas a justiça será dura. De todas as modernas obras portuguezas só ficarão as obras d'arte que o tempo fará d'oiro, desprezando as outras, politicas financeiras, etc. que são ganga.

Assim quando os annos tiverem jocirado a nossa epocha, o nome de Silva Porto resplandecerá com fulgurações d'aurora ao lado dos nomes de Anthero, de Lupi, de Camillo, de Soares dos Reis.

O TRATADO COM A HESPANHA



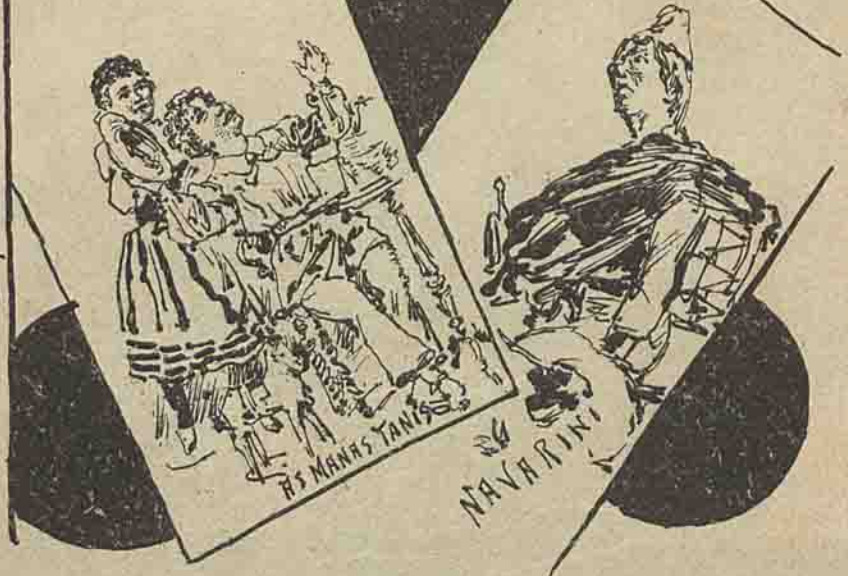
Conjugo vobis...

COMPANHIA D'OPERETTA ITALIANA

COLYSEU DOS RECREIOS



AS MANAS TANIS



Espectaculos muito agradaveis, linda musica, lindos scenarios. As manas Tanis sempre d'uma infinita graciosidade nos seus *travestis* flammantes. Pena é que a companhia esteja n'aquelle colyseu, cujas enormes proporções enormemente prejudicam a audição.

HISTORIA DO VESTUARIO FEMININO

POR MECACHIS

(Extraido do «Blanco y Negro»)



O primeiro figurino



Edade do urso das cavernas



Edade de pedra



Epocha romana



Seculo XV



Seculo XVII



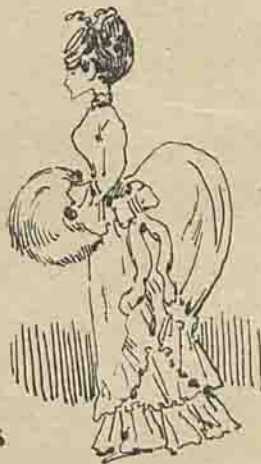
Seculo XVIII



1800



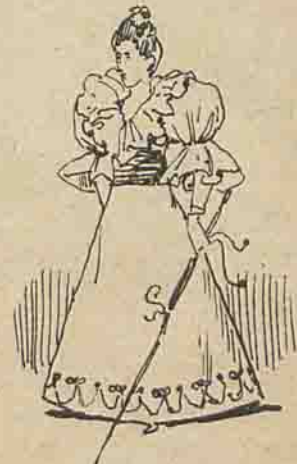
1830



1870



1892



O ultimo figurino

A PORTA DO INFERNO



Esta inscripção, em le'tras muito escuras,
Viu gravada no cimo d'uma porta;
—«Me-tre, disse elle, que expressões tão duras!»
Divina Comedia. canto III.

Por sua dama!

OU «O AMIGO DOS DIABOS»



O Casal Ribeiro sorrindo e a pensar :

—Uma indignada matrona romana, d'aquellas que traziam a meia-lua no sapato, protegida por um guarda d'aquelle famoso monumento mandado construir por Numa Pompilio...

GOMES DE SOUSA



Gomes de Sousa, victima da incrível incuria municipal, era um moço de são e esclarecido espirito. Jornalista energico, possuidor d'uma forma incisiva, cursiva e expedita, foi uma esperanza e é hoje uma saudade para a imprensa portugueza. Morto na flor da vida, não deixa uma obra capaz de triumphar do tempo, mas lega uma funda lembrança a todos os que lhe prophetisavam futuras glorias e amavam com alma a alma d'elle.

Variações

Nadam em oiro, os cangalheiros.

Caminho dos Prazeres e do Alto de S. João, como fios de enormes formigas, os enterros marcham continuamente.

Escancarados ao sol, exhibindo os seus ventre de cloaca humida, os canos derramam typhos. A mortandade cresce.

Conhecido o poder destruidor das subterraneas veias, conviria aproveitar sabiamente esse poder, para saneamento moral e intellectual da cidade.

Urge, porém, não sangrar a terra ao acaso.

Se o governo se empenha, ao que parece, no sentido de purificar as consciencias susceptiveis de limpeza, libertando-as do venenoso contacto de certas creaturas, cujo exilio se impõe, por um principio de hygiene, não tem mais do que servir-se d'essa maravilhosa arma: o cano.

Ha sujeitos cuja influencia evidentemente intoxica a sociedade de Lisboa: politicos, financeiros, artistas, homens de letras, homens de negocio etc. . .

Seria de toda a conveniencia mandal-os para longe, para onde não fizessem damno. Dada, porém, a

persistencia com que esses mariolas estão agarrados ao torrão lisbonense, e provado que não ha calomelanos que os desterrem, que a rede arterial por onde circulam os dejectos da cidade se encarregue d'essa missão salvadora.

E os canos ficarão sendo (o contraste!) como um porqueirão estabelecido com casa de banhos, como um pobre dando esmola, como um doente a curar o proximo.

O processo é dos mais simples. Inliquemos o processo.

Imagine-se que o conde de Burnay é tudo o que os seus inimigos recentemente d'elle disseram: um salteador dos dinheiros lusitanos, um enriquecido á custa de agastosas especulações, um desmoralizador d'almas. Se isto fosse verdade, nada tão urgente como a immediata partida do conde para qualquer paiz affastado, para o paiz de Plutão principalmente. Averiguada a veracidade de tão odiosas asserções, o governo emprazava o conde para sahir do reino dentro de vinte e quatro horas. Provavelmente o conde resistia, e, n'esse caso, sem perda d'um segundo, o governo mandava abrir um cano defronte do conhecido palacio que o conhecido millionario possui á Junqueira.

11 Otto dias depois o cano teria de ser fechado para dar passagem aos trens que hayiam de seguir o fere-tro do tão discutido consul da Belgica.

O poeta X, auctor d'um detestavel volume de versos, faz annunciar nos jornaes a publicação d'um poema.

E' preciso que o ferido dorso da arte nacional não seja martyrisado com mais essa chaga.

A bem da nossa dignidade artistica, o governo manda abrir um cano sob a janela do poeta X. E o retrato do poeta X apparecerá d'ahi a dias no *Diario Illustrado*, entre tarjas de lucto e necrológicas palavras.

Da mesma fórma procederá o governo para com todos os politicos venaes, para com todos os jornalistas calumniadores, para com todos os safardanas da tribuna, do balcão, da arte e da industria.

Vote-se a lei das incompatibilidades, acabe-se com os caloteiros exigindo-lhes o pagamento das contribuições, estabeleça se a responsabilidade ministerial, fomentese o commercio e a industria, alargue-se o ensino: todas essas medidas de salubridade moral são um zero. uma pequenissima coisa. ao pé das calculadas incisões da terra, que, pondo a vella os armazens de caca que pisamos, altamente beneficiarão a empestada atmospherá espirital em que vivemos.

Qualquer decreto do *Diario do Governo* pode ter um moralizador effeito momentaneo, mas só momentaneo

O effeito d'um cano aberto é mais prompto e mais decisivo.

Mãos a obra.

Faça-se uma lista de nomes e monadas, descalcem-se as ruas, ponham-se á mostra as tripas da cidade e tudo ficará são dentro d'um mez.

ULTIMA HORA.

UM PEIXE QUE SE ESCAMA



ULTIMO FIGURINO P.^a CRITICOS DE TOURS.

BIBLIOGRAPHIA

Espirito Gentil, por Luiz Osorio. Um episodio d'amor contado em versos d'uma quasi fatigante simplicidade, todo em meias tintas, empoado, sem esmalte.

Meridionaes, amantes de luz e côr, de jogos de sol e agua, de erupções de pedrarias, de velludos, sedas, marmores e carnes pigãs, posto que reconheçamos qualidades n'essas paginas apagadas, como uma peysagem ao entardecer, fica-nos anestesiado o entusiasmo perante os versos do *Espirito Gentil*.

Luiz Osorio, despreza os dictames da metrica moderna, envolve todos os seus conceitos em musicas sabidas, quando os podia embalar com orchestrações novas, insinuantes.

Desprovido de imagens, como uma mulher sem joias, o novo livro do poeta da *Alma Lyrica*, é raramente suggestivo, de maneira que a impressão fallece logo que o verso acaba.

Pondo de lado pontos de vista, modos de vêr, deve, porém, ser louvada a obra de Luiz Osorio, teimoso intransigente com as novas theorias poeticas, mas incontestavelmente possuidor d'um singular temperamento poetico.

Amostra do Espirito Gentil :

Crió que teho andado e percorrido
Toda a escala da dor e da miseria;
N'uma apathia funda e deletéria,
Vae-se-me o alento, pelo chão varrido.

Alheio a mim e a todo o meu sentido,
Sem viver da razão ou da materia,
Vivo n'aquella sepulchral, funerea
Vida de larvas, que não dão gemido.

Vivo sobre o cadaver frio e gasto
Das illusões, que foram meu alento,
Meu risinho ideal, formoso e casto;

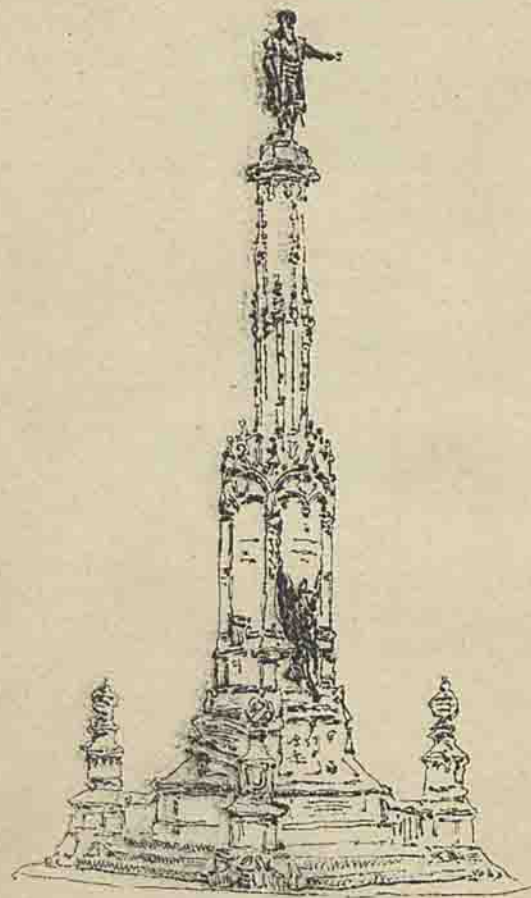
N'este fugir da vida, a lento e lento,
Onde te perdes, coração nefasto,
Onde me levas tu, meu pensamento?

A produção e a cultura do trigo em Portugal, por D. Luiz de Castro. Uma leve plaqueta contendo a notavel conferencia realisada, ha tempos, por D. Luiz de Castro, um moço que activa e inteligentemente se occupa da nossa agricultura.

Diccionario de anedoctas, excentricidades, calimburgos etc., por B. A. Barata. A paciencia d'um beneditino posta ao serviço da graça e da telha humana. Livro que é uma loja de algibube onde muitos irão vestir o espirito.

EXPOSIÇÃO D'ARTE

(CONCURSO PARA O MONUMENTO A AFFONSO D'ALBUQUERQUE)



"O SOL NASCE POR TODOS"



"A PATRIA HONRA-SE"



"PORTUGAL"



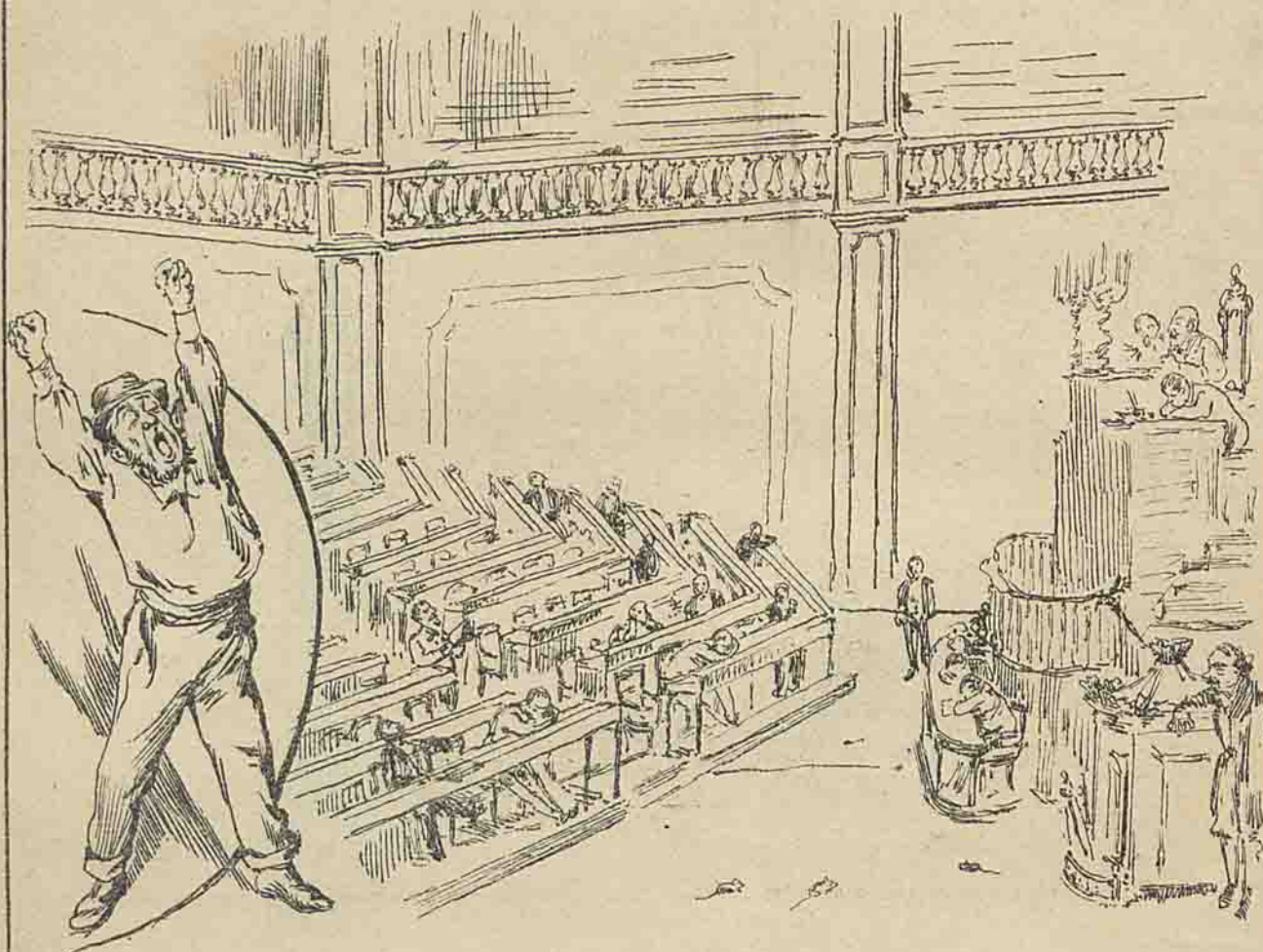
"PATRIA"



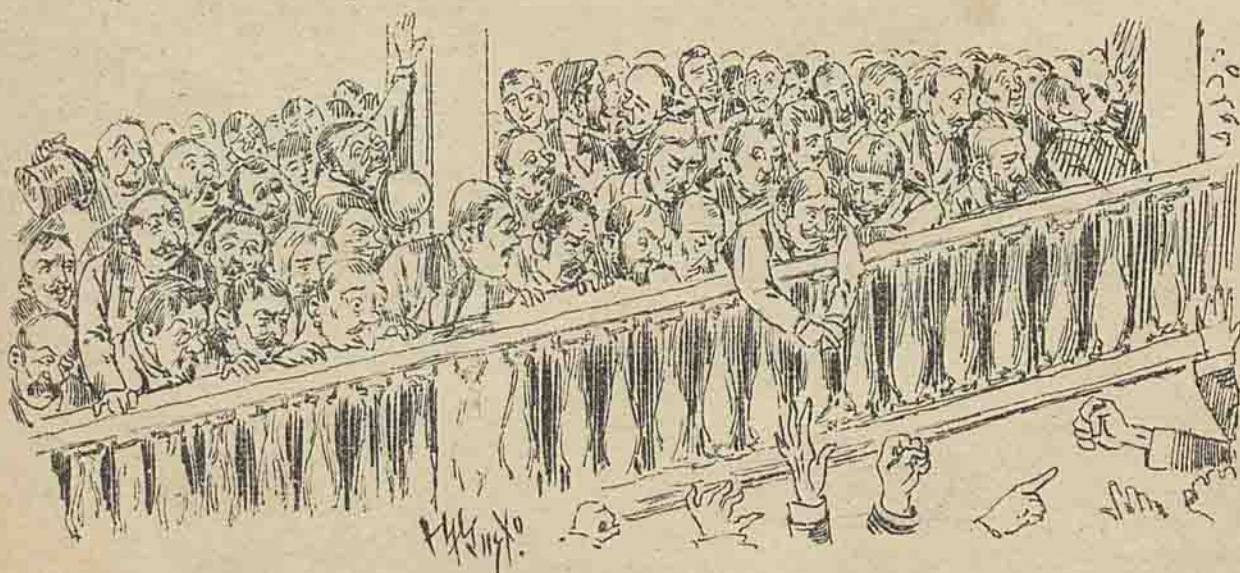
FLOR DO MAR

A mais notavel exposição de escultura que entre nós se tem realizado. Damos os *croquis* dos melhores projectos, agradecendo aos respectivos concorrentes a amabilidade com que nos ajudaram a dar esta curiosa pagina.

ASPECTOS DA CAMARA



Aspecto da galeria nas sessões nocturnas tão insistentemente solicitadas, ha treze annos, para a discussão do orçamento.



Aspecto da mesma galeria nas sessões antecipadamente annunciadas como escandalosas.

INDIGNAÇÃO



—Chamar pretorianos e jânizes aos nossos *mancipaes*!... O melcatrefe! Elle que se *astreva* outra vez!



Elles são tão meiguinhos!



Tão attentiosos!

FRADES E FREIRAS

(Discurso do abbade de Maximinos, bocca de trinta e sete mil pessoas)



—Porque ha-de haver liberdade para todas as industrias, disse o sr. abbade na camara, e não hade haver frades?
D'accordo. Frades de sabugo, de pedra, de fava e de feijão.

DR. GAMA PINTO



A este illustre especialista se deve a criação do *Instituto Ophtalmologico*, que tão extraordinarios beneficios tem derramado e cujos destinos tão tremulos se apresentam; o que aliás não admira, dada a tradicional indiferença com que em Portugal são tratadas todas as coisas de valor.

O dr. Gama Pinto tem um glorioso nome no estrangeiro, d'onde veiu, fechando os olhos a todos os sacrificios pessoais, no louvavel intuito de enriquecer o seu paiz com o oiro do seu talento e da sua sabedoria.

Variações

Venho de Cintra.

Cinco doces dias azues, incomparaveis de ingenuidade e socego, dias de sonho, virginaes e molles, na amavel distancia das solemnes burocracias, das hypocritas mesuras e da falsa januice de Lisboa.

Cinco dias de paz, paz de ancha e ta fim-de-seculo, paz de santo Antão civilisado, senhor dos seus nervos, livre de perturbantes tentações.

Correm os cinco dias como cinco azas, e, decorridos que são, eis-me com a camisa de forças da Obrigação, n'esta capital sem confortos, onde a vida não é um arminho mas uma silveira, levando os olhos como quem leva duas meninas a passeio, ao sal e pimenta das columnas dos jornaes, hirtas e sisudas, rotineiras como juizes do Supremo, banaes como frequentadores de tabacaria.

E em face d'esta brusca, desamoravel mudança, um rancho de symbolos se alevanta, sublinhando a minha situação, mostrando-me como um menino vestido de fresco brincando com uma caixa de tintas que lhe maculam os linhos alvos, como um caçador que assentasse praça, como um anjo aprendendo economia politica, como um principe fazendo a escripturação d'uma agencia de vapores.

E como um sadio pedindo um veneno:

—Constança, minha serva, traga-me os jornaes.

Gothica, hirta, queimada como um vintem, Constança surge ajoujada com papeis de noticias...

Como um copo d'agua limpida depois d'um remedio que dá nauseas, um volume do *Journal* dos Goncourt, brilha juncto de mim, com sua capa d'oiro pallido, para me apagar o mau sabor da jornalística leitura.

*
* *

Leio... lêo... leio..., com uma evangelica paciencia, esses longos papeis d'algodão, cheios de minusculas informações, suicidios vulgares, roubos estupidamente perpetrados, usuas pantominices, politicas biscas, bisbilhoterias de sociedade.

A' flor de tão acacias e venerandas questões, uma questão fluctua: a da federação iberica

Pelo que li, n'uma reunião recentemente realisada em Badajoz, ficou combinada entre alguns magnates do republicanismo portuguez e hespanhol o proximo estabelecimento d'essa federação.

A noticia de tão exdruxula combinação botou fogo á eloquencia dos affectos á monarchia lusitana, eloquencia que desnorteou d'uma singular feição os paladinos do ideal republicano.

Acima de toda a sympathia politica, feroz e cheio de sangue, vigoroso e altivo, o sentimento patriotico. Impulsionados por esse sentimento, todos os corações puros, todos os corações que se lavam, devem briosamente indignar-se contra o plano que, uma vez realisado, nos levaria inevitavelmente a uma completa abdicção de direitos e de dignidade. Pobresinhos mas independentes, legenda que deve ser adoptada por todos os portuguezes d'alma branca.

O plano é, sem sombra de duvida, criminoso. Todas as indignações são frouxas para o receber, todos os odios debeis, para o aguardar.

E, se ha duvidas sobre o que deixo dito, basta percorrer as contradicções, fraqueza de argumentação e tibieza de attitude tomada pelos que projectaram a traição, mostrando-se altivos quando contavam com a anemia moral, do nosso povo, e mettendo os pés pelas mãos, acobardando-se infantilmente quando, em vez d'essa anemia, viram surgir uma gloriosa força d'animo, uma coragem toda lusitana, prompta para todos os commettimentos, cheia de resistencia, e de honradez.

Não é a minha palavra que levará as coisas para a direita ou para a esquerda: Portugal independente, Portugal dispensando todas as aggremações ignominiosas, Portugal altivo, Portugal de Camões e de Vasco da Gama, eis o que eu quero, com toda a valentia do meu querer. Emquanto elle assim fór, eu, e comigo todos os immaculados seremos portuguezes.

No dia, porém, em que os proprios portuguezes fizerem com que sejamos absorvidos por uma nação vizinha, paraphraseando a celebre phrase de Schopenhauer, o sombrio Mestre, eu só terei a bradar: a minha maior, a minha unica vergonha é ser portuguez.

BIBLIOGRAPHIA

D. Tarouco, por Monteiro Ramalho. Edição de Lagan & Genelioux.

Romance historico. Episodios d'aldeia, paysagens, retalhos d'ocloga, movendo-se em torno d'uma historia viva e empolgante.

A prosa é pittoresca, masculina e dura, bordada com riquezas de vocabulario transmontano. Dialogos d'uma verdade toda phonographia

Mesmo para os espiritos enublados quiz, em virtude dos seus complicados feitos e arvezadas predilecções, não-de sentir cegueiras, opthalmias com tanto sol, tanto ar livre, o *Dom Tarouco* será uma obra a respeitar, pela pouco vulgar seriedade e valentia com que está urdida.

Carta a El-rei de Portugal, por Moniz Barreto.
Um folheto nervoso e brilhantemente escripto, cheio de alma, desapaixonado e ativo

MENINO PRODIGIO



H. G. G. G.

Oh! minha senhora, que encantadora creança!



Um estabelecimento de primeira ordem, propriedade do sr. Dias Costa, um sympathico e laborioso commerciante. Excellentes artigos contra a chuva, do mais fino gosto e da melhor qualidade.

A JOTA DE BADAJOZ



FRANCA

Repetiu-se o caso, tantas vezes repetido que a sabedoria popular extrahiu d'elle o famoso dizer: *Ir buscar-lã e ficar tosquido.*

OLHARES ARITHMETICOS

(POR MECACHIS)

1 2 3 3 3
 3 4 5 5 6
 6 6 7 8
 9 9 0.

Os olhos aqui expostos
Dão os seguintes olhares:



Estranheza



Melancholia



Tristeza



Riso



Espanto



Inveja



Orgulho



Misticismo



Ira



Velhacaria



Medo



Resignação



Tristeza



Seriedade



Embriaguez



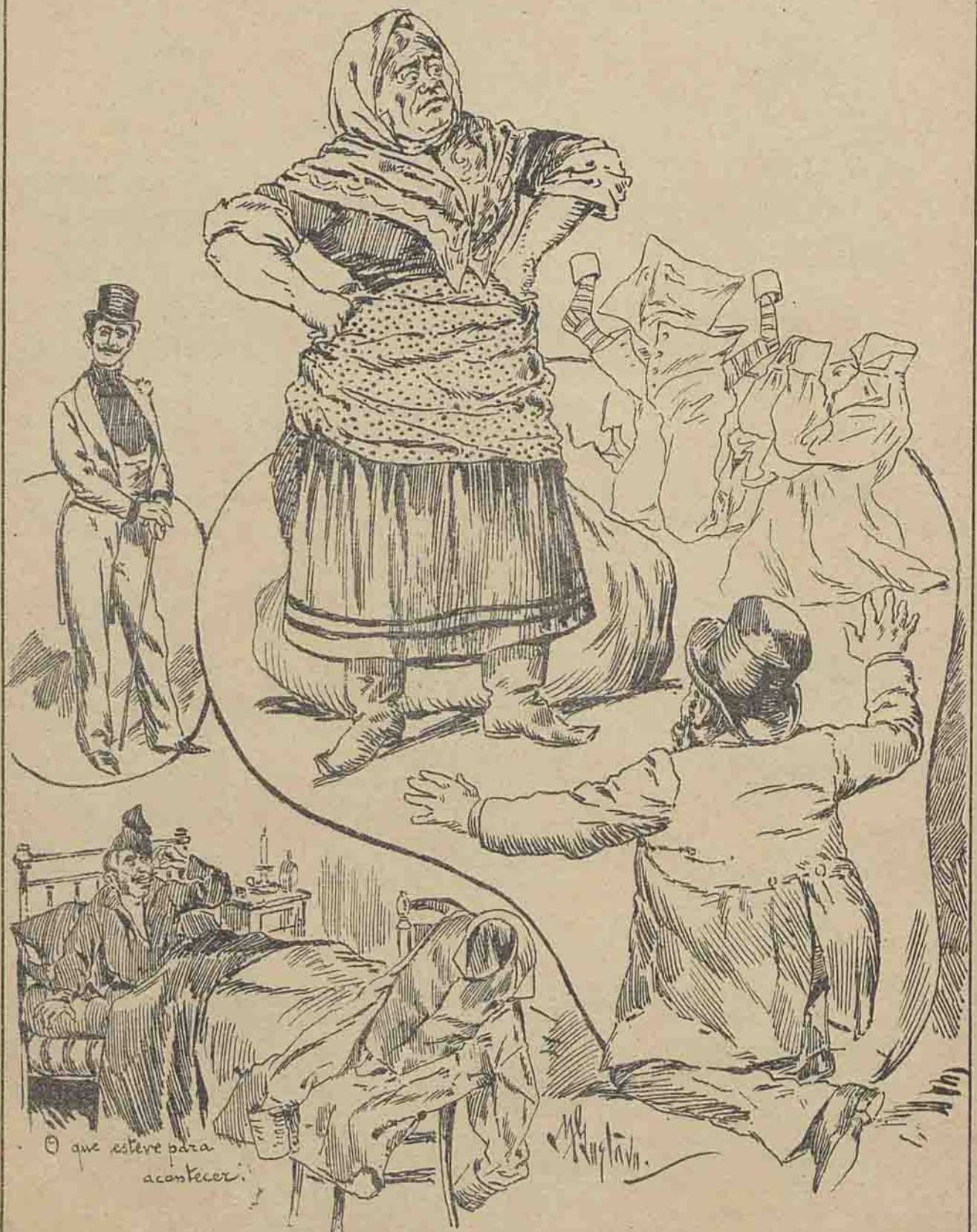
Pudor



E zero.

(Do BLANCO Y NEGRO)

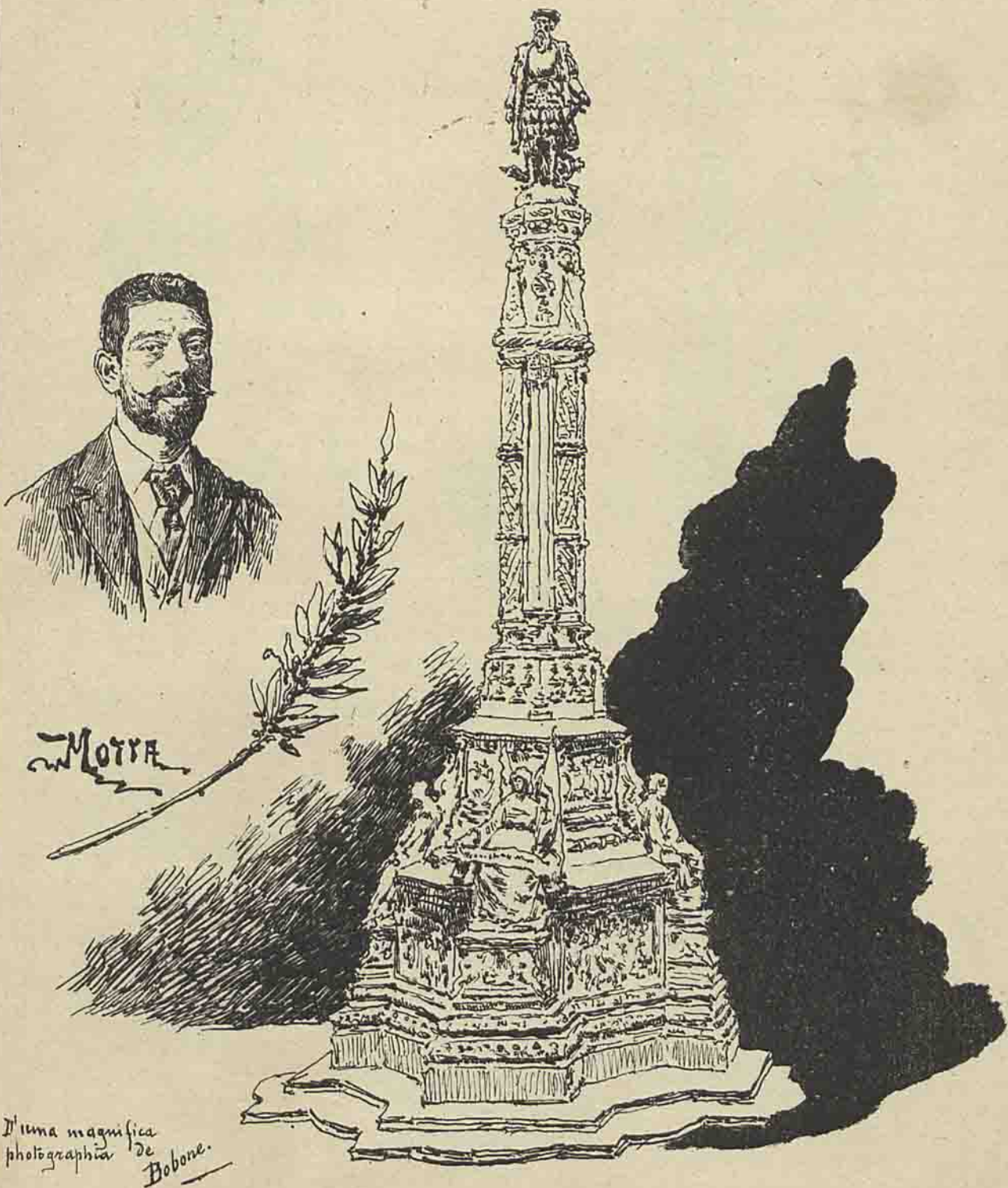
HEROINAS DA SEMANA



O que esteve para
acontecer.

Afastadas da sua profissão, continuam em reclamatorias procissões as boas mimigas da sujeidade, ultimamente feridas por um exagerado imposto. Entretanto, o sol, argelidamente quente, vai amarellecendo as roupas às janelas do Turf e às portas do Baltresqui e da Havana. os nossos janotas formarão espessos grupos de porquinhos.

MONUMENTO A AFFONSO D'ALBUQUERQUE



*D'uma magnifica
photographia de
Bobone.*

O triumpho alcançado pelo esculptor Motta prova bem quanto vale um talento vivo ajudado por uma viva perseverança.

A. Motta está no começo d'uma carreira que futuramente—tudo dá força a esta previsão—hade ser das mais luzidas e appetecidas.

O triumphador do concurso pertence á phalange dos Novos, circumstancia que deve alegrar todos os amigos da Arte portugueza, tão atravancada com velhões e rotineiros, tão necessitadinha de sangue moço e quente.

SANCHEZ MOGUEL



E' nosso hospede o distinctissimo professor da Universidade de Madrid, Sanchez Moguel. Em sua honra, houve, sexta feira passada, um banquete oferecido pelo conde de Casal Ribeiro. Ao fim do jantar, um rosario de magnificos discursos exaltando os raros merecimentos do illustre hespanhol, que foi da mais resgada cortezia para os amigos que o rodeavam e para a patria d'esses amigos, e proclamando bem alto a necessidade de se conservarem as relações de Portugal e Hespanha e a absoluta independencia das duas nações.

Pelo convite e pelas amabilissimas palavras com que o director do *Antonio Maria* foi honrado, o nosso mais vivo, mais fervente e fundo agradecimento.

Variações

Corre pelos jornaes a ideia de se pôr um ponto final nas detalhadas prosas com que, quasi quotidianamente são noticiados os suicídios, isto no intuito de libertar d'uma negra e empolgante suggestão os espiritos tristes e feridos.

Bom será que essa ideia se realise, em beneficio das almas apoquentadas, accessiveis á influencia suggestiva de taes noticias, e em beneficio, especialmente, da moralidade jornalística, tão miseravel e escandalosamente compromettida.

Nada, realmente, tão escandaloso e tão immoral como o costume usado no jornalismo portuguez de mercadejar com esses casos de suprema dôr. Olhos nos deuréisinhos dos curiosos, desnudam-se as angustias mais secretas, as afflicções mais recatadas, as loucuras mais dignas de silenciosa lastima.

E' um processo de odiosissima *chantage*, mascarado com a falsa pretensão d'um excessivo desejo de trazer bem informado o publico.

Apresenta-se como um escrupuloso cuidado profissional o que, no fim de contas, não passa d'um vil commercio, d'uma relles ciga ice com as mortes mais tragicas e pungentes.

Atraz de cada suicidio ha sempre um grande desgosto ou uma grande loucura: uma navalhada de ciúme, uma semana de fome, um cancro na bocca, uma quebra de honra, uma monomania aguda.

Cada suicida é um doente, arrastado ao aniquilamento voluntario pela impulsão dos seus nervos e dos seus infortunios, ou um bravo com alma para do minar o tão forte instincto de conservação.

Doença e loucura devem ser egualmente olhadas com um compadecido respeito e não com essa cyuica frieza e banalissima rhetorica diariamente escarrada p.los *reporters* da imprensa luitana.

Com que direito se entra pelos mais reconditos mysterios domesticos, pelos mais fundos segredos das existencias torturadas, se autopsiam corações, e se exhibem depois n'uma odiavel inconfidencia todas essas intimidades, crédoras do mais discreto e pacifico silencio?

Ha um suicidio: as causas d'essa suprema resolução, ainda as mais melindrosas, apparecem nos jornaes, acompanhadas muitas vezes, de falsos pormenores e tolissimas hypotheses, fazem-se descriptivos bestas do perfil, e do vestuario do suicida, cujas algibeiras são remechidas, cuja carteira é desflorada, vindo para publico as copias de quanto essa carteira contem.

A indignidade chega a este ponto: ha tempos uma rapariga de familia decente, atirou-se d'uma janella á rua, morrendo instantaneamente. Conduzido o cadaver ao hospital de S. José, os informadores dos jornaes conseguiram entrar na casa dos depositos, onde miraram á vontade a triste nudez da pobre virgem. Veiu a noite; e nos jornaes da noite appareceu a descripção do corpo da martyr, desflorendo por olhos profanos e malignos, atirado como um acepipe a curiosidade palerma da maioria dos leitores de jornaes diarios.

Tudo, isto, toda esta prostituição d'alma, todo este esquecimento do respeito devido as grandes amarguras, pela ganancia dos dez reis, pela ganancia do cohre...

Parallelo a estas constantes e seccantes minuciosidades que oxydam o gosro popular inoculando-lhe o interesse pelas ninharias, e a indiferença pelas coisas altas e duradoiras, um supremo desdem se forma em torno de quanto é digno de estudo e admiração, de todas as exposições, de todos os livros, de todas as conferencias intellectualmente serias, de toda a arte e de toda a sciencia.

A critica artistica e litteraria é miseravelmente feita por myopes d'espirito ou por lisongeiros, aquelles exhibindo a mais completa falta de senso esthetico, estes desfazendo-se em salamaleques e denguiques, impulsouadas por simples sympathias pessoaes.

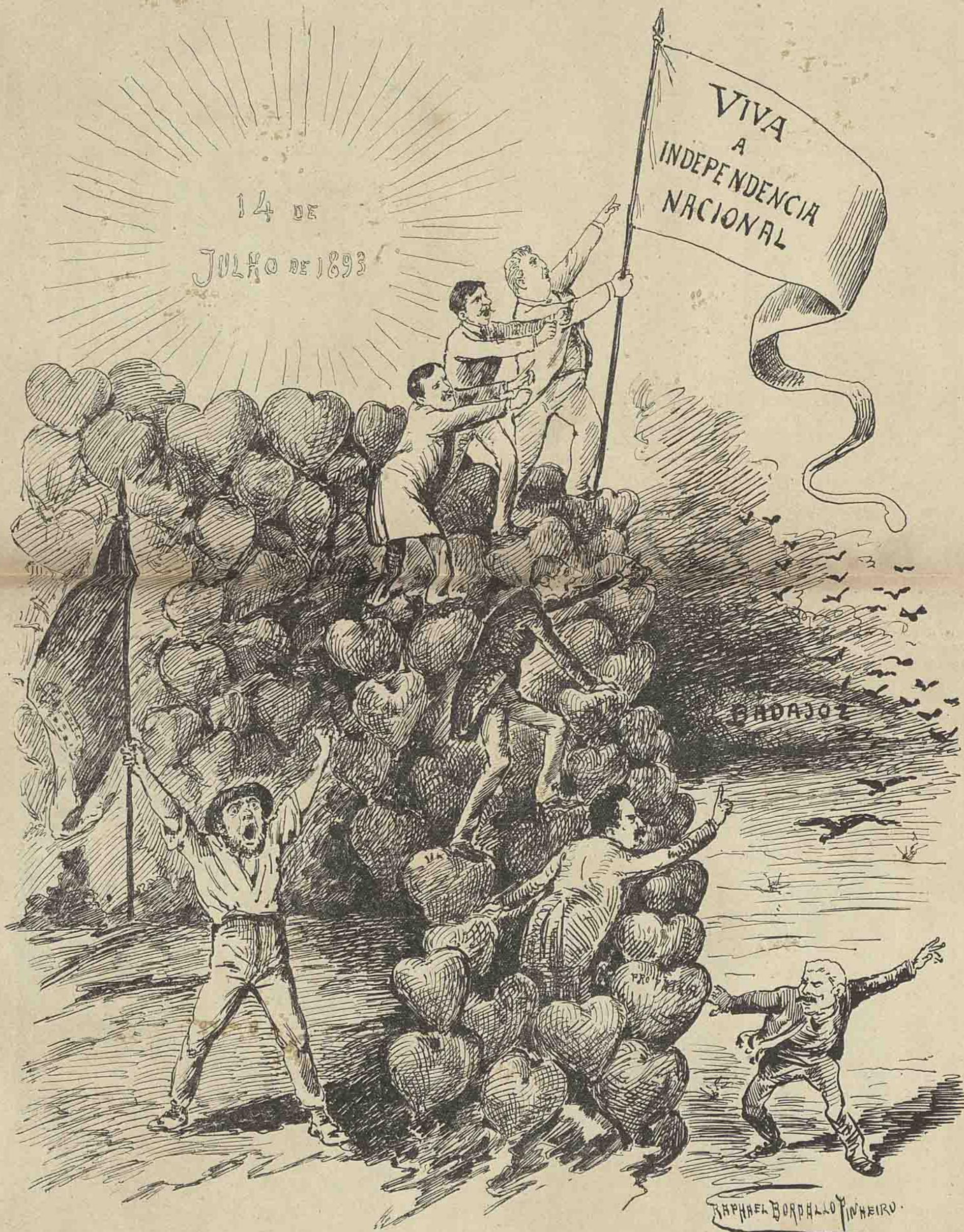
Tricas politicas e bisbilhotices de soalheiro.

De maneira que o jornalismo dando-se ares de corypheu do espirito publico, de ascensor intellectual particularmente destinado a levantar e espirituizar a massa inculta, não faz senão obscurecer ainda mais a obtusa e escurissima consciencia popular.

O truc rhetorico é já demasiadamente conhecido. Debalde a imprensa se cognomina alavanca do progresso, pharol da civilisação, torre da justiça, baluarte da moralidade. Todos sabem o que a imprensa geralmente é: balão de vaidosos e cama de negociantes.

Eu.

A ULTIMA SESSÃO



O grande e patriótico sonho de D. João I—uma grande, uma alta muralha a separar-nos de Hespanha, tão alta que cortasse o vôo das aguias—está finalmente realisado. Não foi construida com pedra, essa muralha: toda ella foi feita com rijos e leaes corações portuguezes. Não ha aguia que lhe passe por cima. Quando isto se dá com das aguias, o que será dos taralhões...

DANÇA SERPENTINA



Uma feeria polychroma, um sonho de cor, para regalo das vistas requintadas. O japonês mais genial não inventaria coisa tão linda, tão original e tão lisongeira.

A TOIRADA DO MAZZANTINI



Mazzantini trouxe uma enorme savana e um respeitavel ancião de fato preto e figura triste, cuja propecta idade se mostrou irreconciliavel inimiga da postura de bandarilhas.

O POETA ROSENDO



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

De passagem para Paris, está em Lisboa o poeta brasileiro Rosendo Moniz, o *amolador*, o *cacete*, o *sina-pismo*, o *seringador* que mais tem alquebrado a evangelica e robustissima paciencia lusitana. Ninguem lhe escapa: El-rei, ministros, diplomatas, politicos, poetas, jornalistas, pintores... Quando falla, cahem moscas e passarinhos, os paralyticos fogem rapidos como gamos, não ha pesadao que não sinta azas nos calcanhares. Muitas pessoas vão residir para o Brazil enquanto elle se conservar na Europa

Graças a Rosendo, Lisboa está quasi deserta, e deserta ficará a capital franceza apenas elle lá chegar. Imaginem o boulevard des Italiens ás moscas! Se as moscas não emigrarem tambem...

DEPOIS DA SESSÃO DO DIA 14



Pi...



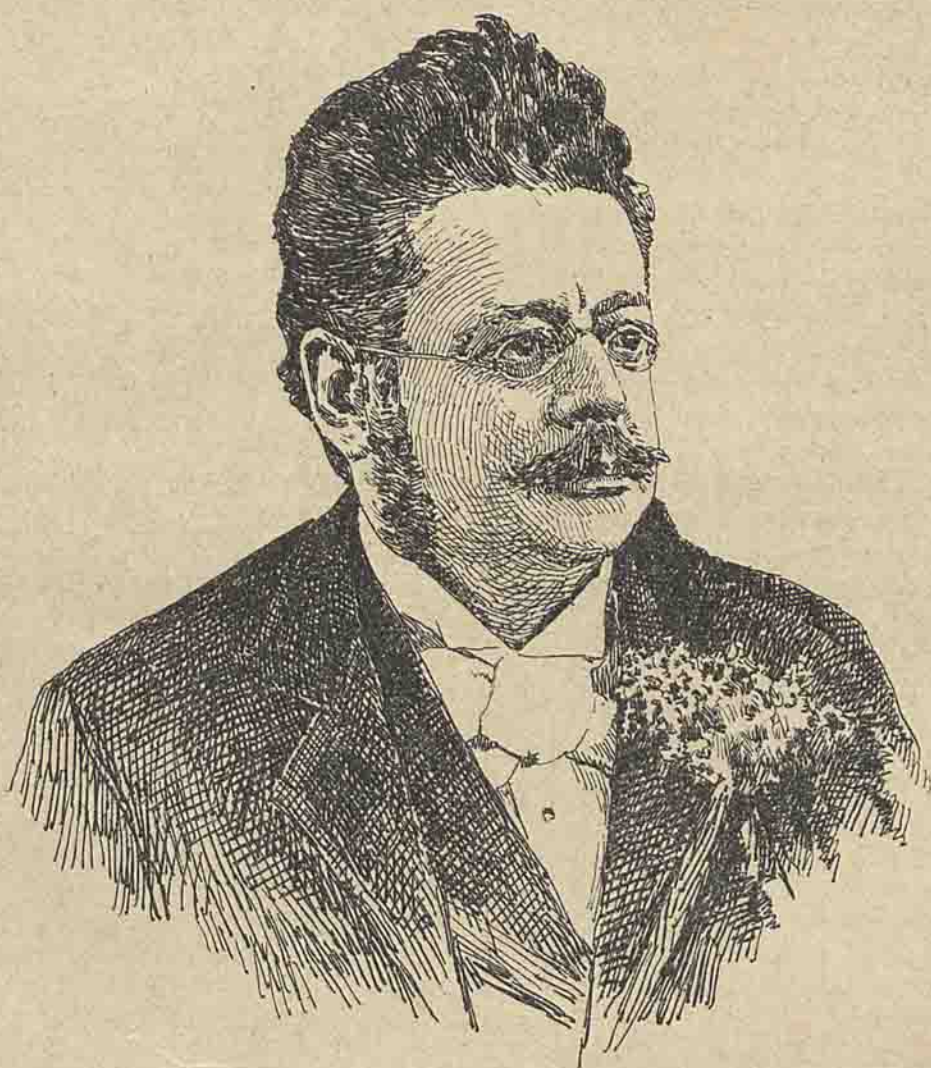
e tres :



quinze.

RAPHAEL BORNHILLO YINHEIRO

DR. OLIVEIRA VALLE



Uma saudade a mais no nosso coração, e do nosso coração uma das mais fundas e retalhantes saudades. Saudade toda fraternal, toda molhada de lagrymas,

Espito de primeira grandeza, crystallino, sem taras, a sua vida foi um rosario de successivos e puros triumphos iniciados nos bancos da Univeraidade de Coimbra e solidamente robustecidos nos tribunaes e no parlamento, Alegre como o sol portuguez, tinha uma viva e garrula philosophia que tornava a sua convivencia no mais amavel e appetecivel encanto.

O dr. Oliveira Valle foi nosso collaborador e um dos nossos mais queridos amigos. Devemos-lhe as amabilidades mais penhorantes, as finezas mais affectuosas e as dedicacões mais delicadas.

A sua morte corouou-nos de espinhos.

Variações

A Exposição Industrial Portugueza, ha dias inaugurada n'um annexo dos Jeronymos, documenta com força os progressos ultimamente alcançados pela industria nacional e as apreciaveis aptidões dos operarios lusitanos.

Um simples exame basta para provar que se trabalhou muito em pouco tempo e que a boa vontade dos nossos industriaes se antepõe victoriosamente a todos os negros pessimismos por ali quotidianamente lançados.

O velhinho paralytico não está tão velhinho nem tão paralytico como se julgava.

Epocha e local da exposição não a favorecem em demasia.

Sob este calor argelino é necessario que qualquer creatura tenha um amor pelas coisas patrias acima de todos os elogios para se atrever a deixar o coração da cidade em direcção de Belem. A epocha é desgraçada: meia Lisboa anda agora em despreocupadas villegiaturas, e ouvindo cantar as fontes e os melros, estiraçando-se á sombra, no usufructo d'uma passageira mas feliz tranquillidade, completamente alheia a todos os negocios graves, a todas as questões serias. D'aqui, fatalmente, uma concorrência muito inferior áquella que fatalmente haveria se a exhibição fosse aberta em fins d'outubro ou começos do inverno.

Dois pequenos senões, dois leves defeitos, que de fórma alguma attenuam os louvores devidos aos iniciadores do certamen.

*

* *

Nota interessante:

Um dos expositores—fabricante de papel—declara que, por exigencia dos freguezes, se viu forçado a marcar os productos da sua fabrica com dizeres em francez.

Esta curiosa revelação mostra bem o desnorteamento dos compradores, as indecentes burlas com que o commercio engana os compradores, a desconfiança que pésa sobre a industria nacional e o servilismo com que, por vezes, a industria nacional se agacha perante aquella indifferença.

*

* *

O caso sensacional dos ultimos dias foi o crime da rua de Sant'Anna, conhecido a ponto que seriam vãos e archaicos quaesquer pormenores que sobre elle agora déssemos.

O que ha de interessante n'este crime é a ingenuidade com que foi praticado.

Concluida a sua obra de sangue e fogo, dir-se-ia que o criminoso Lobo se esforçou por obter e multiplicar provas da sua criminalidade. Faltou-lhe apenas subir ao zimbório da Estrella e annunciar de lá as suas façanhas, em voz de trovão.

Lobo não foi apenas um ingenuo, foi tambem um desinteressado. Mattou para roubar e roubou uma ninharia, podendo apoderar se de avultadas, tentadoras quantias.

Lobo devia chamar-se Cordeiro.

E o caso não é vergem.

Por mais d'uma occasião temos admirado a candidez dos nossos scelerados, que, pela *gaucherie* e infantilidade com que se compromettem, parecem creancinhas mansas brincando com revolvers e frascinhos de veneno.

Em Portugal, o crime está n'um atrazo que nos humilha perante os olhares superiores das nações civilizadas.

Por aqui se explica o trsbordante entusiasmo com que ha, tempos, foi acolhido pela imprensa lusitana a noticia de que Jack, o famoso Jack-estripador, era portuguez, e a melancholia em que a mesma imprensa cahiu ao perder a esperança de vêr confirmada a tal noticia.

Por aqui se explica tambem a rapidez com que os nossos jornalistas viram as costas ás questões d'arte e de sciencia, á critica de exposições e theatros, á bibliographia, sempre que um facto criminoso surge, como uma estrella de primeira grandeza, reclamando todos os cuidados e todas as sollicitudes dos seus telescopios.

Eu.

BIBLIOGRAPHIA

João Coutinho. *Do Nyassa a Pemba*. Um interessantissimo volume, cheio das mais curiosas notas acerca dos territorios da Companhia do Nyassa e do futuro porto commercial da região dos Lagos.

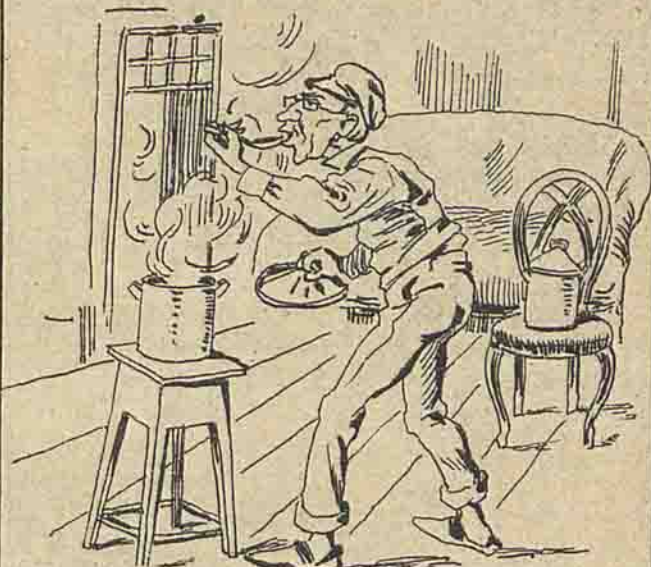
VERIDICA HISTORIA DO HORRIVEL CRIME DE UM LOBO



Era uma vez um doutor, que tinha uns oculos d'ouro, um bonet de seda, muito feijão encarnado e alguns contos de réis.



Muito esmoler... só para com os homens. Uma vez deu elle a uma mulher uma doirada libra por uma canastra de pecegos. Oh! mas elle ha mulheres tão bonitas que até parecem homens.



Era muito independente: servia-se a si mesmo. Corria-lhe branda a vida, o Tejo era sereno e os feijões encarnados e subtis... Vae senão quando apparece uma missiva d'um Lobo. Elle sentiu-se cordeiro e respondeu que sim, que fosse ás onze.



No dia seguinte, ás onze em ponto, surge Lobo que desenrola um rolo.



Doutor acha bom, mas caro, Lobo repona e uiva.

(Continua)

(CONTINUAÇÃO)



Doutor abaixa a pinha, e uma machadinha vò pressurosa para as mãos do Lobo. Tomal-a e descarregal-a foi obra d'um momento. Doutor protesta energicamente, mas, sem previa licença, a machadinha rasga-lhe o ventre e a vida.



Depois de vêr que airda era cedo, foi até á sala, onde, bem sentado n'um *fauteuil*, se regalou com a audição da *marselheza* e de varias peças do repertorio d'aquella celebre caixa de musica em que o Calisto mexeu e fez tocar fóra de proposito.



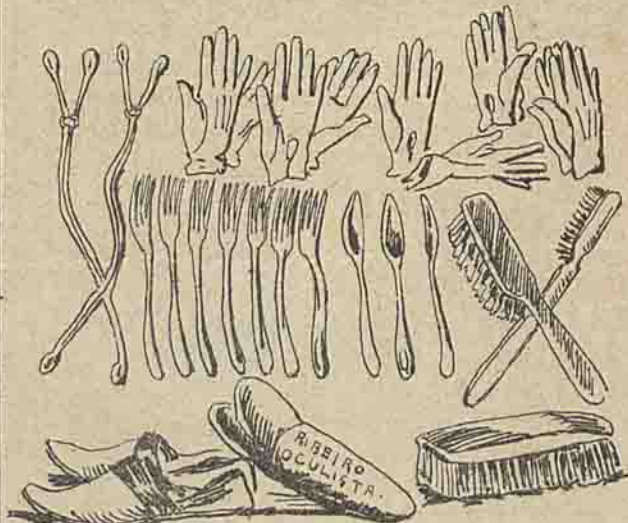
Cordeiro morto, Lobo vivo: eterna injusticia!



Inspirado pela musica. Lobo roubu seis flautas. Logo em seguida deita a mão a tres thermometros, um pote com botas um guarda-chuva e a mais isto:



Lobo considera-se encravado e medita:
—Já agora, que diabo! não ha remedio... Aproveitemos o tempo. Occasiões d'estas não se pilham todos os dias.
E, dizindo isto, arranca-lhe o relógio.



(CONCLUSÃO)



D'ahi, vae-se á burra, mäs a burra... nada... moita. A nada a bruta se move. Lobo, muito desprendido, diz com os seus botões:

—Deixal-o. Tambem já tenho oculos para vêr, musica para ouvir, flautas para tocar, sapatos para andar, chinellas para chinellar e ruas para passeiar. Que me importa a mim a burra?

E fez-lhe uma careta.



Lobo á solta. a banquetear-se e a policia a deitar os bofes pela bocca fóra

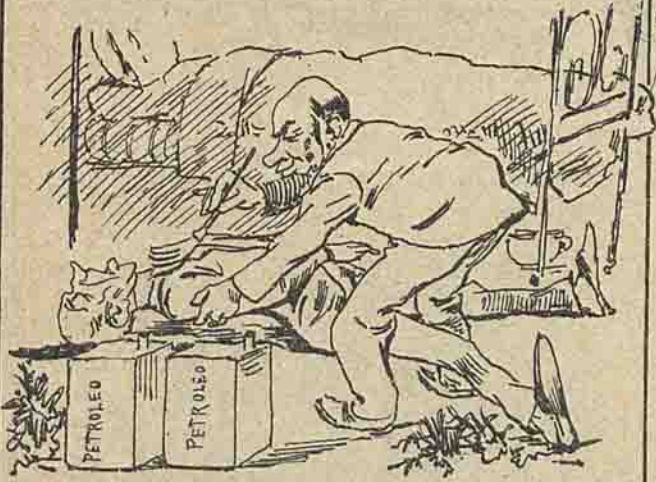


No Limoiero:

—O' estúpido! Porque não déste a volta ao puchador?

—Roma e Pavia não se fez n'um dia Para a outra vez será!

—Nem tudo lembra.



Sentindo mau cheiro, afim de desinfectar a casa, pintou com petroleo o pobre dr. Cordeiro, largou-lhe o fogo e foi tranquillamente dormir uma somneca.



Tristes consequencias.



Augusto Barretto Pin.

NA EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL

(Considerações d'uma elegante)



Não se pode comprar nada em Lisboa... E' tudo nacional!... Que nojol

—Você Cardoso, vae-me mandar vir tudo de Paris: até os alfinetes. Usar coisas feitas cá... que possidonice!



—Mas, menina, e o cambio?
—Não quero saber de cambios. Arruine-se n'as fique chic: é o seu dever.



—Cbegadoinho de Pariz...
—Não acredito. Ainda outro dia vi uns assim na Exposição.
—Mas d'estes é que v. ex.^a tem comprado.
—I-so foi antes de saber que eram feitos cá. Agora... nem meio.



—Pois até o Leitão, um rapaz tão *comme il faut*,
concorre com pratas portuguezas! Que catureira ..



—Nem que os portu-
soubessem fazer alguma
coisa com geito!

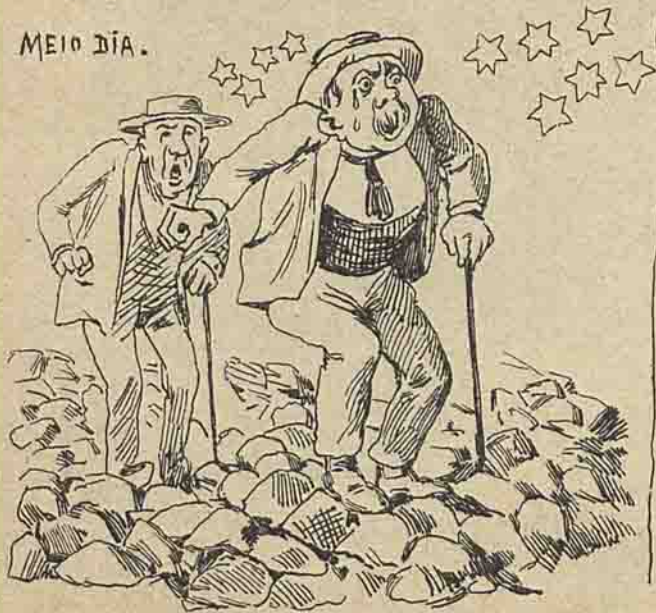


—D'aqui por deante
não usarei uma unica coi-
sa sem o carimbo da al-
fandega.

Caldas da Rainha

ASPECTO D'UMA RUA

MEIO DIA.



Applicação da homeopathia ao rheumatismo.
Cura se uma dôr com outra dôr... de calos.



Se lhes tiras o rheumatismo com agua, caro Ber-
quó, a municipalidade restitue-lhes o rheumatismo
...com pedras.

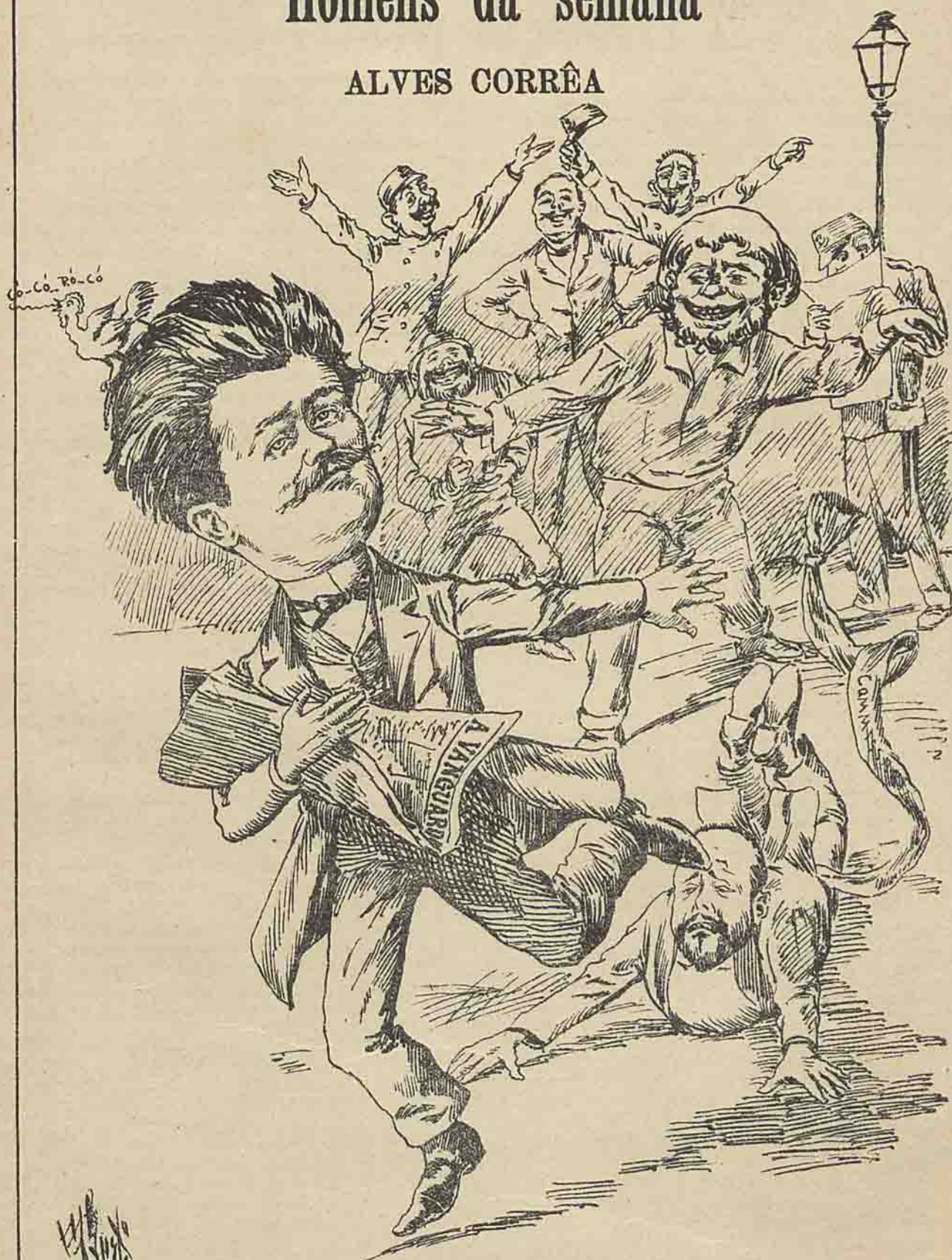
A EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL



N'outro lugar nos referimos mais detalhadamente a este certamen. N'esta pagina só queremos endereçar os nossos applausos ao dr. Joaquim Tello e a Jeronymo Silva, cuja actividade e são criterio, tanto concorreram para o exito da exposição.

Homens da semana

ALVES CORRÊA



Custou... mas arrecadou

Variações

Evidente resultado da fogosa campanha levantada pela *Vanguarda* contra o sr. Pedroso de Lima, commissario da 2.ª divisão policial, o *Diario do Governo* inseriu, ha dias, um decreto exonerando aquelle funcionario.

Tal decreto foi, e ha-de ser por algum tempo o victorioso occupador de todas as atenções, o norte de todas as conversas.

Nada que indique bem a anemia intellectual do nosso publico, como esse exaggerado interesse por tão minusculo assumpto.

Em face da attitude de toda essa gente, que, curiosamente, estende o pescoço á manciça das girafas, e move a lingua n'um írenesi de commentarios, os homens de verdadeiro genio—poetas, prosadores, pintores, musicos, architectos e sabios—só teem a tomar, como uma *Biblia*, a obra do grande revelador da verdade absoluta, a obra de Schopenhauer e a volver um grande olhar de desdem sobre a maioria, sobre o exercito de grosseiros ingenuos e de abalissados ignorantes, que se prosternam deante das coisas passageiras e insignificantes, e quotidianamente viram as costas ás coisas immortaes.

O dever d'uma sociedade não consiste apenas em promover regalias ephemerias, baseadas sobre uma moral convencional. O verdadeiro dever d'uma sociedade honesta é igual ao d'um homem honesto, que, acima de tudo, procura deixar aos seus herdeiros um nome limpo e luminoso.

O que uma sociedade deve fazer é fomentar todos os trabalhos honrados e valiosos, auxiliar todas as vocações decididas, pondo os olhos no Passado para conseguir um logar estrellado no Futuro.

Contrariamente, o que a sociedade portugueza faz é transformar o chão em sítial para venerar insignificancias, e adormecer como uma porca sempre que lhe fallam d'uma grande obra ou d'um grande nome.

O interesse manifestado por um publico em torno d'um caso qualquer, deve, logicamente, ser directamente proporcional á importancia d'esse caso.

Se esta lei vigorasse, dado o quasi epileptico interesse da multidão, realçado pela emphatica barulheira dos jornaes, eu candidamente tomaria a demissão do sr. Pedroso de Lima como um facto importantissimo para nós e para os vindouros, um facto infinitamente superior á descoberta do Brazil, ás victorias de Affonso d'Albuquerque e á publicação dos *Lusiadas*, que jámais determinaram alvoroços populares da grandeza do que se está observando.

Para os ingenuos, o que representa a exautoração do sr. Pedroso de Lima? O triumpho da moral pela purificação da instituição encarregada de proteger a moralidade.

Vejamos o que é essa moral e o que é essa instituição.

Quando a gente se deita a pensar nos vigorosos mas inuteis esforços, gastos, ha mais de dois mil annos, para estabelecer o fundamento da moral, nas gymnasticas especulativas de Salomão, dos Sete Sabios da Grecia, dos poetas gnomicos, de Aristoteles, de Cicero, de Kant e de muitos outros, não se torna necessaria a logica de Plantão para concluir que não existe moral natural, virgem de convenções, que a moral não passa d'uma invenção destinada a enfrear o egoismo, a tornar as mordeduras humanas menos profundas, os odios mais brandos e menos violento o embate dos interesses.

A policia é o açaimo da incontestavel maldade dos homens, um freio oficialmente usado para domar os instinctos perversos.

E' necessaria mas não tem a importancia que lhe attribuem. E n'uma sociedade o que um cão de guarda é á porta d'um palacio. O palacio, se é bom, deve viver seculos no prestigio da sua gracil architectura, nas amaveis phantasias da sua ornamentação; o cão vive quinze annos, quando muito e, durante a vida, é sustentado a ossos e a pontapés.

A policia é um accessorio de terceirissima ordem, d'um curto alcance... para não dizer que é um attentado contra a humanidade, porque implica a paralyção das vontades naturaes.

O nome d'uma epocha nunca galgou quatro ou oito seculos graças á perfeição dos regulamentos policiaes.

A epocha de Nero, comportando uma serie interminavel de arbitrariedades e violencias, é uma das mais brilhantes, mercê do largo movimento artistico que rodeou o famoso tyranno. E' ver a luz que de lá nos deita Petronio.

A nossa epocha se triumphar do tempo, não ha-de ser com este arranco de moralidade convencional, que está fazendo as delicias do publico.

Não chegaremos a ser immortaes pelo caminho da bondade: só lá chegaremos pela estrada do genio.

Os esquecidos d'agora serão os lembrados d'amanhã. Por isso serão frouxos todos os desdens lançados sobre essa multidão hypnotisada pela banalissima insignificancia que representa a demissão do sr. Pedroso de Lima.

Eu.

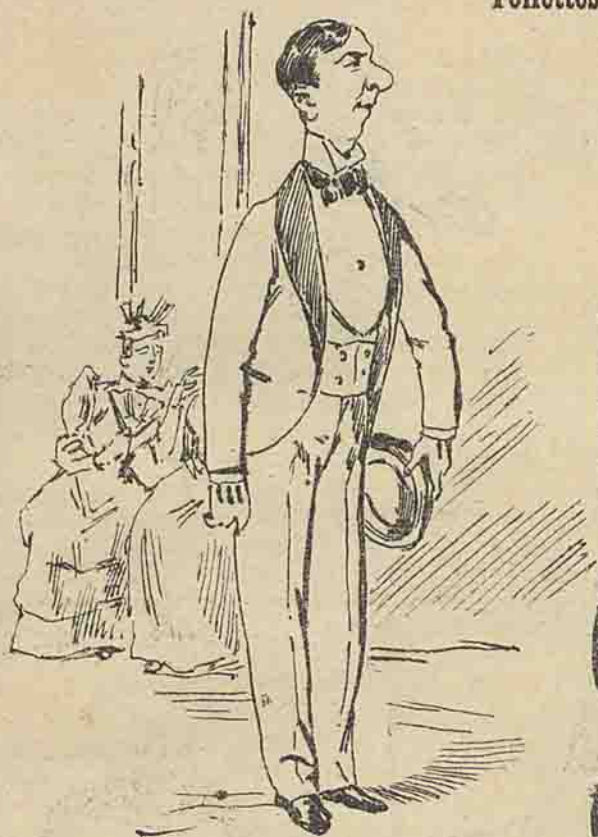
A' ANTIGA PORTUGUEZA

No dia 3 do mez que vem, deve realizar-se na praça de Villa Franca uma corrida á antiga portugueza na qual tomarão parte alguns socios do *Club Tourmachico*. Cavalleiros: Jorge Rebello da Silva e Francisco Serra; cabo de forcados: Manuel Lopes; abegão: Leopoldo Pinzi; bandarilheiros: José V. Monteiro, Ernesto de Mendonça, Ayres de Serpa, D. Luiz Lumiães e Affonso Villar; lavrador: José Rodrigues Vaz Monteiro, do Carregado.

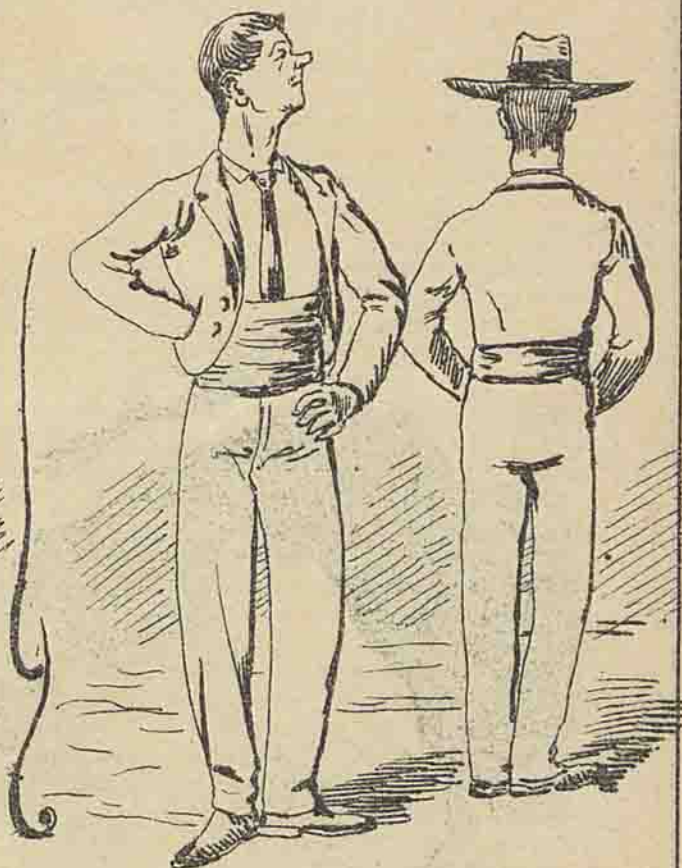
Ha-de sem duvida, ser uma bella festa, realçada pelo magnífico sol dos dias que vão correndo,

CALDAS DA RAINHA

Toilettes do Club



Uns vão assim..



Outros assim.

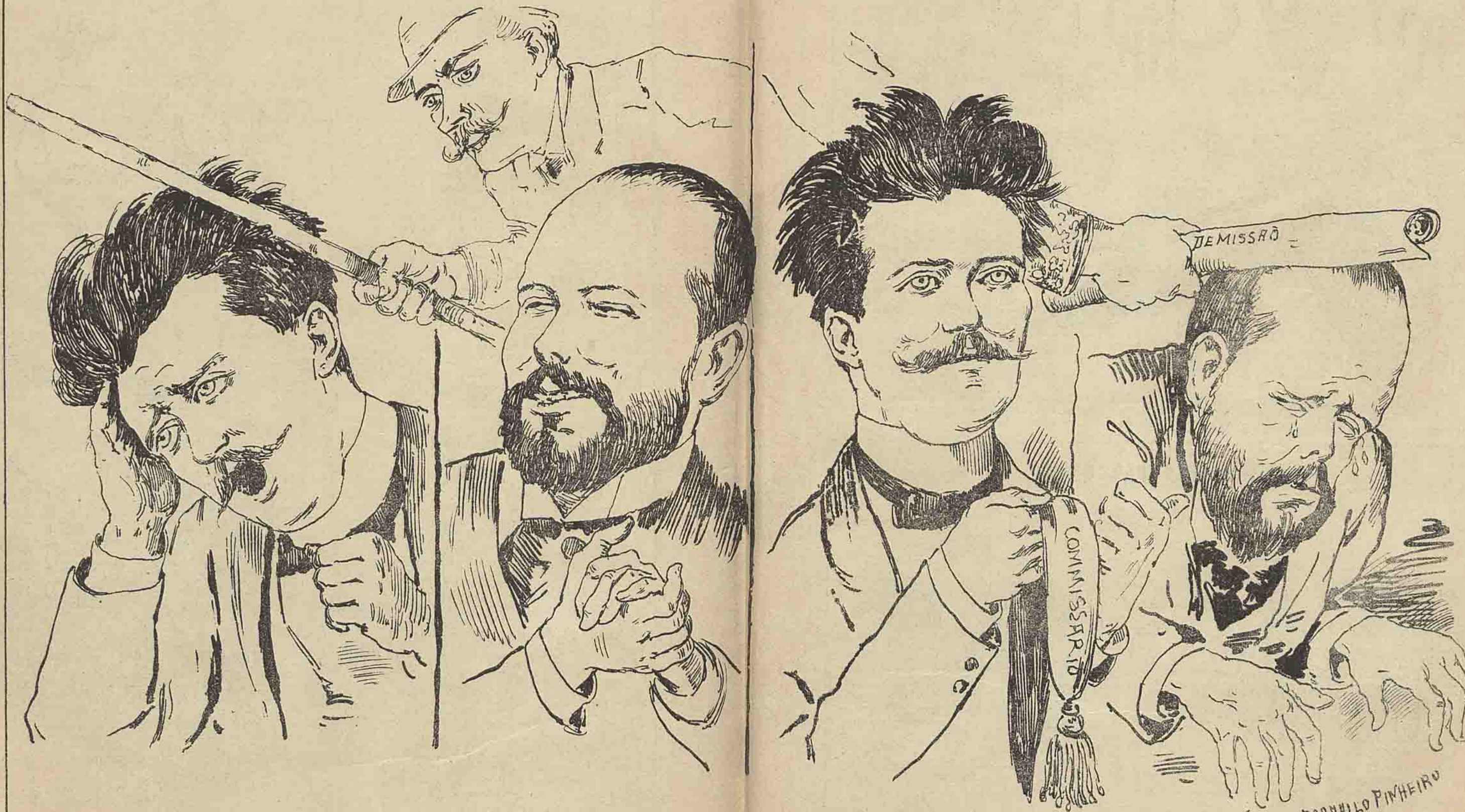


Chegarão a ir assim, como caçadores de pulgas,



para gaudio dos espectadores de fóra que não pagam os 30000 rs. de estylo e pódem dizer mal á verdade.

JEAN QUI PLEURE ET JEAN QUI RIT



Cacetadas varias. Cacetada de pau, cacetada de papel. A de papel parecia mais doce mas aleijou mais.

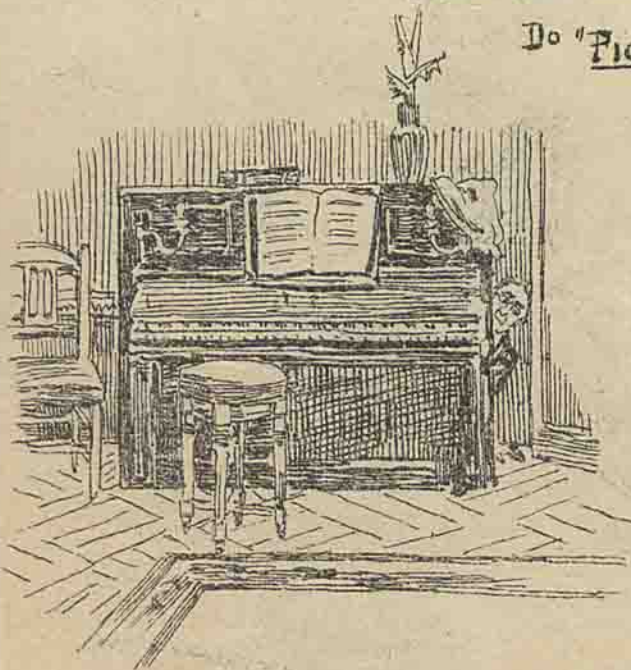
AU CHAT NOIR



Como a famosa Phenix, o *Chat-Noir* renasceu das cinzas. Mais brilhante, mais alegre do que dantes. Abençoada decadencia que produziu um tal renascimento. Novas e frescas bordelezas fazem o serviço da *brasserie*, dando uma nota clara e loira n'este paiz de sol, de epidermes tostadas e cabellos negros.

SUSPEITAS PATERNAES

Do "PICK-ME-UP"

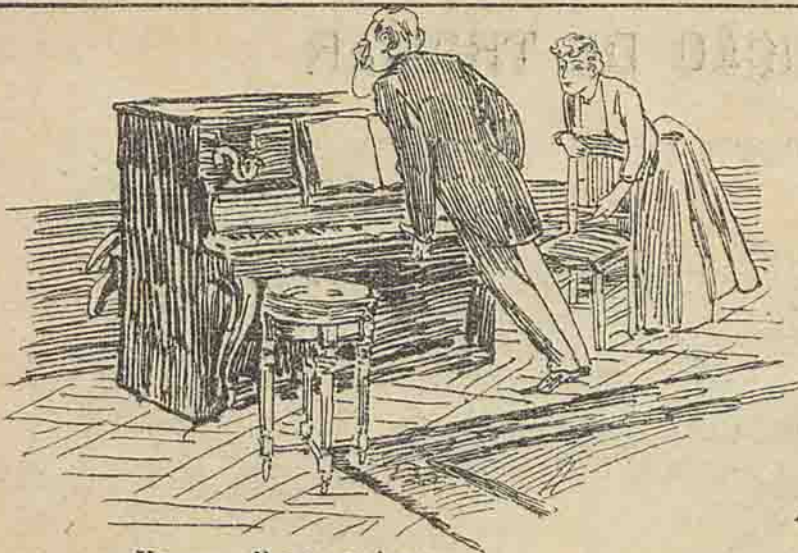


—Desconfio que a minha filha namora o mestre de piano—Vejamos.

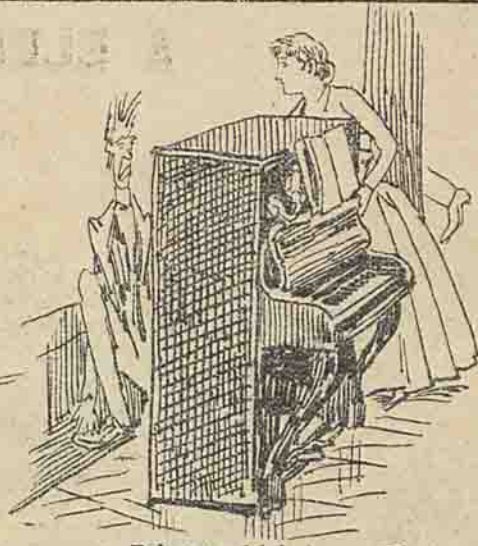


(CONTINUA)

—O piano não está bem assim.



—Vamos a pô-o no seu lugar.



—Pobre papásinho!

A HELIODORO SALGADO



ARCADES-AMBO

Venha cá, Heliodoro, escute!... Tem sido sempre com infinita magua que o temos visto escorraçado pela imprensa, ou ella seja republicana, ou ella seja monarchica.

Mas o sr. hade ser sempre sujo:—sujo de corpo, sujo d'alma, sujo d'espírito!

O sr. no dia em que resolveu ser jornalista, pensou que uma penna era synonymo de navalha; que um jornal era uma fabrica de calumnias; e que o Guttenberg inventára a arte de imprimir, para Heliodoro fazer d'ella cano d'escoto, por onde se escossem as negras e fedorentas escorrecencias da sua alma de sodomita...

Não foi para isso, Heliodoro, que o pobre Guttenberg se deu ao trabalho de inventar a arte de imprimir!

Ainda ha mezes o sr.—que não pôde perdoar ao Seculo o ter-se descartado da sua perigosa collaboração—resolveu pôr na circulação a mais infame das calumnias, qual era a de accusar Magalhães Lima de ter revelado á policia o paradeiro do exilado João Chagas, que se havia refugiado n'uma terra de Portugal...

Depois da chuva de batatas pôdres que então lhe cahiu sobre a cabeça patibular, nós pensámos, Heliodoro, que o sr. teria avaliado alfim! a espessura de lama que envolve a sua a'ma e o seu corpo—e teria tomado a resolução heroica... de se lavar!

Agora, com o seu Protesto, temos a certeza do contrario... Heliodoro está cada vez mais sujo, mais fedorento e mais calumniador. Heliodoro precisa sempre ter alguém a quem calumnie. Calumniar é uma funcção natural do seu organismo. Heliodoro é D. Basilio de rabona. Agora é connosco que Heliodoro se diverte.

Orn será bom de notar que Heliodoro, como todos os caluniadores seus eguaes, só calumnia e só insulta a grandes distancias. Na sua qualidade de sodomita, só o seu primeiro cuidado é resalvar o mimoso corpinho.

Pena temos que o bandalho não vomite calumnias ao alcance da nossa bengala,—pois as suas orelhas, Heliodoro, não valem o preço d'um bihete de ida e volta até ao Porto.

Se valessem!... Mas ficam de remissa. E creia Heliodoro, que não perdem com a demora. E nem mais palavra—por mais que barafuste...



ARRE... SENDEIRO

A ELEIÇÃO DE THOMAR

(Pagina dedicada ás *Novidades*)



O' voto adorado
Por mim desejado,
Vaes ser conservado
Qual mimo d'amor.

ESTÃO VERDES...

Açôres



INAUGURAÇÃO DO CABO SUBMARINO

AS PRIMEIRAS NOTÍCIAS!

A um gemido mal pronunciado dos Açorianos presuppõe-se logo, inexplicavelmente uma fatalidade de cataclismo, toda a miséria estorcegante e desoladora d'um sinistro.

Abrem-se subscrições. Aventam-se idéas de soccorro. Avolumam-se os obulos que não querem, no caso, dizer esmola, mas que são um dever. O altruismo desafia o implacável, e a rir, correndo touros, visitando ker-messes, promovendo concertos, lança o grande imposto da caridade, pago também a rir pelos fartos, aos que, na indigencia, choram.

O Açoriano não é fundamentalmente feliz.

A um desastre succede outro, espaçadamente, mas succede.

E quando chamavamos a nós esse forte irmão, retemperado ao ar do mar que faz coragem, quando o acarinhavamos depois d'elle raivar décadas e décadas, sentindo-se isolado, quando esse mutuo bem é feito, eis mais um golpe a alancea-lo, eis mais uma desgraça a experimentar-nos. De tudo, o bem pôde medrar, como por entre essas ruínas da morte já espreita talvez ao sol d'outunno qualquer vegetação de mais vigor.

E então dir-se-ha que previsto o naufragio, em momento opportuno com ancia, e na immensa febre agónica que dá a impressão d'um mal fatal, nós lhe lançamos... um cabo... de salvação.

J. R.

Variações

Velha carcassa, d'olhos d'oiro e lenço de ramagens, a Moralidade veio passar o verão a Lisboa.

A cidade está que parece um collegio de meninas. Respira-se por todos os cantos uma atmosphera de innocencia e santidade: dir-se-ia que as ruas foram regadas com agoa-benta e varridas com grandes, lythurgicos hyssopes. As ordens policiaes teem o aspecto de encyclicas; os policiaes exhibem o magestoso ar dos officiaes de guarda pontificia. Rapa-dinho e cingido de sedas rubras, o juiz Veiga daria um cardeal Rampolla, sem tirar nem pôr.

Derramadoras de voluptuosidade e exploradores d'algebieras jazem em seguros carceres. O vicic expira carregado de grilhões. A virtude abre as azas brancas.

Eliminados todos os cancores, cortadas todas as verrugas estrangeiro que venha a Lisboa julgar-se-ha na patria das Onze Mil Virgens.

Ruas candidas como jardins do Paraiso. Um continuo desfillar de innocencias em flôr.

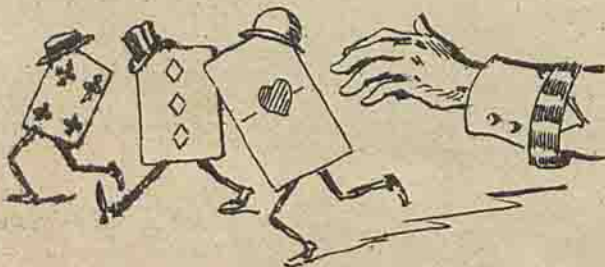


Para levar a cabo o saneamento moral da cidade, a policia desfaz-se em perolas... de suor...

De dia e de noite, sob o luar e sob o sol, é uma continua perseguição ás brejeiras, ás hospedarias da luxuria, aos vadios, aos malandros, aos elegantes da Mouraria, ás casas de jogo, a tudo o que, em summa, exhala um acre cheiro de immoralidade.

Os calabouços estão prenhes.

Dentro de breves dias, Lisboa estará ás moscas.



O homem nũ do frontão municipal vaç ser vestido com um *water proof* de quadradinhos pretos e brancos; os anjinhos dos Paulistas vão usar tanga; a fundição Collares teve a encomenda de quatro mil cintos de castidade; as ruas vão ser salpicadas com camphora em pó, cuja exhalacãp anti-aphrodisiaca será a fulminante strichinina destinada a estoirar o cão da lascivia;

todo o cidadão portuguez em liberdade será obrigado a trazer na respectiva carteirinha uma imagem do muito casto São Luiz Gonzaga;

nos barbeiros a brilhantina, cujo cheiro sensual é capaz de muitas e infernaes suggestões, será substituido por santos oleos;

o gaz peccador, o gaz fim de seculo, emporcalhado com a contemplacão de muitos annos de erro e depravação darã o seu logar á pura cera.

A companhia das aguas deixará o Alvielia e canalizarã até Lisboa a nascente de Lourdes;

E os afflictos que entrarem nos ourinoes terão de se munir com uma camisa de .. chapeu de chuva, por causa da decencia.

Eu.

THEATRO DA RUA DOS CONDES

Sociedade Taborda



Na falta d'artistas o amator excedo-se.

E' assim que uma mão cheia de vocações entra a cantar opereta, superiormente, tomando a serio os papeis e a força de vontade d'Antonio Duarte por ventura o unico, n'esta térrinha, capaz de taes façanhas.

Hontem a Perichole, depois o Giroflé, amanhã... qualquer cousa emfim, e sempre mas sempre o consolador triumpho.

TOUREANDO...

(Physiologia moderatissima)

O OLHAR D'ELLA

Da manifesta influencia toureira nas cousas da nossa terra, desde o arranco da Associação Commercial té ás nocturnissimas tourinhas das batotas, com pae Paulino e tudo, resultam mais particular-



mente nas familias, casos d'assimilação involuntaria de gestos e costumes, que é bom começar a registrar e orientar de fórma que occasião vinda, todos passemos a ser bois sabendo sê-lo:

Ha mesmo é bem notorio o quer q' seja d'analogo entre os celeberrimos estados d'alma e os tres estados já agora divulgados d'um bom touro.

E nada mais importante é paralelo do que a mudança rapida d'estado na vida habitual d'uma creatura e a immediata mudança d'estado na accidentada brega d'um cornupeto.

Isto é o flagrante!

Outras cousas ha porém mais reconditas na tourada da vida, cousas a destrinçar em casos pequeninos e a que isto de bois provocou a evidencia limpa e imponente.

Ninguem ha creio eu que não se tivesse já sentido boi na sua vida!

E' tão natural isso como as unhas crescerem. Na substancia especialmente isto é exacto.

Uma busca á consciencia com minucia, olhos semicerrados, as mãos na testa, n'essa caracteristica posição dos grandes pensadores e qualquer espinho se sentirá a accusar o peccado ou a desgraça.



Porquanto lá diz o vate conde:

«Não ha ninguem que no fundo da sua consciencia não tenha a idéa vaga da arbitragem.»

... mesmo com as mãos na testa...

Adeante... isto é corrente!

De tudo isto portanto a incisiva analyse a encetar com figuras schematicas e um bom curro, de fórma que partindo d'esta banalidade recreativa: «a tourada», nós cheguemos a esse profundissimo problema: «a familia».

Que com um bom curro, senhores, tudo é possivel...!

1.º touro

PARA CAVALLO—CORRIDO JÁ, MAS VOLUNTARIO E DE PODER.

Elle=Loura, sua boquinha honesta, olhar soberano, o queixo tenro, a pelle macia, andar pausado e nobre, com o ventre adeantado e os hombros recuados n'uma offerta constante do seu turgido busto...



E' assim... e tem o pé pequeno e chama-se Rufina.

Para compensar porém a desgraça d'um semelhante nome, d'elle se derivou a alcunha de Rufa que ella tem

Com vantagens tamanhas, o olhar d'esta mulher é tudo quanto ha de mais indefinivel, sem previa explicação das sortes varias a que se presta o seu toureiro fino.

A seguinte affirmativa é talvez muitissimo arriscada, mas elucida muito:

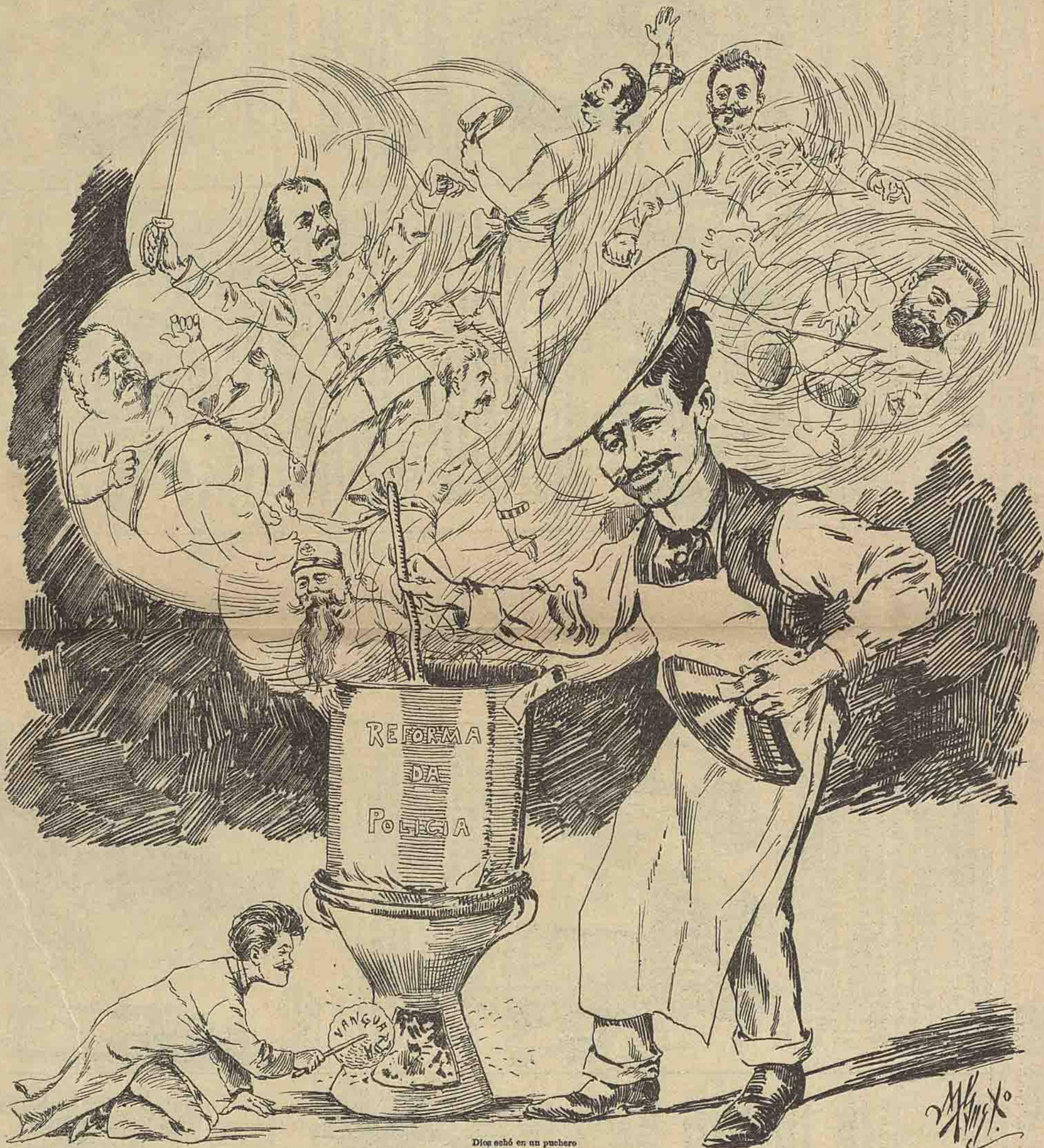
«O olhar d'essa mulher é um ferro largo!»

Isto que parece uma genial faulha de Gervasio, é comtudo d'uma verdade grande.



Elle=Baixo, magro, macilento, uma barbicha suada e grumosa com origens indecizas nas ventas e

A REFORMA DA POLICIA



Dica echó en un puchero
 Segun se cuenta
 Segun se cuenta
 Segun se cuenta
 Mucha flor de romero
 Sal y pimienta.

(Do Processo do Can-Can).

Franco echó en un puchero-o-o
 Segun se cuenta-a-a-a
 Segun se cuenta-a-a-a

Segun se cuenta
 Capitães, Leças e Veigas
 Sal e Sarmento
 Sal e Sarmento
 Capitães, Leças e Veigas
 Sal e Sarmento
 Sal e Sarmenten-ento
 Sal e Sarmento-o-o.

Depois coroneis
 E sahiu da misturada
 Em bons pasteis
 Em bons pasteis
 A Reforma desejada
 Da Parreirinha
 Da Parreiri-i-inha
 Da Parreirinha-a-a-a.

nos olhos, e um par d'oculos por onde espreita a vida e... a Rufina.

Dizem d'elle:

«E' bom rapaz... no fundo.»

E elle ri-se. Ri-se... e olha a Rufina.

Elle e Ella—Das suas relações consta o seguinte: que se ella é Rufina... quem rufa é elle...

Das sortes que provoca resulta que quem soffre o castigo é tambem elle, e as sortes são offertadas aos amigos ainda em honra d'elle!

Do olhar d'ella e inherentes sortes—Ora no seu olhar em que reserve todo o valor do seu trabalho e todo o immenso mysterio do seu valor, além das sortes vistas, ha sortes d'ocasião, soberbas todas. No momento esse olhar scintilla e como elle é baixo, humilha, e é superiormente que a sorte se executa com um d'esses segredos extranhos, da mestria. No entanto se ella recebe louros é bom accentuar que é elle quem os põe.

a) Sorte de garupa—Mais vulgarmente denominada: *d'ourela*. De grande luzimento. E' uma sorte honesta, usada pelas donzellas até aos 25 annos mas que a Rufina se permittiu apropriar.

O redondel é supponhamos o Chiado.

Elle (porque ella tem que ser acompanhada) é nada, como um appendice emfim.

E quem passa é touro, com a rude condição de vestir bem, de cheirar bem, de fumar bem, d'apparentar que tem p'ra gastar bem.



Ao chegar ao terreno do touro, ella cita-o e como elle não arranque de seguida ella sahe-lhe do terreno afrouxa o passo... o tal pausado e nobre... e esperando que elle lhe entre na jurisdicção, fazendo uma dengosa rotação de cintura, sem se desmanchar, vira a cara e olha-o...



Pode repetir-se... e repetir-se.

Se o touro recarregar, ou sendo *revoltoso* ou *ze-lososo* seguir o vulto, ha um certo perigo... para elle.

b) A' meia volta—tambem chamada de: *olhe p'ra cá não seja tolo*.

E' uma sorte vulgar e impudica. Muito usada nos redondeis da baixa antes da reforma da policia.

E comtudo Rufina usa-a apenas com conhecidos e é d'effeito assim.

O touro está parado e não a vê, bruscamente ella passa cita-o para que se volte, e crava-lhe... o olhar. O touro ri-se, ella ri-se, elle ri-se e tirando o seu chapéu, de novo o atarracha na cabeça.



c) A' tira—mais conhecida por—*de tabacaria*.

Prestam-se especialmente a esta sorte os cornu- petos que se pegam ás trincheiras, d'ahi a sua denominação mais vulgar.

Ella atravessa a rua dando a direita ao touro.

E' difficil de precisar como s'effectuará o remate d'esta sorte attendendo a que sempre elle a acompa- nha e como o boi é corrido e pode ser malessos qual- quer cousa tambem o pode afujentar.



d) De estribeira ou de meio da rua.

Ella então apressa o seu passinho lento, aponta a montra em frente, faz-se preocupada com um trem que roda ao longe... e corta o caminho ao animal. Na ocasião do cite diz qualquer cousa em voz mais alta.

E' magistral a Rufa n'esta sorte. Convem para isto um olhar frio e incizivo; é a sorte que se faz quando é preciso simular despeito.

Forçoso é não confundir as sahidas, não se deixar atropellar, desviar a attenção d'elle, mostrar o fim da perna arregaçada.



Resumo—Em sortes d'ocasião Rufina é superior.

Como o boi é corrido, a miudo vae na esteira do vulto sem reparar no quite d'elle, eterno, no mesmo passo curto e repetido a acompanhá-la a ella. Pois bem, ella consegue desviar-o... de momento. Tem um estratagem a Rufa... Com o olhar... promete...

Que inda ha pouco n'uma expansão d'amante elle m'elucidava:

—E os olhos d'ella... filho... caramba! são cheios de promessas!

E tirava o chapéu á aragem fresca... e uivava aoa ares o seu amor ingenuo.



E qual de vós, Rufas de tanto amor, com beijos p'ra trincar, morangos p'ra sorver, aromas p'ra aspirar, qual de vós não tem tambem d'estas sortes no olhar?

João Rr-Só.



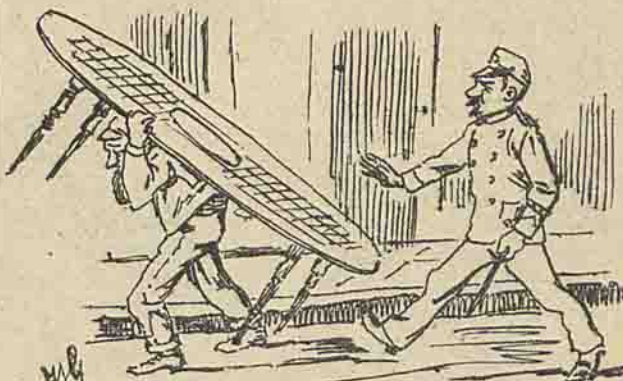
Na correspondencia do *Noventa* (X C) para o *Século*:

«Sondey morreu com um franco e trinta centimos no bolso!»

Ora esta creatura tinha-se suicidado arrojando-se ao Sepa...

Mas podia mesmo ter morrido com uma congestão, com fome até, com ciumes, com caloulos na bexiga... pois não?... foi com um franco e trinta centimos, e toda essa desgraça no bolso!

Que ha quem viva com menos e até sem bolso!



Rezam as folhas:

Os moveis, roletas, etc., apprehendidos nas casas de batota foram hoje remetidos em carroças para a Boa Hora, Abi serão vendidos, revertendo metade do producto a favor da fazenda publica e a outra metade a favor dos apprehensores.

Veem vocês d'ahi, claro é, o que a fazenda publica vae lucrar se a rigidez Veigense não vergar.

A' roleta assim vendida em pró do estado annexa-se um da judicaria d'olho fino, porque lá diz a lei:

«Vigiar os individuos suspeitos... etc... condemnando vo' mes... ou or qualquer outro motivo plausivel.»

Lei que como é sabido por justas subtilezas de chicana pode ser assim interpretada:

«Vigiar os individuos... etc... condemnando volumes suspeitos ou sem mesmo qualquer outro motivo plausivel.»

Assim vigiado o volume bem de perto, constatar-se-ha cuidadosamente quando elle começa a funcionar, momento em que a lei manda apprehendel-o. Mais porem a lei manda que se venda. E de novo é vendido.

Mais porem a lei manda se tome. E é de novo apprehendido.

Estão vendol

De cada vez meia roleta que a fazenda ganha... á batota.

J. R.

O GOVERNO E A ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL



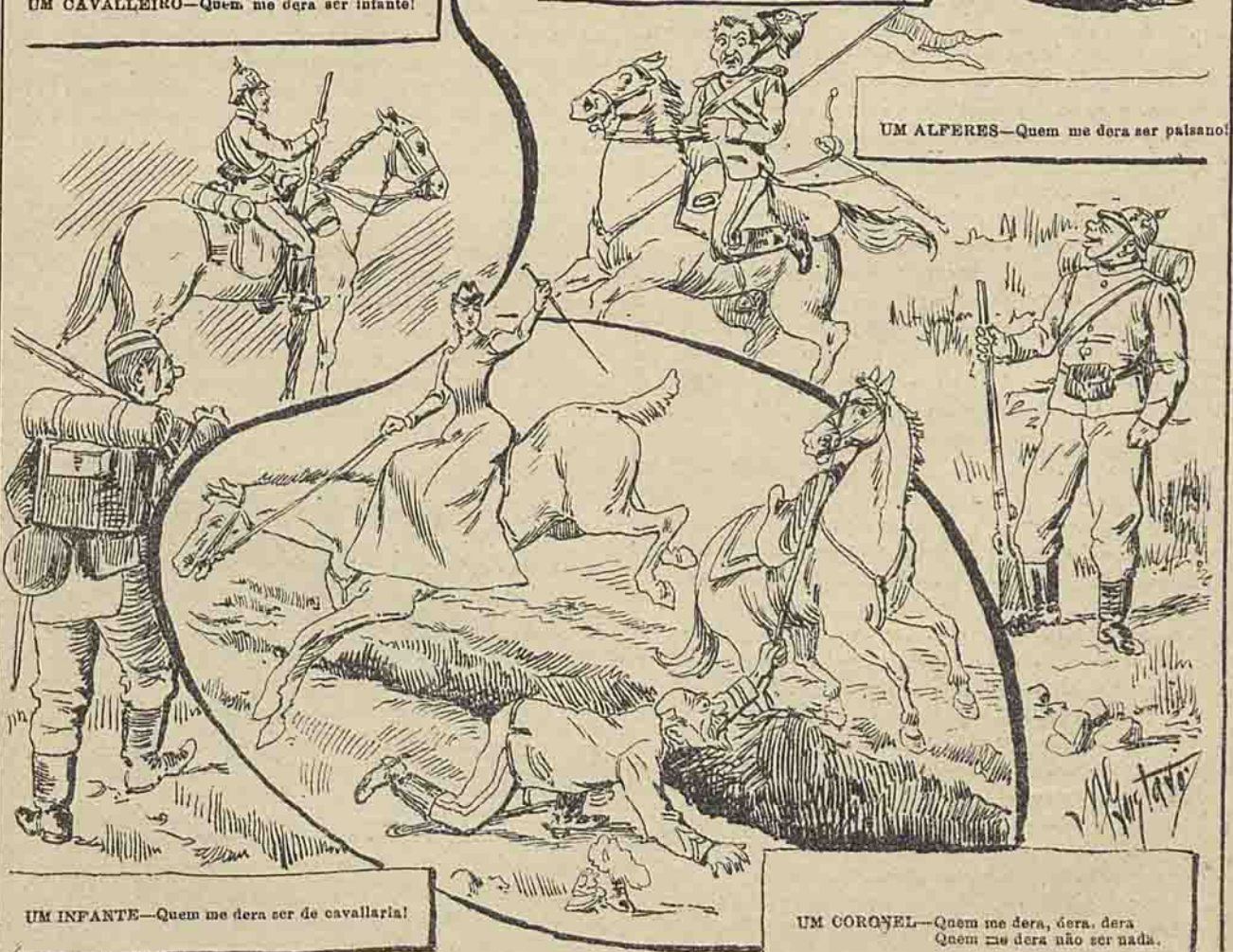
«TOUT EST BIEN QUI FINIT BIEN»

AS MANOBRAS



UM CAVALLEIRO—Quem me dera ser infante!

UM PAISANO—Quem me dera ser soldado!



UM ALFERES—Quem me dera ser paisano!

UM INFANTE—Quem me dera ser de cavallaria!

UM CORONEL—Quem me dera, dera, dera
Quem me dera não ser nada.

UMA ALTA DAMA—Ca y est!

A Semana de Lisboa

No ultimo numero da «Semana de Lisboa» vem um magnifico retrato do nosso director acompanhado por um facetado e esmaltado artigo do illustre homem de letras e nosso amigo, D. João da Camara.

A este e a Alberto Braga, director do interessante supplemento do «Jornal do Commercio», agradecemos commovidamente a alta e graciosa homenagem prestada a Raphael Bordallo.

A REDACÇÃO.

Variações

Em face da annunciada visita da esquadra britanica, ruge em vertiginosos Nilos, a eloquencia dos patriotas portuguezes.

As suas palavras teem fogos de ferro em braza, os seus anathemas estalam como açoites. A Junta de Saude pensa em fazer acompanhar cada patriota por um medico de fama: a indignação é o anzol da apoplexia.

Deixem-me rir!

Esses admiraveis cavalheiros, que possuem compendios de rhetorica em vez d'almas, memororam certos agravos que nos foram feitos pelos inglezes, e, haerengando como tribunos, proclamam bem alto a necessidade de se evitar essa humilhante (?) visita, em nome do brio nacional que urge conversar intacto, purissimo, como um açucena de Mez de Maria, como uma toalha d'altar.

Pierrot, sobrinho da Lua, sempre ironico e farçola, escuta as cascatantes harengas, e piscando o olho a um seu conhecido, rabelaisiano e trocista, diz-lhe com risos:

—Ouves? São os mesmos que ha tres semanas se emborracharam com alegres vinhos n'um almoço offerec do por subditos de Sua Graciosa Magestade.

Ah! os patriotas..

Qual o desejo d'esses senhores? Fomentar o progresso portuguez, dando-lhe por base um forte regimen de moralidade,—dizem elles. E' em nome d'esta moralidade que a sua indignação se levanta.

Lindo ideal, não ha duvida, sobretudo se fôr acompanhado d'uma grande abnegação pessoal, unico agente que podê determinar uma grande felicidade geral.

Pierrot, porém, continuando a ouvir, diz para o seu sorridente conhecido:

—Ouves? são os mesmos que berram como cigarras, quando uma medida d'interesse geral vaç ferir os seus interesses particulares. Ouves o que elles dizem? Dir-se-h'a que não é uma esquadra que está para chegar, que é um imposto que vaç ser lançado.

*

* *

Deveis lembrar-nos das austeras attitudes com que a policia de Lisboa, recentemente reorganizada, se deitou a purificar esta cidade toda roida por viciosos oxydos, a transformar a brejeirinha em santa.

O jogo, a luxuria, o vinho foram postos a ferros, flagellados crucificados.

Durante alguns dias, a Babylonasinha do Tejo, appareceu timida e candida como um pensionato de ingenuas virgens.

Acontece, porém, que esta ancia de regeneração moral coincide com uma notavel floescencia dos instinctos e das obras criminosas.

Ahi está o crime da rua da Gloria, o crime do aborto e outros muitos, diariamente relatado pelos jornaes de noticias.

Este facto mostra salientemente que os dictames policiaes não foram um cauterio mas um apperitivo. A pedra infernal tornou-se em absyntho gommado.

Mostra isso e mostra tambem que as vontades naturaes são muito mais fortes do que todos os convencionalismos moralisadores, armados para organizar burocracias rendosas e para transformar uma cidade cheia de sol e de côr, n'um seccantissimo seminario de frios, humidos corredores, sob cujas lages seriam enterrados vivos o amor e o vinho, as derramadoras de beijos alegres e os primos do sol—os bebedos.

Graças, porém, á sua qualidade de immortaes, desde Adão e Eva e desde Noé, o amor e o vinho resistirão a todas as violencias.

Bem se fartou a Travessa da Parreirinha de parir ordens severas. Nada conseguiu.



Altas horas da noite, ahi vereis as plenipotencia-rias da Luxuria percorrendo as ruas de Lisboa á cata de mãos que as dispam e de braços que as abracem e ranchos de bebedos que ora querem accender o cigarro na lua, ora se espojam nas calçadas como em colchões de plumas.

Eu.

INTERVIEW

Ha mezes que se acha entre nós o doutor Topsisus, um intimo do sr Eça de Queiroz a quem muito interessam, apesar de estrangeiro, as cousas da nossa terra.

Didactico, superior, optimista, era o homem a entrevistar sobre os ultimos acontecimentos.

Destacado para essa missão o nosso collega João Ri-Só, eis o que elle nos envia, flagrantemente es-tenographado:

Lá vi o Topsisus.

Está velho e calvo. O escasso cabello que lhe rodeia o craneo vasto e esguio é como um restolho que as primeiras chuvas d'inverno acinzentassem.



Em questão d'erudição é um caduco. Elle mesmo o confessa mestamente. Depois d'uma nociva febre que lhe arrebatou a loura grenha e a lucida memoria, uma tristeza especial o humilha.

E como só depois d'esse desastre elle tentasse inutilmente perpetuar a geração dos Topsisus, veio aqui, terra fecunda e quente, de que elle conhece caturramente a lingua e os habitos, com fins prolificos.

O excesso nervoso que ainda intellectualmente o atormenta dispende-o prologando as obras dos novos por quem é especialmente consultado. Foi bem por isso que pacientemente lhe ouvi empolados periodos d'um proemio seu á futura traducção em francez das *Sabichionus* de Castilho, litteraria corôa dô precoce auctor Bello Marreto e que em breve surdirá com o titulo suggestivo de «*Les sages femmes*».

Assim decrepito, o sabio, com a inedita idéa da procreação a exasperal-o, tem comtudo um adunco e fino modo de ver, modo de ver subtil d'espectador sem sangue.

Foi isto o que dissemos:

Topsisus—Muito gosto...

Eu—Muita honra...

(Apertamos as mãos).

Ambos—Já tinha o prazer de o conhecer... de nome...

(Levamos o lenço aos labios, Sentamos-nos. Fez-se um silencio, compenetração d'homens celebres; um papagaio chelra, um gato mia.)

Eu (tastando) Perdoar-me-hia de certo o incommodo. Gostaria d'ouvir a sua opinião summaria sobre os mais recentes casos que decerto muito o devem ter impressionado.

Topsisus (Gesto d'assentimento, puxa as joelheiras das calças, assenta os oculos)

Eu—E assim começarei se m'o permite ouvindo-o sobre o cazo dos correios. Que idéa tem...?



Topsisus—Permitta-me que lhe diga, se é que o não sabe já, que eu em geral não tenho idéas...

Eu—Perdão, sabia-o... por isso o entrevisto.

Topsisus—Mas não tendo sobre immoralidades opinião alguma, simplesmente é de notar que esse tal caso dos correios é grave, e praticado por homem tambem grave. E n'isto de casos e d'homens quando são graves, cheira-me logo a roubo ou roupa suja, e é de vêr que despindo-os, encontra-se-lhe sempre dinheiro... entre os colchões...



Eu (exultando) E a acção do ministro?

Topsisus—Sim... d'uma rija e aleventada justiça symbolisada agora na policia! Que o caso passa com o tempo... E senão veja, na policia entre o prender um gatuno e cumprimentar o alferes Pires o 539 não hesita... de cabeça aleventada faz continencia ao Pires. Está vendo, é o tal caso Mayer que passa an e a aleventada justiça do ministro.

Eu—Mas, fallou o doutor na policia, não acha por exemplo justo...

Topsisus (interrompendo) Eu em geral não acho cousa alguma, mas sobre o que diz respeito á policia acheia-a muito mais delicada desde que a quizeram fazer bruta, e isso me basta.

Eu—E com respeito á militarisação que tudo toma?

Topsisus—Simplesmente me consta, que o recrutamento feito ás vagabundas, o tem sido com o fito de as arregimentar e de lhes regular rectamente o serviço. Neutes ha em que, quem lhe pretende a utilidade, tem-as no Governo Civil... mettendo empenhos. Dá um certo trabalho, percebeu?, mas como ha sub-delegado de saude a cousa é limpa e o Estado lucra por intermedio de D. Moralidade, matrona de ventre inflado, sua fallinha doce e pó d'arroz barato na face alagostada.

VAES-VENS MINISTERIAES



(Como consta dos jornaes)

Eu—E sobre a immoralidade d'essas rusgas?...
 Topsius—A utilidade final desculpa tudo... E' a
 esquadra iugleza que chega...

Eu—?—

Topsius—Sim, o que é Lisboa, e muito particu-
 larmente a patriótica Lisboa?

Eu (gravemente) Lisboa... com as suas sete collinas
 e o Senhor dos Passos... é... é um volume em sete
 capitulos de Carlos Sertorio com um prologo de
 Mello Barreto.

Topsius (continuando) Lisboa patriótica é isto: va-
 dios, meninas uteis, batoteiros e pobres...

Eu—Perdão... e jornalistas?



Topsius—Estão incluídos nas duas primeiras cla-
 ses... mas ouça, como Lisboa é isso, e de tudo é
 mister fazer dinheiro, o Estado vê bem que uma es-
 quadra iugleza entrando ahí ponteará vantajosamente
 de libras o mercado. Ora Lisboa entra a bramar
 contra a vinda da esquadra e o Governo então pren-
 de Lisboa! Emquanto, como já começa a querer quem
 paga impostos, a reclusão não se limita a bairros es-
 peciaes. E assim se pedem ruas só p'ra pobres... E
 assim ha a indicação de bairros p'ra brejeirice, mui-
 to chinezes, com uma senha especial paga á entrada.
 Assim se construirão...

Eu—Isso é phantastico!

Topsius—Perdão isto é assim, e phantasia é bem
 o que succede. Teem ou não teem os amigos um
 bello clima?

Eu—Sim, lá isso temos.

Topsius—E usam d'elle...

Eu—Perdão, quando o inverno chega, vamos
 p'ra Paris... E pensa-se em vender aos ingleses, é
 falta d'outra cousa o nosso tão fallado ceu azul.

Topsius (sem se perturbar) Pois diga-o no seu jornal
 abertamente: os senhores são constitucionalmente
 uns imbecis!



Eu—Mas isso dizemos nós todos os dias!

Topsius (timpando com circunspeção os oculos. Do ponto on-
 de estoa vejo aureolar-lhe a cabeça já criva, um prato da India
 pendente da parede) Os senhores não sabem usar a vida.

Ouça: no dia em que cheguei, á porta do Inter-
 nacional gente bebia. Uma creatura d'ar nobre, abor-
 da uma das mezas e pede limonada fresca, trou-
 xeram-lh'a e as respectivas palhas para a sorver;
 pois bem, com ar soberano e um olhar de rico,
 esse homem comeu as palhas e cuspiu o liquido.

E é isto o que os amigos fazem á vida... po-
 dendo afinal sorve-la, mesmo por um governo...
 de palha, e pouco a pouco.

JOÃO RI-SÓ,

LIVROS

Poentes—é, senhores meus, o primeiro livro que
 um poeta da India offerece ao José!...

São paginas de sangue.

E por mais que se supponha ser esse livro, um
 livro publico, é bom precisar que tal não é; o livro é
 simplesmente triste.

Ora não pretende, para que se saiba, o seu auctor
 Marianno, *fallar aos que o são de pedra*..... Ora...

(Isto é um resumo do prologo, que por falta d'es-
 paço, não damos, como tanto era do nosso desejo, na
 integra.)

Guardando porém para depois de mais demora-
 da leitura, a critica á pujante obra por si só revela-
 dora d'um vigoroso e poetico ta... etc... delicia-
 mos comtudo os nossos leitores com o seguinte ex-
 cerpto para cuja copia pedimos devidamente venia
 ao novel auctor:

PERDIÇÃO DO AMOR (1)

—Não te lembras Mariquinhas
 D'aquellas quadras brilhantes
 Da nossa vida d'amantes
 Quando eu tinha e tambem tinhas

Ora toma,
 Mariquinhas,
 Ora toma!

Z'ora toma,
 Mariquinhas
 Toma bem!

Ao ir genuo poeta M. Gracias... *muchissimas gra-
 cias* pela sua offerenda.

(1) Como bem se vê este titulo é... um antigo
 collete de Camillo... do avesso.

N. da R.

QUANDO SE ESTÁ SÓ...!!!

CONTO MUDO
POR
GUILLAUME.



Guillame

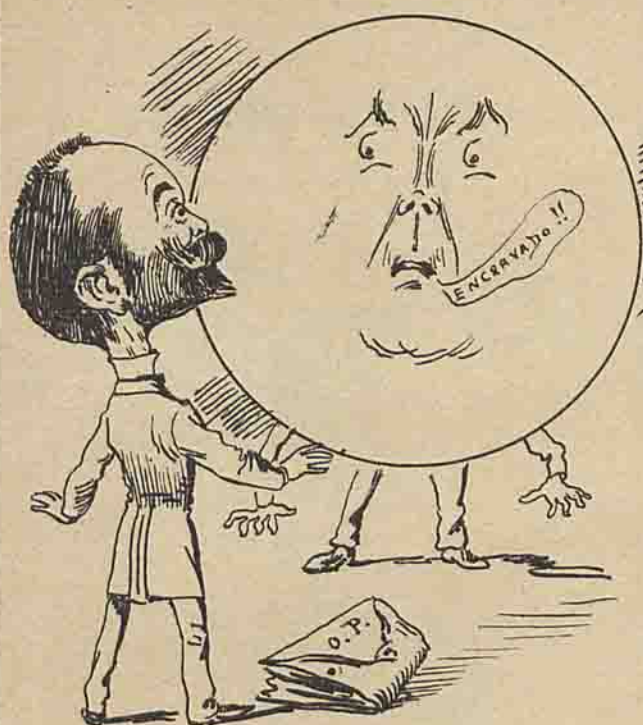
AH! ELLE É ISSO...



Ao fogo ladrão do mau padeiro antepõe Bernardino a ferrugenta machadinha de Damocles e o jacto atordoador d'um bom decreto. Bramam más linguas que o serviço por fim é de momento, e que sem um rescaldo proficuo o fogo romperá com mais intensidade certissimo é porém que dos salvados... o pão sahirá, ve-lo-hão, mais negro.

MODOS DE VER AS COUSAS AS PROPORÇÕES DO ESCANDALO

(Obras publicas)



Para o ministro.



Para um ingenuo.



Para um jornalista.



Para um architecto.

Variações

Fogo de vistas!

Uma vez apagado—e ha-de apagar-se breve— a noite parecerá mais escura, na viuvez dos brilhos ephemeros.

Fogo de vistas, doces ingenuos! Fogo de vistas para vos illudir, para vos prender capciosamente a attenção, desnordeando-a, enganando-a, desviando-a de certos podres recantos, que os governos desejam conservar em mysterio, da mesma sorte que um leproso procura sempre esconder as verdes chagas.

Não vos fieis: desconfiae, desconfiae . . .

Vêde: descoberta a roubalheira do ministerio das Obras Publicas, as auctoridades respectivas agitaram no ar grandes gladios em fogo; a Exterminação sah u para a rua, arrastando a sua temivel simarra vermelha; a Justiça appareceu de branco, como uma alva, inexoravel Hecate; as consciencias oxydadas viram uma sombria perspectiva de degredos, carceres, trabalhos publicos:—dir-se-ia, em summa, que o Moloch dos Torpes, accordava da sua lethargia e avançava, com brazas nos olhos, raios nos dedos e coriscos na bocca, para este paiz de marmores claros e agoas azues.

Foi assim que os dois architectos Avila e Parente seguiram do molle remanso das suas habitações para o desconforto d'uma esquadra.

Como artista, todo me alegre com a triste sorte dos dois presos. Tudo o que lhes fizerem, o desterro, a forca, a grilheta, tudo isso me parecerá frouxo castigo para os crimes de lesa-arte por elles commettidos.

N'um outro ponto de vista, porém, como membro d'uma collectividade cujos corypheus se dão ares de justiceiros, praticando toda a casta de inju- tiças, e ares de puros esquecendo-se de que teem mãos de esterqueiros, todo eu sou lamentações e piedade para com os dois novos hospedes da esquadra das Monicas, cuja detenção não é um frasco de phenol derramado sobre a putrefacção da nossa burocracia, mas simplesmente um punhado de poeira lançado aos olhos dos incautos.

As incorrecções dos dois presos são, creio eu, claras como um veio de agoa virgem. Estão muito bem presos. Mas ao que oiço, não menos crystallinas e muito mais graves são as responsabilidades, ligadas ao caso, de certos magnates da burocracia nacional, até agora protegidos por um a sybillina e abraçadabrante invulnerabilidade.

Andam na bocca de toda a gente, os nomes de tres figurões muito conhecidos. A' boquinha da noite, espalha-se electricamente pela cidade o alarmante boato de que estão cercados pela policia as casas dos tres, que vão fazer-se justiça, que está para breve o espectáculo d'um exemplo temivel.

E os dias passam . . . E tudo na mesma . . .

Assim, com intuitos mascarados, se exhibem an- cias de moralisação, fazendo-se um barulho dos in- fernos em volta de dois insignificantes, para que esse barulho apague o que era natural que se erguesse em torno de certos papelões altamente cotados no mundo burocratico, papelões cujas almas não teem, positivamente, a brancura d'um luar d'inverno.

Fogo de vistas! Poeira nos olhos!

Eu.

A LENDA DO CORREGEDOR

(D'um velho cacioneiro)



Havia em terras d'além,
Longes terras d'além mar,
Um reino abundoso e farto,
Reino facil de guiar.

N'elle os homens eram justos
E as mulheres de firme amar
Se algo havia de máu fito
Era mira em governar.

Que o governo era de modo
A seis fazer prosperar
E n'um reiro de seis mil
Mil por mez iam mandar.

As riquezas d'esse emporio
São difíceis de contar:
Custava um pão um pataco
Sem licença p'r'augmentar.

Tinh'água do Alviella,
E Justinos p'ra folgar;
De dia era azul o céu,
De noite era escuro o ar.

Se crimes havia em barda
Eram crimes de matar.
Se roubos havia e muitos
Eram roubos de ganhar.

Mas um dia insano vento
Veio tudo perturbar,
Com a Reforma da Policia
Veio um Veiga justicar.

Justiça, Deus da minh'alma!
Justiça d'arrebatat!
Algemas p'ra bons e máus,
Masmorras p'ra quem bramar.

Se alguém roubava o visinho
Era preso por furtar,
E o visinho logo apoz
Era preso por deixar.

Em pouco á escura prisão
Meio mundo foi parar,
E p'ra lá foi o outro meio
P'ra ter com quem conversar.

Quedára apenas um ente
Blasphemando, a vaguear;
Tinha o rosto côr da noute,
E as barbas côr de luar.

Annos e annos se passam
E o phantasma a delirar
Que essa terra é de mysterio
Ninguem por lá quer passar!

Té que um dia ousado rei
Esse encanto foi quebrar
Perguntou-lhe:—Quem és tu
—que assim andas sem parar?

—Eu sou Veiga—lhe responde,
Com chammas no fero olhar,
—o Veiga que tudo prende!...
—E que fazes?

—Syndicar!

Ruy Braz.



A TOURADA DO ADELINO



Realisa-se proxivamente na Praça do Campo Pequeno, uma tourada promovida por uma commissão em beneficio do cavalleiro Adelino Raposo, que ultimamente soffreu um desastre quando toureava na Praça da Nazareth.

Preparam-se grandes attractivos para esta festa, que deverá ser muito concorrida dadas as sympathias de que o beneficiado goza.

A AVÓ MOUCA



A sua neta está a dormir. Não a accorde.



Han? O que?



Do "FLIEGENDE BLATTER"

Ah! sim, tens razão.

O ANTONIO MARIA

A PROXIMA FUTURA LISBOA



Um semsaborão e ordenado ceu aberto. Anjos da guarda... civil. As onze mil virgens. Tudo azul, oiro e neve. Azas azues, azas d'oiro, azas de neve e—principalmentel—azas... de mosca!

Nota. Onde se lê oiro, deve ler-se papel.

Gustavo Bordallu
IMIT-DE RIVIERE

DECLARAÇÃO

Sob o peso inquisitorial que nos opprime o *Antonio Maria* passará a ser... familiar do Santo Officio.

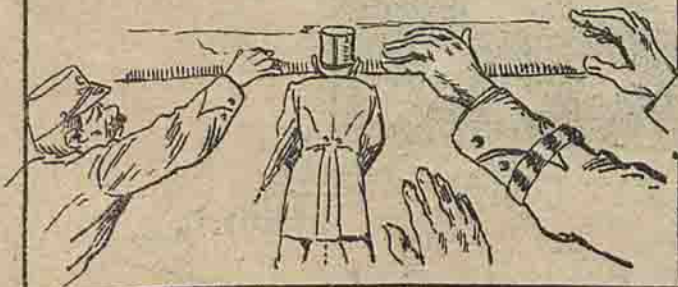
Sob a macillenta alegria que escancara as fauces pingosas dos beaguins patricios o *Antonio Maria* passará a ser... um triste.



Sob a risota que nos rebola ao lêr nos jornaes as tetricas resenhas de roubos, assassinatós, trucidações de creancinhas pela calada da noute, escamoteações de tijollo pelo descaró do dia, abortos e reformas, o *Antonio Maria* passará a ser... um sério.



E se depois de tanto, e dos depoimentos compromettedores a arrancar a toda a dynastia de typographos, administradores e redactores que com elle conviveram durante nove annos, e que serão vivos ou mortos levados á presença do santo tribunal, mas se depois de tanto o *Antonio Maria* não conseguir ser preso, então o *Antonio Maria*, acabrunhado, sem lucidez no seu gravitar solitario, sem lixo de gente a repellir no seu varrer honesto, tonto da solidão, cansado de socego, irá em plena rua, muito desconso-lado... verter aguas.



E logo o levarão p'r'ó calabouço.

E assim desaparecerá d'uma cidade branca que sylphos d'alva tunica pulverisam de virtude, e que se chama—*Lisboa a Veiga Pura*—, o ultimo mortal de chapéu alto.



NOTICIARIO

Prisão.—Foram presos por se acompanharem, sem serem respectivamente casados, Tiburcio Comba e Dorothea Manco.

Depois de mantida a prisão descobriu-se ter o Tiburcio servido como carpinteiro ás ordens do architecto Avila e ser a Dorothea visinha da parteira Mascarenhas.

Esteve hoje no Governo Civil ás 6 horas da manhã antes de lavar a cara, tentando desvendar tão emaranhado caso o sr. juiz Veiga.

O roubo dos correios.—Encontrou-se hontem n'um marco postal, que não podemos dizer onde fica para não perturbar a acção da policia, uma estampilha de 25 sem subscripto.

Ora tudo leva a crer que essa estampilha foi vendida por 30 réis, e o sr. juiz Veiga vae syndicar.

Até á hora a que escrevemos o integérrimo magistrado já ouviu tres duzias de correios e dois quarteiros de vendedores de sellos.

E sahiu promettendo voltar depois do almoço.



O caso dos abortos.—Da annunciada acareação da parteira Mascarenhas com a Universidade de Coimbra não surdió a luz que se esperava.



Sobre o assumpto esteve hoje conferenciando do meio dia ás 6 horas da tarde, no ministerio das Obras Publicas, com o respectivo ministro, o sr. juiz Veiga.

O roubo nas obras do Estado.—Constando por uma carta anonyma ao sr. juiz Veiga que dois architectos muito conhecidos, tinham hontem pelas onze horas da noute, passeio, conversando, perto da estatua do sr. D. José-I, o sr. juiz Veiga mandou chamar aquelle senhor.

Dada a impossibilidade allegada pelo futuro de-poente, (e em que o collocaram os seus conterraneos), de se deslocar, o sr. juiz Veiga teve a seguinte phrase historica, similar de tantas que exornam antepassados nossos:

--Que m'o tragam vivo ou morto... p'ra depôr.

E foi jantar, promettendo voltar depois das 9 horas.



Mysterio ou loucura.—A mulher que noticiamos ter sido encontrada vestida d'homem na Avenida da Liberdade, depois de ardilosamente interrogada (eram duas horas da noute) pelo sr. juiz Veiga declarou que andava assim, p'ra poder... andar.

Em seguida o sr. juiz Veiga partiu para a Junqueira a acordar o sr. ministro das Obras Publicas.

J. R.



JÁ LÁ VAE, JÁ SE ACABOU !!!!

THEATRO DA TRINDADE



Para aquecer os friorentos corridos do sul irritante das praias, os theatros abrem. Abrem como as violetas abrem, e as castanhas se esbeçam em cima da primeira lenha das lareiras.

O inverno que chega... e o BRAZILEIRO PANCRACIO todas as noites com centenas de contos na Trindade, a chamar gente, a aquecê-la, a desopila-la e a fazê-la voltar na noite seguinte p'ra rir mais, p'ra mais se divertir.

E isto ao mesmo tempo que as violetas abrem e muita gente medrosa das más doenças que o inverno traz, vão em VIAGEM Á SUISSA ao Colyseu dos Recreios, em sleeping com os desenvoltos Renads...

Emquanto as violetas abrem e as castanhas se esbeçam sobre a primeira lenha das lareiras.

O ACTOR LEONI



Se Leoni, que acaba de morrer obscuramente no Cartaxo, tivesse morrido em Athenas, na doirada Athenas d'outras eras, o seu nome nada teria a ganhar com o famoso dictame de Solon, que prohibiu que se dissesse mal dos mortos.

Em torno da sua morte só houve sympathias... e indiferença. Injustissima indiferença, dado o alto valor de Leoni, mas naturalissima n'estes dias de damnado strugglefurlifeirismo.

Coisas da vida, coisas da morte!

Se, ás vezes, choramos pelos que nos fizeram chorar, porque não choraremos nós pelos que nos fizeram rir?

Variações

Um paralytico, que, na sua melancholica cadeira de rodas, ouviu o summario do que vaç pelos nos theatros, havia de imaginar a scena portugueza n'um esplendor, n'uma vivacidade sem para'lelo.

Contar-lhe-iam: a empresa de D. Maria vão ser apresentados vinte originaes e dezeseis á do Gymnasio; o Principe Real tem um repertorio de rolhar e lacrar a bocca do mais pessimista frequentador dos camarins lusitanos: a Avenida, a rua dos Condes e a Trindade estão captando mais atenções do que a procissão dos Passos; o espirito, a musica e a côr vibram em curvas de triumpho á luz da ribalta; os emprezarios nadam em oiro—dentro em pouco, o Monteiro dos Milhões, o Seixas do Rocio, o José Maria dos Santos e o conde da Penha Longa sero uns pobresinhos ao pé do Salvador Marques, Ja Cinira Polonio, dos irmãos Rosas e do Pinto do Gymnasio.

E o paralytico, com supplicas no olhar, a voz tremula de rogos, pediria, implorantemente, que o levassem a assistir a esse grande renovamento artistico, a esse trasbordar de talento, talvez misericordiosamente decretado por Deus, como um palliativo salvador para as dôres que vão atormentando a nossa nacionalidade.

*

* *

A opinião do paralytico seria errada e, no entanto, as inf rmações, mães d'essa opinião, seriam absolutamente verdadeiras.

Com effeito: em D. Maria e no Gymnasio sóbe a maré dos originaes; o repertorio do Principe Real é mais longo do que as viagens de Antenor e do que o orçamento do ministerio das obras publicas; o número das pessoas que, todas as noites, vão á Avenida, á Rua dos Condes e á Trindade excede, em muitas centenas, o dos emigrantes para o Brazil e o dos contos de réis surripiados ao thesouro; os actores, os actores e os emprezarios vão adquirindo peculios rothchildeanos.

Observando as apparencias, p rece pois que este favor do publico, que toda esta incontesavel fortuna dos homens do theatro tem a sua natural explicação no fervor com que os segundos tratam de levantar a sua arte, enchendo-a de sangue novo.

Deixando, porém, as apparencias e escarpellizando um pouco, a perspectiva muda de aspecto e chega-se á bem triste conclusão de que a florescencia dos artistas e o entusiasmo popular, teem por mãe legitima a burrice popular

*

* *

Em theatro, ou se faz a-te ou se faz commercio, ou se educa o publico ou se explora o publico.

Quando fazem arte, os homens de theatro perdem Nilos d'oiro, encalacram-se, enchem os prégos, são penhorados e acabam com ambições; d'este genero: o albergue nocturno, um banco do largo do Quintella, etc.

Quando fazem commercio, tudo muda de figura: o nicho do camaroteiro parece mano do Banco de Londres, as joias deixam n'uma escura viuvez as montras dos ourives e vão estrellar os dedos, as gravatas e os peitilhos dos dramaturgos e dos comicos; a existencia torna se de velludo; morre-se entre sedas e rendas.

O *bom-senso pratico* acha que a abnegação artistica é prima co-irmã da asneira. Ora, como n'este paiz de Sol e de Vaidade ninguem quer passar por asno aos olhos dos seus semelhantes e como, além d'isso, é muito mais agradável viver com regalos e maciezas do que morrer entre farrapos e piolhos, acontece que os cultivadores do theatro, quando se encontram em face dos dois caminhos, não sentem as hesitações do burro de Buridan, e, tomando resolutamente o caminho do negocio, deixam livre o da Arte, para que o Diabo passeie n'elle á vontade.

E fazem elles muito bem.

Tem-se visto, algumas vezes, esta ou aquella empresa sahir da sua quotidiana sensatez e vestir-se com candidas ancias de arte-puta. E' desastre certo.

Haja vista o que aconteceu aos emprezarios de D. Maria quando levaram a *Griselia*, uma peça altamente artistica.

O publico é burro, está provado.

Assim, se as empresas são ambiciosas, se lhes não bastam os lucros que estão tirando, sigam o meu conselho: não peçam dramas aos dramaturgos... dirijam-se aos albardeiros.

Eu.

O sr. Assassinato das Costas

Acha-se em Coimbra, n'uma grave missão scientifica, o illustre professor do Instituto Agricola, Cincinato da Costa. Como a maioria dos sabios, o sr. Cincinato, cujo nome certamente lhe não foi posto por um ecclesiastico mas por uma sybilla, é um incomparavel administrador do tempo (não confundir com o jornal do sr. Dias Ferreira; trata-se do pae e pupillo dos relogios). Com o seu surpreendente senso de administrador temporal (não confundir com o almejado poder do Papa, nem com o osso; *temporal*, adjectivo derivado do tempo) o sr. Cincinato encontra, no meio das suas lucubrações agricolas, milagrosos momentos para cultivar a arte de Anacréonte.

Assim, uma vez em Coimbra, o sr. Cincinato não se contentou com visitar as caudelarias e os prados-modelos da quinta de S. Martinho: foi tambem assistir ao esmorecimento dos poentes sob os cedros da quinta das Lagrymas, a cuja sombra escreveu o inspirado *Acrostico espino-central*, que abaixo publicamos, no qual teve artes de juntar a inspiração de Camões, a memoria de Ignez de Castro e o nome do sr. Bernardino Machado, as tres mais luminosas estrellas da sua alma de contemplativo.

Como os Arcades, o sr. Cincinato da Costa quiz dar ao seu nome uma feição accentuadamente litteraria.

Repugnou-lhe, porém, o processo do anagrama; seguiu outro.

Sob os famosos cedros, que assistiram á morte de Ignez, o sr. Cincinato chegou á peregrina conclusão de que o seu primeiro nome tinha, acusticamente, enormes semelhanças com a palavra que representa o facto capital da vida d'aquella *que depois de morta foi rainha*; essa palavra é *assassinato*. Assim mudou Cincinato em *Assassinato*.

Meio caminho andado.

Continuando a divagar, no parque das analogias, o sr. Assassinato releu o seu acrostico (abaixo publicado) e inteirado de que o genero poetico que melhor cultiva é o acrostico, observando que todo o acrostice tem a sua vida na espinha, isto é, no nome que lhe serve de thema, observando que a espinha é a aranha das *costas* e que a palavra *costas* se parece immenso com a palavra *Costa*, seu appellido civil, adoptou a palavra *costas* para appellido litterario.

Tal a formação do seu pseudonymo.

O illustre homem de letras promete-nos mais produções, que jubilosamente publicaremos.

ACROSTICO ESPINO-CENTRAL

Aos Illm.^{os} e Exm.^{os} Srs. A. A. Mendes Monteiro, Manuel Gomes
Pipa Fernandes Thomas (Lo uzã).

As armas e os **H**arões assinalados
Qu **E** da occidental praia Lusitana
Po **R** mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taproba **N**a,
Em perigos, e guer **A**s esforçados
Mais, do que promettia a fo **R**ça humana:
E entre gente remota e **H**ificaram
Novo reino, que tanto subl **I**maram:
.....
Estavas linda, Ig **Z**ez, posta em socego
De teus ann **O**s colhendo doce fruto...

ASSASSINATO DAS COSTAS.

A CONTINENCIA

A reforma da policia,
Feita com tanta prudencia,
Denota sabia pericia
Obrigada a continencia.

Passa um guarda asafamado
(Muitas veses na apparencia)
E' de repente intimado
Para fazer continencia.

E' agarrado um tumante
Com alguma resistencia,
Mas é solto n'um instante,
Por causa da continencia.

O serviço é mais cuidado
Quando é feito com decencia,
Porém é mais acertado
Quando requer continencia.

Do alferes sem importancia
Ao general de influencia,
Elo dados com abundancia
Uns palmos de continencia.

Qualquer dia, com urgencia,
Um decreto sabichão,
Manda fazer continencia
Ao cavallo do Tristão.

O MODERNO SYSIPHO

«—E do Bernardino, que me diz do Bernardino?
«—Esse, meu amigo, creou uma situação que
já se não explica senão com recurso a varias his-
torias da historia mythologica! Como Sysipho, está
condemnado a rolar eternamente a pedra do escan-
dalo,—senão é esmagado...»

Novidades de 23 do corrente.



Voltando pesi per forza di poppa,

DANTE, *Inferno*, Canto VII

(Movendo enormes pesos ante o peito.)

A' TOSQUIA

De todos os jornaes:

O que será?

«Pouco antes das 4 horas da tarde de hontem o sr. dr. Veiga esteve ouvindo um depoimento, ao que parece muito importante e sobre o qual guarda o maior mysterio.

A'quella hora entrou no gabinete d'aquelle magistrado um individuo.

Seguidamente, á ordem do sr. Veiga, foi collocada junto da porta do gabinete uma sentinela, com ordem expressa de não deixar approximar pessoa alguma e não deixar mesmo que ninguem estivesse parado no corredor. O depoimento durou cerca de uma hora, e, ao que parece, d'elle foi levantado o competente auto e remettido com um officio para um destino que ignoramos.»

O que ha de ser...

E' que sua Excellencia soffrê dos callos... e providencia.

E onde os informadores viram um officio... para um destino ignorado, estava simplesmente uma receita... p'r'ó Estacio.

Apre... que até nas espessuras coriáceas do sr. Veiga se veem escuros crimes.

BIBLIOGRAPHIA

Ephemeras, por *Silvio d'Almeida*. O titulo diz o que são as poesias contidas n'este volume, publicado em S. Paulo. Os versos do sr. Silvio de Almeida são manos das rosas... de Malherbe.

Um livro como ha muitos. Uma certa habilidade-sinha technica rapsodiando velharias.

Flores cinzentas, por *Henrique de Vasconcelles*. Estreia d'um moço. Segue os modernos processos. Todo em meias tintas, sem personalidade, não deixa prever o que virá a ser o seu auctor, que no entanto parece cheio de boa vontade, dada a enorme lista de trabalhos que annuncia... em preparação... e em imminencia.

O CYCLONE DOS AÇORES

Para a festa campestre no Jardim da Estrella recebemos os seguintes objectos que entregámos na redacção das *Novidades*, séde da sub-commissão da imprensa.

Dos srs. Lopes & C.^a com fabrica de faiança fina em Alcantara, 96 pratos diversos.

Do sr. Francisco Izidoro Nunes, ourives rua da Prata 171, 2 broches de prata.



Mallas leves como pennas. Impermeaveis desafiando o diluvio universal!
O inverno está á porta... mais vale prevenir do que remediar.

Oh! do réo tréo préo

(cantiga de 48)

The musical score consists of five staves of music in G major (one sharp) and 2/4 time. The first staff begins with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a 2/4 time signature. The melody is written in a simple, folk-like style. Dynamics include *f* (forte) and *pp* (pianissimo). The piece concludes with a double bar line and the marking 'D.C.' (Da Capo).

EXTRAHIDA DO 'CANEIONEIRO DE MUSICAS POPULARES.'

Veiga Senhor da Virtude
mandou deitar um pregão:
Que, quem não fosse malsim
Era malandro ou ladrão...

Oh do réo tréo préo
Quem tem telha vae p'ro céu!

Veiga Senhor da Innocência
Fez constar p'las esquadras
Que mulheres sem ser casadas
Ou são bruxas ou são ladras.

Oh do réo tréo préo
Quem tem telha vae p'ro céu!

Veiga Senhor da Pureza
Em editaes, pelas ruas
Indicou sabão *Bravour*
P'ra lavar as almas nuas.

Oh do réo tréo préo
E' Veiga, quem vae p'ro céu!

Só não soube o Veiga linho
Linho branco de bordar
Evitar que o Bernardino
Vá á Arcada... p'ra jantar.

Oh do réo tréo préo
Quem tem telha vae p'ra o ceu!

Nem tão pouco o Veiga branco
Branco Veiga, de cegar
Consegue prender a cocega
Que nos faz... ao espernear...

Oh do réo tréo préo
E' Veiga quem vae p'ro céu!

THEATRO DA AVENIDA

A Lenda do Rei de Granada



Uma vistosa peça, artificiosa e brilhante como um fogo d'artifício, iluminada com a fina graça de Cinira Polonio, espiritualizada pela doce musica de Cyriaco e decorada com excellentes scenographias de Machado. Uma apreciavel lisonja para os ouvidos e para os olhos.

Lucinda Simões



Espanando o museu dos aforismos: a *sombra foi feita para os sapos, o sol para dar saude ás rosas*. Seus lindos olhos n'este apothegma, Lucinda deixou os velludos da sua reclusão, as doces penumbras do seu interior, e eil-a á beira d'um mediterraneo de applausos estridentes, que, breve, ha-de marulhar entre a platéa e o palco do Theatro Normal... por cima da cabeça do maestro Gaspar. Esposa legitima do Theatro nacional, este, delirante de admiração, querendo vestir-se com o brocado d'oiro do orgulho, no intuito de semear invejas, vae mostral-a ao publico, seu amigo, imitando o rei Candaule, que fez ajoelhar os olhos do conselheiro Gygés, perante a núa e fascinante formosura da rainha da Lydia.

Que os vassallos espirituaes da luminosa actriz mandem fazer extensas plantações de loureiros, visto que aquelles que medram em terras portuguezas são poucos para os triumphos que se aguardam.

Variações



Lady Hardwick, a millionaria e sabia senhora, tão notavel pela sua babylonica fortuna como pelos seus extraordinarios trabalhos scientificos, acha-se actualmente no primeiro andar do hotel Central, de cujas janellas, todas as manhãs, auxiliada por um milagroso binoculo, contempla com solitudes de mãe o seu esvelto *yacht*, fluctuante no Tejo.

Lady Hardwick regressa do Egypto, onde foi colher elementos para a sua nova obra: *O Lotus e o Papyrus*.

Quiz a minha boa sorte que eu encontrasse hontem a illustre orientalista no zimbório da Estrella. Pronunciado, por mim, o nome d'um amigo commum, poeta inglex que esteve vae não vae para vencer Swinburne na conquista da honorifica herança de Tennyson, trocadas as nossas reverencias e os nossos cartões, conversámos. Como era natural, a nossa conversa começou pelo sr. Luciano Cordeiro e pela doçura das laranjas nacionaes. Frisada por Lady Hardwick a singular semelhança physica que aproxima o secretario perpetuo da Sociedade de Geographia, do Infante D. Henrique, interroguei a minha interlocutora ácerca das suas mais recentes viagens, e, ao correr do interrogatorio, como viesse a saber que os seus olhos lobrigaram, ha dias, a fumurada d'um combate hispano-riffenho, pedi-lhe que me contasse minuciosamente o que vira.

Lady Hardwick que só de longe, a bordo do seu *yacht*, avistou a marcial contenda, limitou-se a dar-me a impressão d'algumas pittorescas marinhas de guerra.

—Visto que não está habilitada a fornecer-me mais detalhes descriptivos, diga-me ao menos, minha senhora, a sua opinião soore a importancia internacional d'este conflicto, que tão intensamente vae alarmando o mundo.

—Esta guerra, principiou Lady Hardwick, despregando os seus olhos azues do distante *yacht* e poizando-os nos meus, é uma prevenção divina. Os espiritos grosseiros só vëem n'esta lucta uma questão d'interesse, só tratam de sybillinamente demarcar os kilometros de territorio com que, vinda a paz,



levantados os caduceos, a Hespanha, a França e a Inglaterra poderão augmentar as suas colonias no norte africano. Os espiritos d'alcançe, não se preocupam com taes caganifancias (traduzo fielmente a sua expressão), vëem mais fundo. Olhando para o embate dos dois exercitos, os espiritos d'alcançe notam que os hespanhoes, possuindo as armas mais perfectas, seguindo as taticas mais engenhosas, não teem a quarta parte das vantagens dos Riffenhos, que a crença torna bravos como feras, creus até á demencia. Os hespanhoes luctam pela Hespanha, os riffenhos luctam por Deus. Libidinosos como gatos,



os mouros acreditam piamente nos regalos do paraíso de Mafoma, e, assim, marcham para a morte, com a alegre certeza de que a morte é a escada d'oiro que os ha-de levar para essa estancia sobrenatural cheia de mulheres nũas, de voluptuosidades, de amorosos spasmos, onde as violas e os pandeiros acompanham os ais languidos e quebrados dos coitos celestes. Isto é uma prevenção divina, e os ministerios da guerra das differentes nações deveriam attendel-a tornando a religião de Mafoma obrigatoria para os seus respectivos exercitos...

Anoitecia. Descemos do zimbório.

Em baixo, no largo, lady Hardwick disse-me:

—Esta opinião, com a qual concordo plenamente, não é minha, é do meu collega Vasconcellos Abreu, que hontem me visitou.

Saudámo'-nos e affastámo'-nos.

*
*
*

Da Estrella parti para o largo do Quintella. Morto por noticias frescas da guerra, trepei ao segundo andar de Luciano Cordeiro, que, com a cabelleira desgrenhada, os olhos em sangue, rasgando o amplo guarda-pó de linho cru, apertando os dentes, caminhava diagonalmente no seu gabinete de estudo, em grandes passadas tragicas.

Hirtó de susto, perguntei:

—O que foi? alguma calamidade?

Luciano, levando os braços e os olhos aos ceos, clamava:



—O remorso! O remorso! Afogo-me n'um mar de sangue! Veja, veja aquellas cem cabeças decepadas que me rogam pragas! O remorso! Que oceano de purpura! Veja, veja aquelles braços cortados que me ameaçam e me fazem gestos indecorosos! O sangue!

—Mas que foi? mas que foi?

E Luciano continuava sempre.

—As orphãs e as viúvas amaldiçoam-me. Cada soldado sente uma só agonia: eu sinto as de todos elles! Pedro Alvares Cabral, Infante D. Henrique, Vasco da Gama, Serpa Pinto, Affonso de Albuquerque! meus irmãos! como as vossas penas foram insignificantes ao pé das minhas! O remorso! O sangue!...

—Mas o que aconteceu?

—O que aconteceu? Veja o que aconteceu... Espontou para mim telegramma desdobrado sobre a sua escrevaninha.

Corri a lê-lo. Dizia assim:

LUCIANO CORDEIRO.

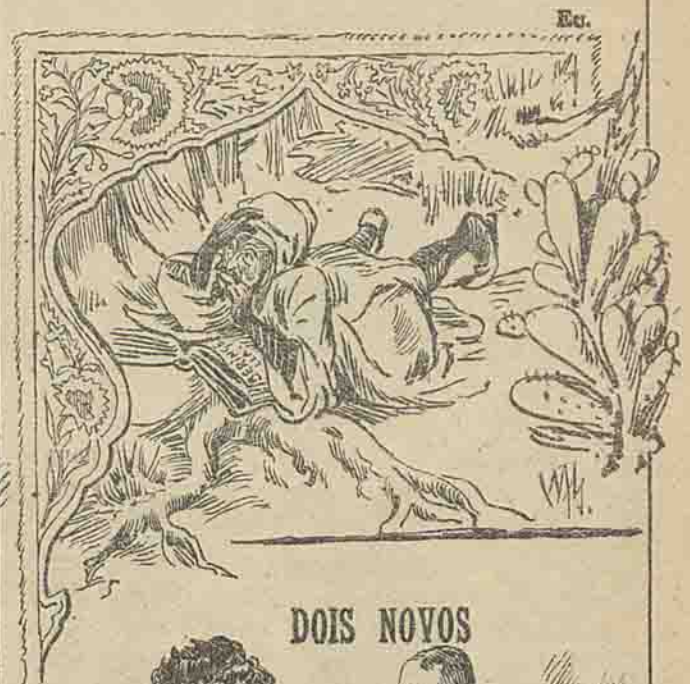
Sociedade Geographia

LISBOA

Está descoberta verdadeira causa guerra. Um riffenho e um hespanhol desavieram-se por causa da Beringella: o riffenho era por Você, o hespanhol por Fernandes Costa. O hespanhol feriu o riffenho. N'essa mesma noite foi destruido o forte.

COLLAÇO

Ministro portuguez Tanger.



DOIS NOVOS



Duas vontades firmes ao serviço de dois talentos munificentes de claras promessas—Christiano de Sousa e Carlos dos Santos.

Entram na Arte com um entusiasmo crêdor dos mais vehementes entusiasmos.

Que estes se não façam Seixas do Rocio—eis o que lhes desejamos aos dois novos.

E que os seus triumphos tenham a grandeza da nossa sympathia.

ESPAÑOLES E RIFENHOS



Cá fóra.

Lá dentro.

Ali ao lado.

A CAÇA AO LOBO

(Por Doês)



A CAÇA AO LOBO (Conclusão)



FIALHO D'ALMEIDA



Fialho, o irreverente, seguindo (escravo da sua arte) os preceitos do suíço Zimmerman, vai abalar de Babilônia para a Thebaida, d'onde, a despeito dos seus promettimentos e sem nos darmos as illuminadas attitudes de Hermitimo de Clazomenes, regressará breve a Babilônia. Que a nossa boa-sorte escangalhe esses promettimentos, como a aguçada graça de Fialho tem escangalhado muitas duzias de balofas vaidades.

Que o seu exilio dure tanto como os palacios de nuvens.

Que o seu humor volte sem demore a vacinar esta cidade de marmore e de fome, contra a variola da melancholia.

THEATRO DO GYMNASIO

O PRIMEIRO MARIDO DA FRANÇA



Uma comedia que é . . . uma salina. Ouvindo o Valle, crê-se a gente não no Gymnasio mas em Aveiro, terra do sal e dos mexilhões.

Lindos os vestidos de Josepha, vestidos que, em honra e louvor do Pudor Lusitano, longe de parecerem menores, parecem emancipados ha muitos annos.

Pedro Corrêa



N'uma era em que todos sacrificam os outros pelos respectivos interesses, Pedro Corrêa passou a vida a sacrificar-se pelos interesses dos outros.

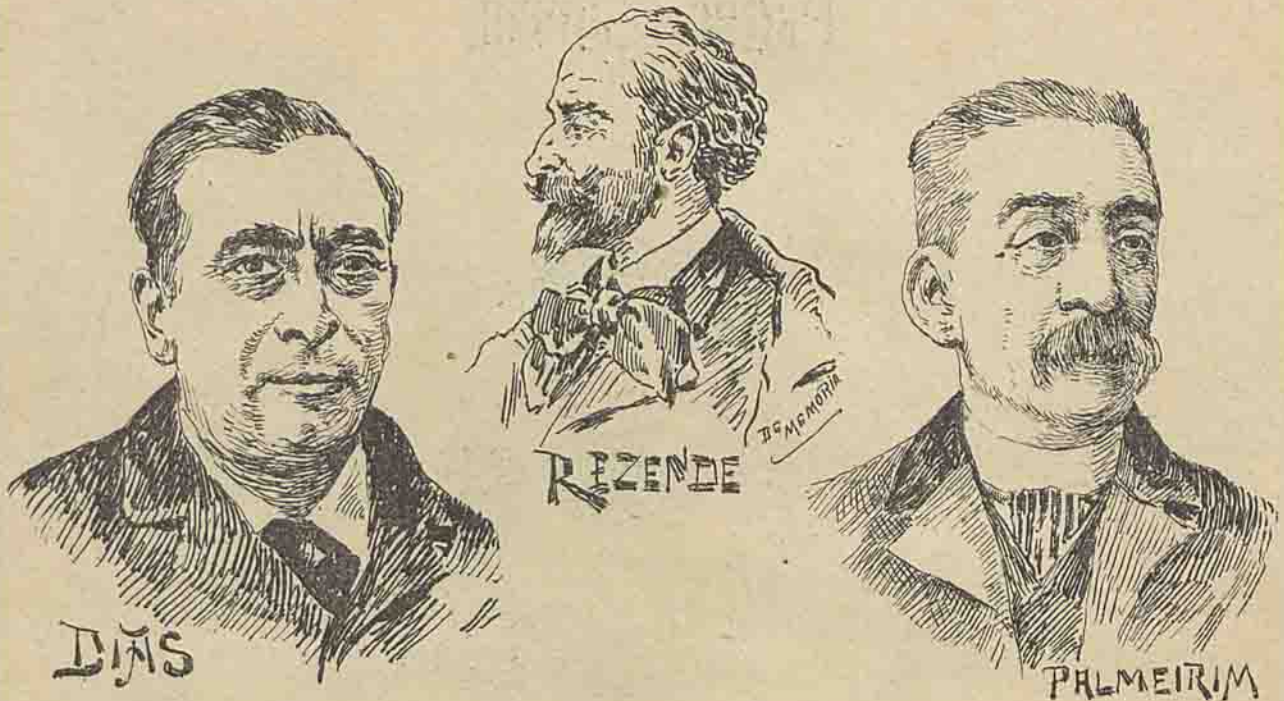
Bom, na mais larga acceção do vocabulo, Pedro Corrêa era, na nossa sociedade, um deslocado: S. Francisco de Salles dandynando no boulevard dos Italianos.

Não repartiu a sua capa, como S. Martinho, porque as capas morreram como as perucas, mas agasalhou muitos nós, matou muita fome, callou muita dor.

Teve uma infinidade de profissões: foi deputado, par do reino, jornalista, editor, etc. etc.

Acima, porém, de todas as honrarias que lhe foram dadas pela munificencia official: Pedro Corrêa teve na nossa sociedade um titulo que a consciencia dos agradecidos, que os leaes e justos formaram de estrellas e prenderam ao seu nome: foi um Bom entre Maus, um cordeiro entre lobos, um esmolero entre salteadores.

TREZ MORTOS



Tres mortos: o pintor Rezende, o actor Dias e Luiz Palmeirim.

Os seus nomes não serão tres estrellas no futuro, mas ficam na memoria dos que os conheceram com o prestigio das suas puras intenções e a pureza das suas vidas.

Rapidamente populares, um pelas suas téas, outro pela sua graça, o terceiro pelas suas canções, foram como tres castos que se apaixonassem por uma leviana: que outra coisa não é a popularidade senão uma leviana. Os tres passaram sob arcos de triumpho, mas as flores dos arcos murcharam com rapidez.

Ingenuos, n'uma era de depravados, pelos seus ideaes humanos, immolaram as suas aptidões.

Tres illudidos, que accenderam velas bentas e queimaram incenso deante d'uma mulher facil, que enganadoramente se lhes apresentou como sendo a Virgem Maria.

BIBLIOGRAPHIA

Saudades, por Julio Brandão: Marcha cada vez mais luzida a phalange dos Novos, dos que aniquilam, a golpes de genio, as estheticas calvas e paralyticas. No meio d'essa phalange, acaba de fulgir um novo gladio, brilhante e lunar: o livro de Julio Brandão, livro todo de meias tintas, de crepusculos, de cores apagadas, de surdinas.

Pouco accessivel, como convem ás verdadeiras obras de tarde, este volume é igual á septima estrella das Pleiades que só é vista pelos Predestinados.

Que Julio Brandão consiga chegar á torre da Gloria, Nossa Senhora.

O sr. Alferes, por Augusto de Mello. Romance de costumes alemtejanos, quatrocentas paginas de cursiva prosa, correndo facil como um fio de oleo sobre um marmore.

Discurso, pelo conde do Casal Ribeiro. Foi impresso o famoso discurso pronunciado na camara

dos pares, pelo illustre parlamentar conde de Casal Ribeiro, ácerca do tratado de commercio entre Portugal e Hespanha.

Vinte minutos de interessante e levantada leitura.

ARVORE DO NATAL

Os srs. Grandella & C.^a tiveram a gentileza de nos enviar vinte e cinco das tres mil e quinhentas cartellas que, distribuidas pelos pobres, darão a estes direito aos premios que hão de formar a arvore do Natal, exhibida no famoso armazem da rua do Oiro, nos dias 24 e 25 do corrente.

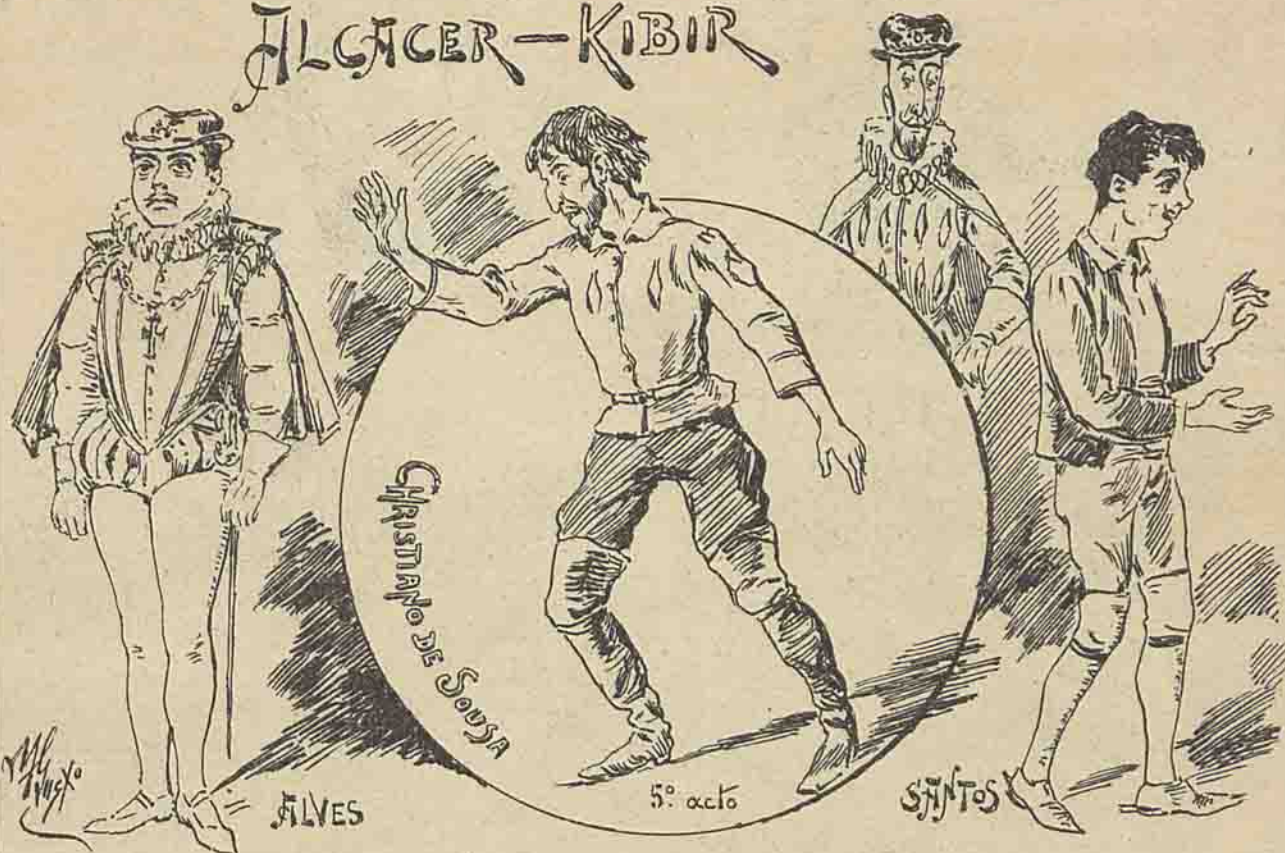
Os nossos louvores pela sua caridade, os nossos agradecimentos pela sua amabilidade.

KALENDARIOS

Pequeninos kalendarios abrigados por lindas laminas de marfim—tal o brinde que o camiseiro Pitta distribue pelos seus freguezes. Ficamos-lhe muito agradecidos pelos exemplares que nos enviou.

TREZ NOVOS

ALGACER-KIBIR



A estreia do novo actor Christiano de Sousa foi rica de promessas. Novo, inteligente e agarrado ao seu ideal com uma persistencia de ferro, que o seu caminho seja todo de velludos macios e de triumphos estrepitosos. Que a Gloria pague com largueza a sua coragem, coragem que o levou a dar um salto mortal por cima das convenções, trocando a existencia serena que podia ter pela aspera, espinhosa vida scenica.

A Alves e a Carlos Santos, tambem os nossos applausos sinceros.

LUVARIA SERTORI

Novidade no Porto



—Olá, que tens, que vens tão macambuzio?
 —Estou atrapalhado porque quero presentear a minha namorada e não encontro nada de novo...

—Isso é facilimo, meu caro. Vaesá casa Sertori, que este anno apresenta uns lindos chromos, com um simulado bilhete de visita, onde escreves o que quizeres. Mettes o chromo n'um envelope, juntamente com um cartão numerado.

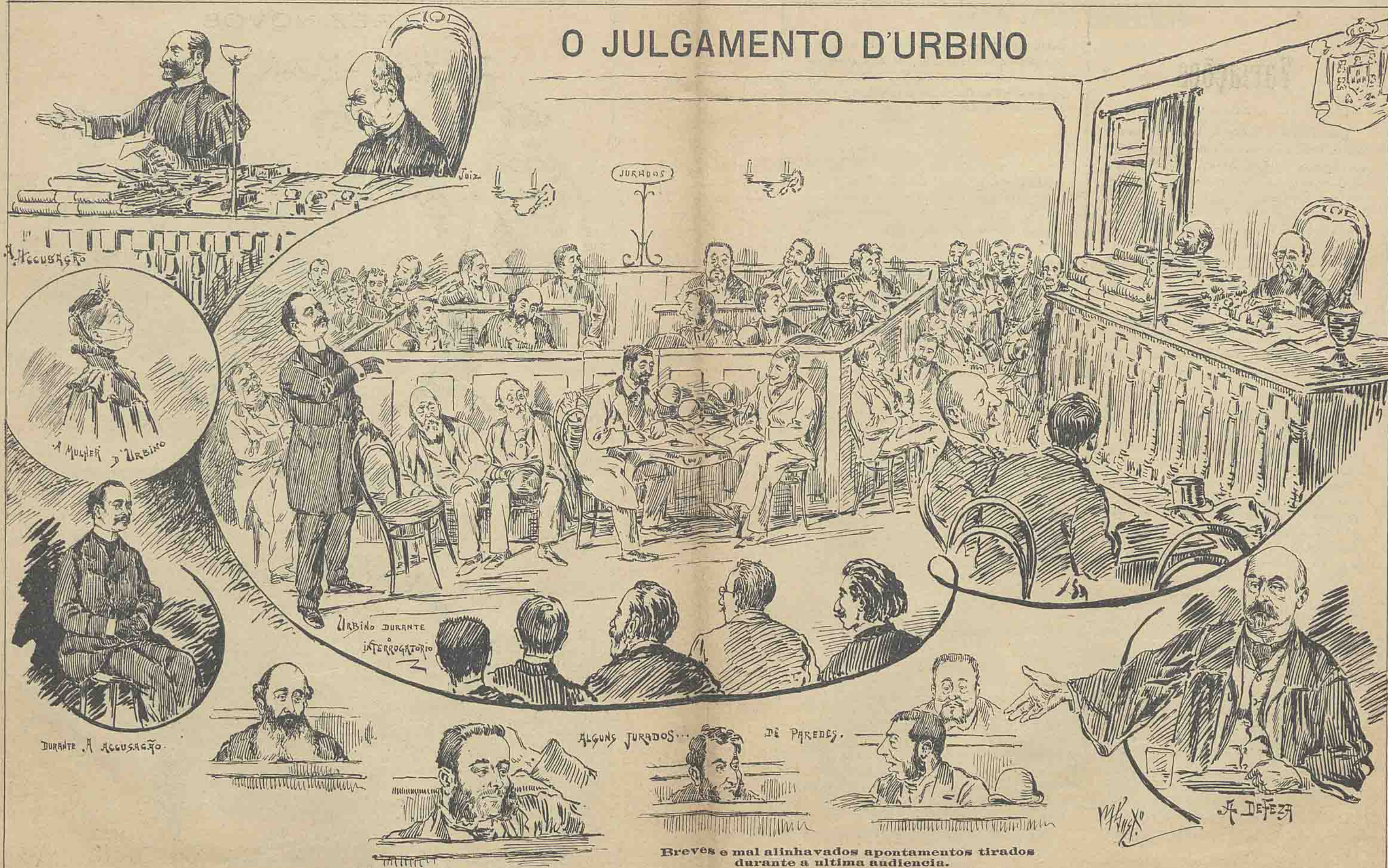
—E depois?
 —Depois manda-lh'o e em troca do cartão numerado ella pôde reclamar na luvaria Sertori, rua de Santo Antonio, o brinde correspondente.

—Oh! mas isso é muito original, evita muita massada e dá-lhe o prazer da surpresa.
 Bôa ideia, seu Soares!



PORTO — 207, R. de S.º Antonio, 211 — PORTO

O JULGAMENTO D'URBINO



Breves e mal alinhavados apontamentos tirados durante a ultima audiencia.

(N'uma pessima posição)

Variações

Entre alegrias e desesperos, as alegrias dos governamentais e os desesperos da opposição, acaba de realizar-se o supremo desejo d'aquelles: a dissolução da camara dos deputados e da parte electiva da camara dos pares.

Tão importante caso córta de asperas insomnias o doce, macio viver dos governamentais e opposicionistas, cujos olhos tão somnolentemente se apresentam, que mais parecem janellas vertendo colchas de demasco violeta, á passagem da procissão de Passos, do que olhos de gente.

A contemplação de tão cavadas olheiras pinta de carmim as faces do meu egoismo, que sinceramente se humilha ao topar com o rasgado altruismo dos politicos lusitanos. Enquanto esses altruistas senhores passam noites em clero, meditando sobre os escuros problemas da nossa escurissima administração, sacrificando ao bem geral o seu socego particular, iverosivelmente me surprehendo a compor byzantinismos culinarios para os meus almoços e a escolher, em raras bibliographias, raros manjares para o meu voluptuoso espirito...

No meio, porem, do meu extasiado amor de mim mesmo e da minha frigida indiferença pelo proximo, acordo ao ruido das discussões suscitadas pelo caso que serve de thema a estas variações, ruido tão intenso e agudo que me obriga a assomar á janella da minha Torre de Marfim, certo de que, *em baixo, na rua onde todos passam*, se passa qualquer coisa de extremamente grave, tão grave, a julgar pela barulheira que me desperta, como as heresias de Lutero, a morte do conde de Andeiro e a restauração de 1640.

Preguiça e desdem não me deixam descer, para indagar a razão do tumulto.

Amiga da minha inercia, eis porém, que vejo luzir os oculos da minha visinha, que, poupando-me vans passadas, me explica:

—Não é nada, visinho, vamos ter eleições...

Da minha janella, com a curiosidade que, ás vezes, me leva ao Jardim Zoologico, vejo os politicos cortando o ar com gestos de entusiasmo e indignação. E, a despeito da desdenhosa resposta da minha visinha, os olhos d'elles, canteiros de violetas, tão carregados de olheiras me apparecem que, infantil-

mente, deixo a razão pela piedade, pondo-me á cata do solemne motivo que os impede de cerrarem os olhos, quando Morpheu, morphina da Dôr, surge como um anjo da Guarda, no seu papel de obliterador de dôres e preoccupações.

*

* *

As eleições!

Se elles se mortificam tanto com as eleições é que estas devem ter uma importancia de primeira grandeza na paz e felicidade da nação. Partindo d'este principio, grito, cá de cima, a um que vocifera lá em baixo:

—Mas porque não queres tu as eleições?

—Porque adoro acima de tudo a Justiça, porque a minha Nossa Senhora é a Linha Recta.

E pergunto a outro que se exhibe alegre como um arraial:

—Mas porque queres tu as eleições?

—Porque precisamos consultar a vontade da nação.

*

* *

A Justiça! A vontade da Nação!

Como se houvesse justiça! como se houvesse nação com vontade!

—Bem vos conheço, mascaral!

Bailae, vociferae, cantae, fingi! Não é com as vossas attitudes que lograreis encobrir as vossas intenções.

Como se não soubessemos o que são as eleições!

Que elles teem razão: os do governo não querem descer e os da opposição querem trepar.

Mas que sejam coherentcs: deem liberdade ás casas de batota pois que está decretada a batota eleitoral.

*

* *

Fechemos a janella sobre toda esta porcaria.

Isaias comeu o esterco dos bois: o povo portuguez na sua passividade, é capaz de comer os dejectos humanos.

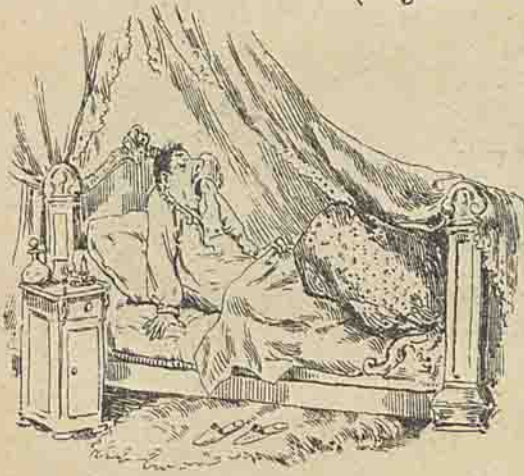
Haja um aureonata, que, duas horas antes da sua ascenção, tome um purgante, e, na sua passagem sobre a Avenida, n'um domingo d'inverno, o referido povo receberá... a sementeira do referido aureonata como se fosse... maná.

Eu.

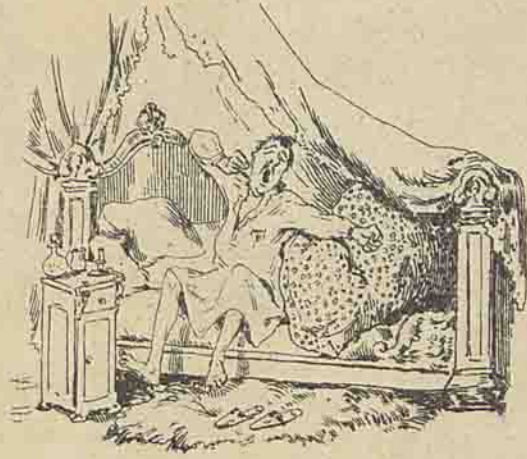
DIARIO D'UM GOMMOSO

CONTO MOVIMENTADO

(Original de R. Bordallo Pinheiro)



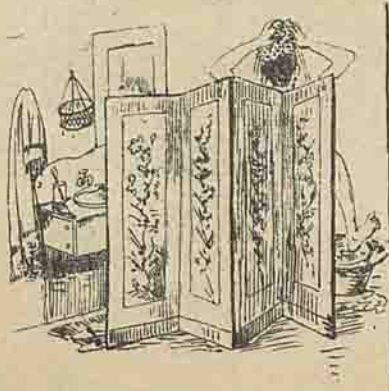
Melo dia. Primeiro movimento



Segundo movimento



Terceiro movimento



Quarto movimento



Quinto movimento



Sexto movimento



Setimo movimento



Oitavo movimento

(Continua na pagina seguinte)



Nono movimento



Decimo movimento



Undecimo movimento



Duodecimo movimento



Decimo terceiro movimento



Decimo quarto movimento



Decimo quinto movimento



Decimo sexto movimento



Decimo setimo movimento

(Continua no proximo numero)

A vida de Nun'Alvares.



Oliveira Martins.

A vida de Nun'Alvares

Magnifico livro, onde á mais alta erudição se alia o mais apurado e luminoso estylo, livro que é, entre os livros modernos, o que o actual rei de Hespanha foi entre os seus collegas: nasceu rei.

Não precisa que o tempo passe para ter um lugar na historia da litteratura portugueza: tem desde já um lugar dos mais ambicionados na primeira fila, cadeira de braços cheia de velludo e oiros, longe da palhinha da geral e do pinho duro do paraizo.

Variações

Fim do anno.

O moribundo não deixa saudades: elle que passou a vida a judiar com a gente, semeando sobresaltos, derramando pavores, chegado á beira da cova, lança-nos um testamento c'e fazer irritar o resignação de Job, um testamento cujo mais doce legado é constituido por algumas dezenas de bombas de dynamite.

N'estes momentos de transição, é costume botar os olhos para o futuro, calcular, pelos processos de uma magia rudimentar, a attitudo, as apparencias e a gesticulação dos tempos que se acercam.

D'esta vez, todas as observações feitas n'um tal sentido, parecem viuvas carregadinhas de escumilhas e crepes.

Em balde se busca surprehender detalhes. O nevoeiro é cada vez mais denso.

Mais do que a guerra hispano-marroquina, do que a revolução brasileira e do que a geral e crescente anemia financeira, a grande preocupação da actualidade é o anarchismo, ainda ha pouco tão violentamente manifestado em Barcellona e em Paris.

A Europa estremece diariamente á leitura dos jornaes que, em successivas noticias, dão conta da pasmosa, inacreditavel propagação da seita negra, que, no fundo de quasi inacessiveis antros, prepara vingadoramente a aniquilação das classes afortunadas.

Pondo de banda a dissecação philosophica d'um tão grave factio, por agora eu só quero assignalar aqui o alto espanto de que me sinto possuido ao contemplar o sangue frio, a falta de enthusiasmo com que a natural preversidade humana, tão magistralmente descripta por Edgard Poe, se deita a dormir precisamente na hora em que, por coherencia e dignidade proficional, deveria explorar o susto derramado pelos anarchistas.

Imagine se que alguém lançava do gallinheiro sobre a plateia de S. Carlos uma inoffensiva caixa cheia de papeis. Irresistivelmente, havia de ouvir-se um grito—*dynamitel*! e o panico seria infernal, fugindo uns atropellando-se outros, pisando-se, batendo-se, desmaiando.

Imagine-se que d'um quarto andar da Avenida alguém lançava sobre as arvores uma bomba de pataco. expellida de fórma que rebentasse no ar... para não fazer mal. A Avenida seria como uma cidade condemnada, como Sodoma ou Ghomorra, em dia de vingança divina. Toda a multidão fugiria desvairada como se, em meio da multidão, tivesse apparecido um leão hydrophobo.

Imagine-se que alguém se lembrava de enviar aos ministros que nos governam, mysteriosos embulhos simulando machinas infernaes. Em cada domicilio correria um pavor mortal, toda a policia seria posta em campo, e, tremulos, os chimicos desceriam aos respectivos laboratorios a examinar as terribeis machinas.

Imagine-se um innocente rastilho ardendo, á noite, á porta d'um palacio; imagine-se... o que se póde imaginar!

E nada d'isto se faz!

Decididamente, o demonio da preversidade anda muito arredado das sociedades modernas. Deitou-se a dormir, cansado de fazer partidas, ou fez-se trapista, mordido pelos remorsos.

Vivemos entre anjos. A preversidade contemporanea está sendo uma preversidade relativa, tenue e leve como teias d'aranha.

Sob o ponto de vista da preversão, sob o ponto de vista da rebelião das vontades naturaes contra o convencionalismo, o nosso paiz está n'um pé de excepcional atrazo. A prova d'isto reside na evidentissima ancia com que procuramos attingir certos byzantinismos que, punidos por todos os codigos penaes, são, ne entanto, um dos caracteristicos das nações civilizadas. Todos se lembram da alvorçada alegria—aquí notada por mim—com que os portuguezes acolheram a probabilidade de vir a ser reconhecido cidadão portuguez o famoso Jack o mysterioso terror dos bairros pobres de Londres. Grande foi a melancholia, negro o desapontamento, quando a probabilidade murchou.

Não temos maneira de attingir o nosso ideal criminoso. Preferimos naturalmente a simplicidade á complicação, o que nos é sobejamente demonstrado pelo constante prestigio das artes populares—geralmente simples e normaes—e pela guerra aberta com que recebemos todas as estheticas mais ou menos singulares e ineditas.

Assim, temos de appellar para a resignação, para a *Imitação de Christo*. Nunca seremos criminosos de genio, jámais deixaremos de cultivar o *logar-commum* do crime.

A nossa grande gloria continuará sendo o Diogo Alves, um maniaco banal, que, do alto dos arcos das agoas livres, se dava a estudar as leis da quedas dos corpos.

Eu.

THEATRO DE D. MARIA

Segunda, 8, no theatro de D. Maria, beneficio do actor Alfredo dos Santos, que, para a sua festa, escolheu a *Leonor Telles*, de Marcellino Mesquita.

E' inutil vestir a tunica dos prophetas para prophetisar uma noite de larga concorrência e abundante alegria.

COLYSEU DOS RECREIOS



O Colyseu dos Recreios está sendo o palliativo salvador para as grandes dôres que nos vão retalhando, a gomma elastica com que apagamos todas as grandes preocupações: a ruina economica, o descredito nacional, o anarchismo, etc, etc.

Companhia alegre e espirituosa, temperada com o famoso sal de Lutecia. Um piparote dado com dedos graciosos na testa das graves melancholias, um dominó alegre correndo pelo Chiado abaixo, depois da passagem da procissão de Passos.



La Grande Dame é, sem contestação, o mais artistico, o mais amavel e o menos industrial dos jornaes expressamente escriptos para senhoras. A par das mais curiosas e bem lançadas prozas, as mais esvelas e finas illustrações. Todas as informações sobre o mundanismo moderno; as modas encaradas como um districto esthetico e não como a salvação das modistas; notas sobre a pintura, a litteratura, a musica e o theatro.

Requisições á livraria Fern.

THEATRO DE D. MARIA

Casamento de Olympia



S. CARLOS



GARRERA. (Soprano)

DIRCLÉE. (Soprano)

MENDIOROZ. (Soprano)



MARINA. (Tenor)

DUC. (Tenor)

MATEI. (Tenor)

RITTERSHIUS. (Tenor)



LANZONI. (baixo)

SCARAMELLA
(barytono)

SABELLICO. (baixo)

Retratos dos principaes artistas que estão trabalhando em S. Carlos, onde uma companhia de primeira ordem está unindo o *util* ao *agradavel*, preenchendo as noites mundanas e educando o nosso publico na alta e um tanto hermetica arte wagneriana.

DIARIO D'UM GOMMOZO

CONTO MOVIMENTADO

(Original de R. Bordallo Pinheiro)

(Continuação do numero antecedente)



Decimo oitavo movimento



Decimo nono movimento



Almoço e continuação



Intervallo



Continuação



Intervallo



Vigessimo movimento



Intervallo



No Chiado. A' porta do Gomes

DIARIO D'UM GOMMOZO



A' porta da Havanaeza



Muda de fato e...



jantar. Depois



Faz a Avenida



Torna a mudar de fato e tem um...



Theatro



intervallo antes ds...



Intervallo

(Conclue no proximo numero)



Editor: J. GARCIA DE LIMA.—Sede da Administração: LARGO DO CALHARIZ 12 1.º
 LITHOGRAPHIA DA COMPANHIA NACIONAL EDITORA, Largo do Conde Barão.
 IMPRENSA MINERVA, Travessa da Espera 12 a 14.

P.
 C. chrom.